REVISTA DA SEMANA

N. 26 26-6-54 — Cr$ 5,00 em todo o Brasil



NOTÁVEL! O ANUÁRIO DO ESPORTE ILUSTRADO

Cr.$ 20,00







1951

1952

1953

1954

BREVEMENTE EM TÔDAS AS BANCAS

REVISTA DA SEMANA

ANO LI — Nº 26 RIO DE JANEIRO 26/6/54

SUMÁRIO

REPORTAGENS
O Brasil luta e vence na Suíça........ 4/ 8
O Rio convida à Morte.............. 11/15
Churchill tentou salvar Mussolini...... 20/24
O número da cabala.................. 36/37
Nem só de pão vive o homem......... 40/41
A banana gera uma crise internacional 44/45
Os bonecos de Alvarus.............. 46/47
Exército da Maconha no Rio........... 52/54
A elegância de Marlene.............. 56/57
DIVERSAS
O Duplo.............................. 28/29
Santo Pio X......................... 30/31
HUMORISMO
O Riso dos outros.................... 38/39
Cuco.................................. 59
SEÇÕES
Champanhota......................... 9
Rádio................................. 10
Por êsse mundo de Deus.............. 16/17
Semana Astrológica.................. 18
Página dezenove...................... 19
Cinema................................ 25
Plantão noturno....................... 26/27
Femininas............................ 32/35
Show.................................. 43
Palavras Cruzadas.................... 48
Literatura............................ 49
A semana acabou assim............... 55
Flash paulista........................ 58
Último flash.......................... 58

CAPA
MARLENE, numa foto de Alexandre Miranda

Redator-chefe.....................Joel Silveira
Assistentes......Hélio Abreu e Leon Eliachar
Paginação.........................Victor Tapajós

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933. — Propriedade da

COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA
Diretor...........................Gratuliano Brito
Redator...........................Renato de Alencar
Desenho...........................Alberto Lima
Assistente de Publicidade..J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores......S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Santana e A. Nóbrega

ENDERÊÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES
Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO
Sucursal: Av. Ipiranga, 879 - 3º andar, conjunto 35. — Telefone: 35-0351.
Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano..	Cr$ 250,00
Seis meses...............	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano....	Cr$ 280,00
Seis meses...............	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano....	Cr$ 400,00
Seis meses...............	Cr$ 200,00

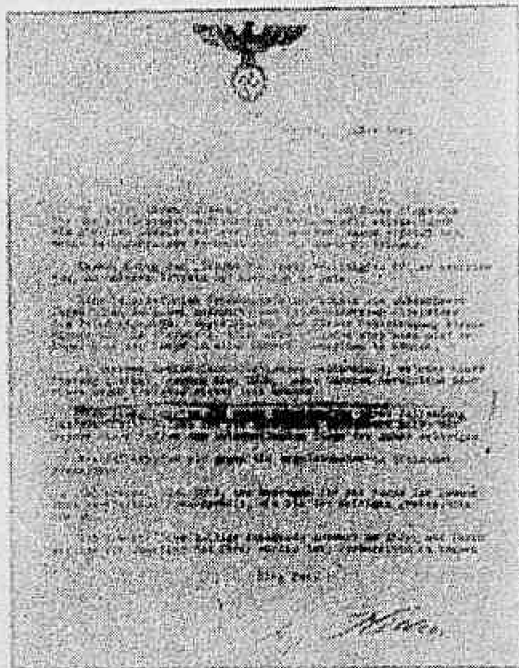
O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 60 páginas.

CINCO HISTÓRIAS RESUMEM O BRASIL E O MUNDO



Página 4: O mundo inteiro está chutando na Suíça.



Página 20: Mussolini deixou uma bomba de retardamento.



Página 36: Conceição perdeu o negócio e vai perder o mandato.

● Prezado leitor:

Você pode atestar que, nesta fase do nosso semanário, estamos procurando seguir passo a passo a marcha dos acontecimentos nacionais e internacionais, esforçando-nos por focalizá-los através um prisma de imparcialidade e de precisão. É evidente que nem sempre conseguimos o nosso intento de realizar uma completa «cobertura» dos acontecimentos da semana, no mundo e no Brasil, mas, paulatinamente, com o melhor aproveitamento do nosso espaço e, de futuro, com a ampliação da própria revista, estaremos em condições de oferecer aos nossos leitores o máximo de informação através um máximo de reportagens.

Veja o leitor, folheando êste número da REVISTA DA SEMANA, que a maioria das reportagens trata de assuntos em foco, palpitantes e atuais. Assim é a história do «dossier» secreto de Mussolini, cuja divulgação alvoroça a Itália e a Europa inteira; igualmente atual é tudo o que se refira à «Copa do Mundo», e a respeito do importante torneio publicamos hoje uma ampla reportagem; atual também é a reportagem sôbre a escandalosa barganha, verificada na Assembléia paulista, em tôrno de um projeto de aumento de salários, no qual tão comprometida se encontra a sra. Conceição Santamaria. Outros acontecimentos em foco são também abordados neste número — como a «Batalha da Maconha», a ser desencadeada nos próximos dias pela polícia carioca, e o problema do trânsito no Rio, velho pesadelo sempre na berlinda.

A redação



Página 53: Vinte mil cariocas fumam maconha.



Página 11: A morte ganha longe do sr. Edgard Estrêla.

O BRASIL LUTA E VENCE

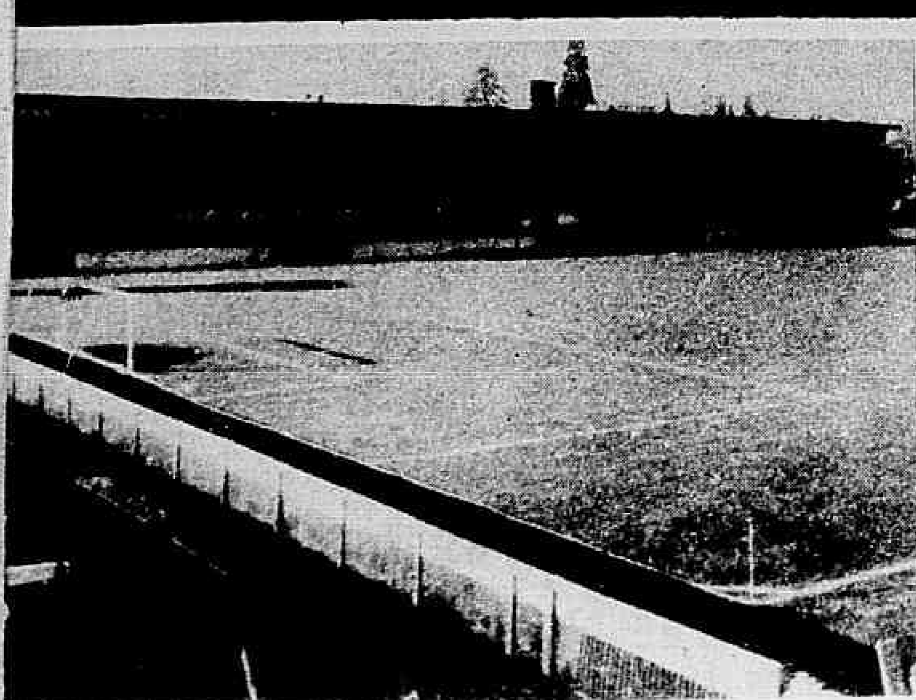


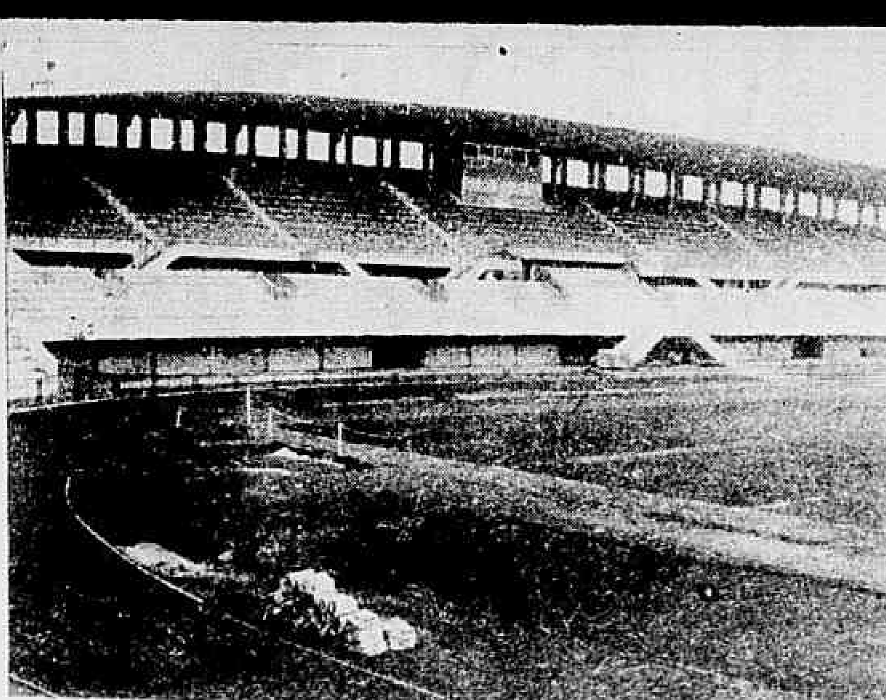
O PRIMEIRO «GOAL» DOS BRASILEIROS NA «COPA»: 23 minutos do primeiro tempo no jôgo com o México. Didi passa a Pinga, Pinga a Baltazar, Baltazar bem colocado recebe e chuta: «Goal»! Estava, assim, aberto o escore da seleção brasileira. Mais quatro viriam em seguida.

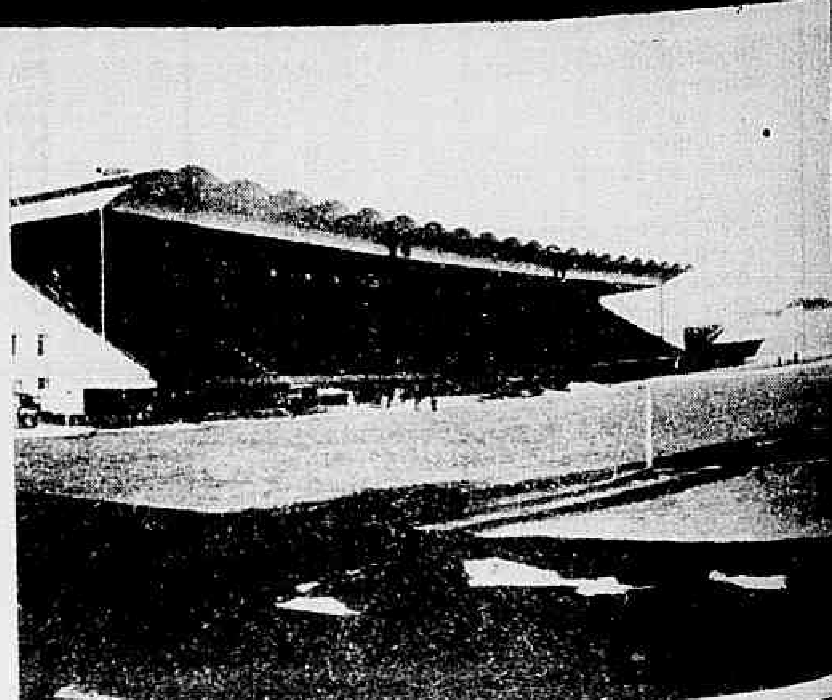
APÓS A INESPERADA QUEDA DA ITÁLIA E EM VISTA DO POUCO RENDIMENTO DA «CELESTE», O MUNDO ESPORTIVO AGUARDA O INSTANTE DA GRANDE LUTA ENTRE BRASILEIROS E HÚNGAROS ★ OS PUPILOS DE ZEZÉ MOREIRA VENCERAM O PIOR INIMIGO: A INIBIÇÃO.

Fotos de JOSÉ SANTOS

EM GENEBRA, LAUSANNE, BERNA, BASILÉIA, LUGANO E ZURIQUE O







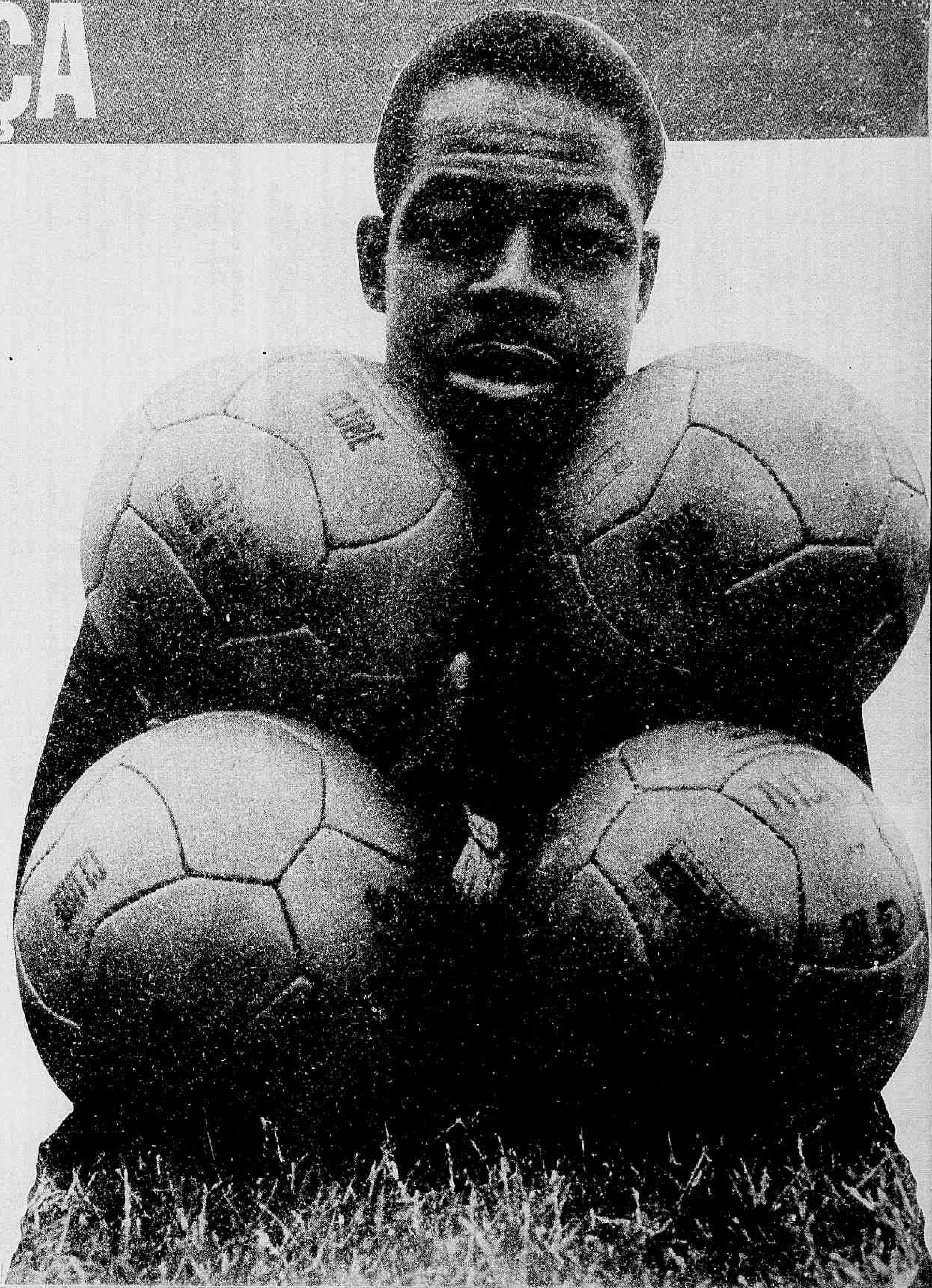
NA SUIÇA

APÓS os primeiros resultados da «Copa do Mundo», e segundo o balanço das primeira, segunda e terceira rodadas, não resta a menor dúvida de que a grande peleja do torneio internacional será mesmo a disputa, inevitável, entre o Brasil e a Hungria. Os jornais esportivos da Suíça e do mundo inteiro já falam no próximo encontro dos «dois gigantes», luta que, segundo um diário de Genebra, teria, entre outros méritos, o de arrastar a Genebra milhares de novos turistas e visitantes, vindos dos países vizinhos.

Até agora Zezé Moreira continua em maré de sorte: o conjunto brasileiro, que nos últimos treinos andou a desassossegar a torcida com um inesperado desequilíbrio, recuperou, no jôgo com o México (e, não tanto, no com a Iugoslávia) a sua homogeneidade, a sua segurança, livrando-se os seus jogadores das primeiras inibições e daquele nervosismo inicial que é quase uma constante dos nossos jogadores quando se apresentam em campos estrangeiros.

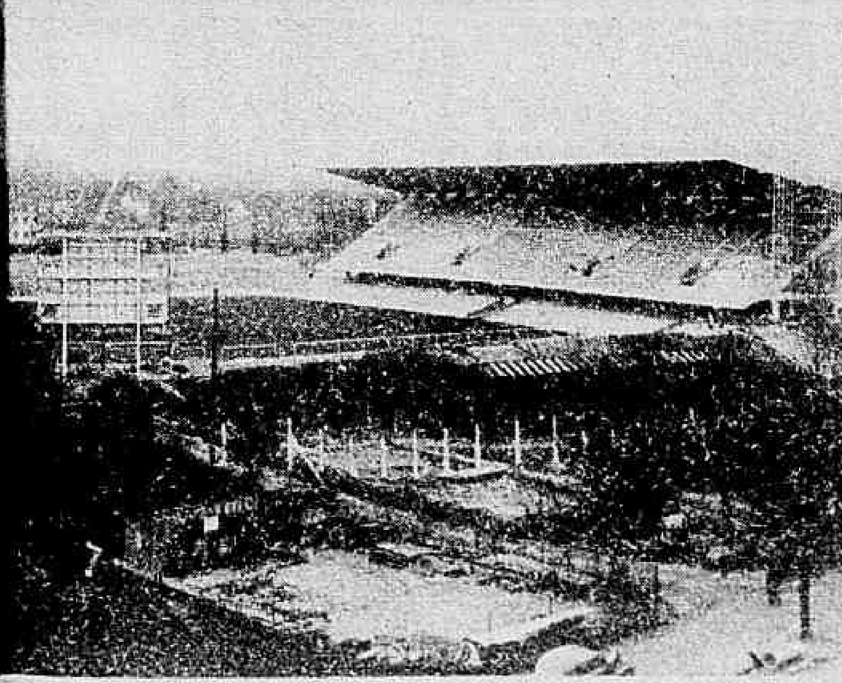
JOGAM O MESMO FUTEBOL OS DOIS FAVORITOS

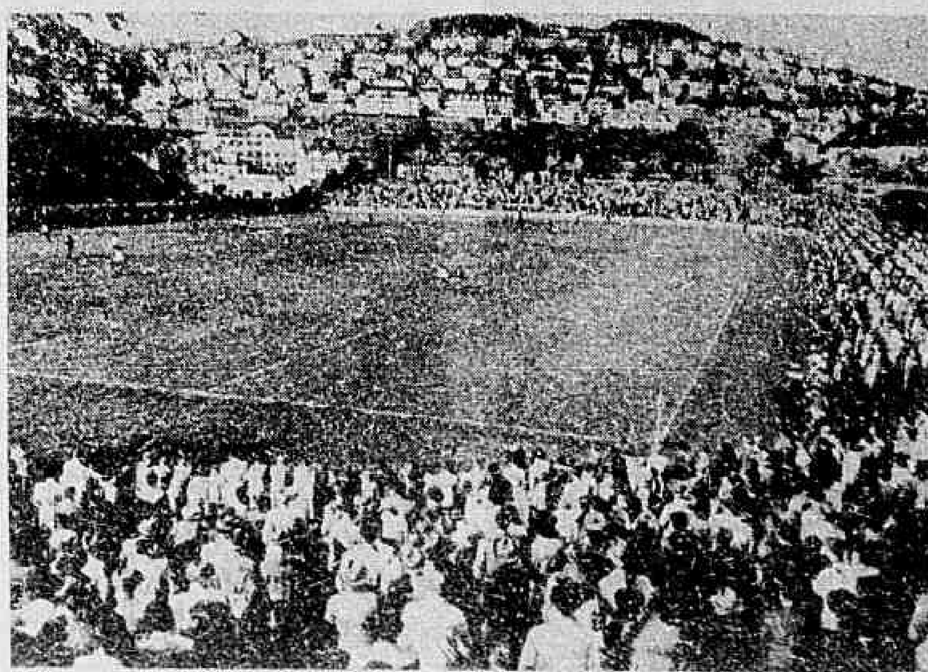
Outro detalhe a realçar, após as duas demonstrações do time brasileiro, é a maneira de como a crítica européia recebeu a vitória dos nacionais. Evidencia-se, pelo tom dos artigos e das reportagens escritos por comentaristas estrangeiros, que não reinava grande confiança, por parte dos técnicos europeus, em relação ao futebol do Brasil. Apontavam-se os brasileiros como adversários de valor, mas não como candidatos seguros ao campeonato. Agora, e particular-

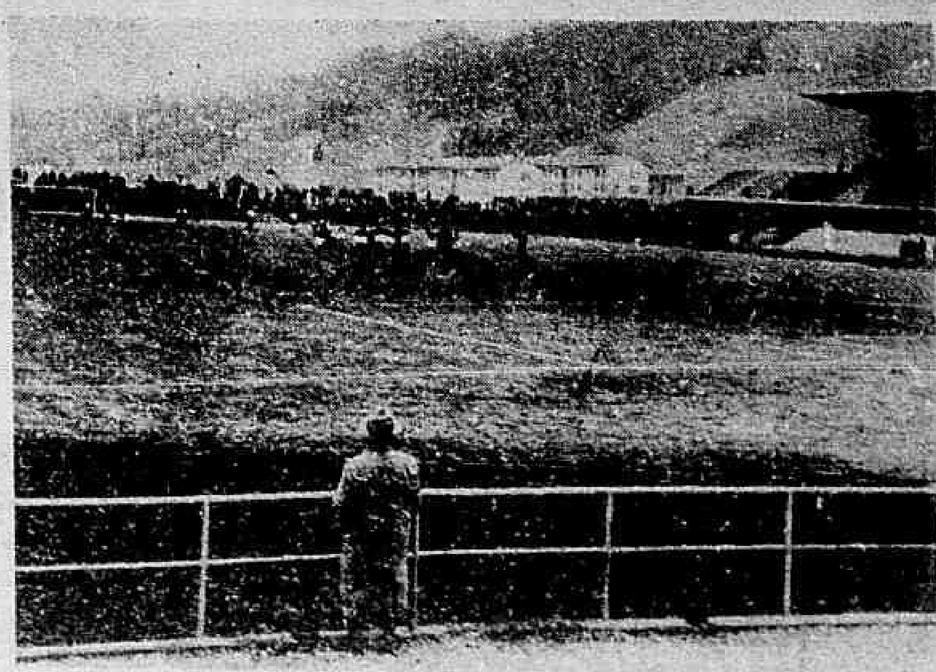


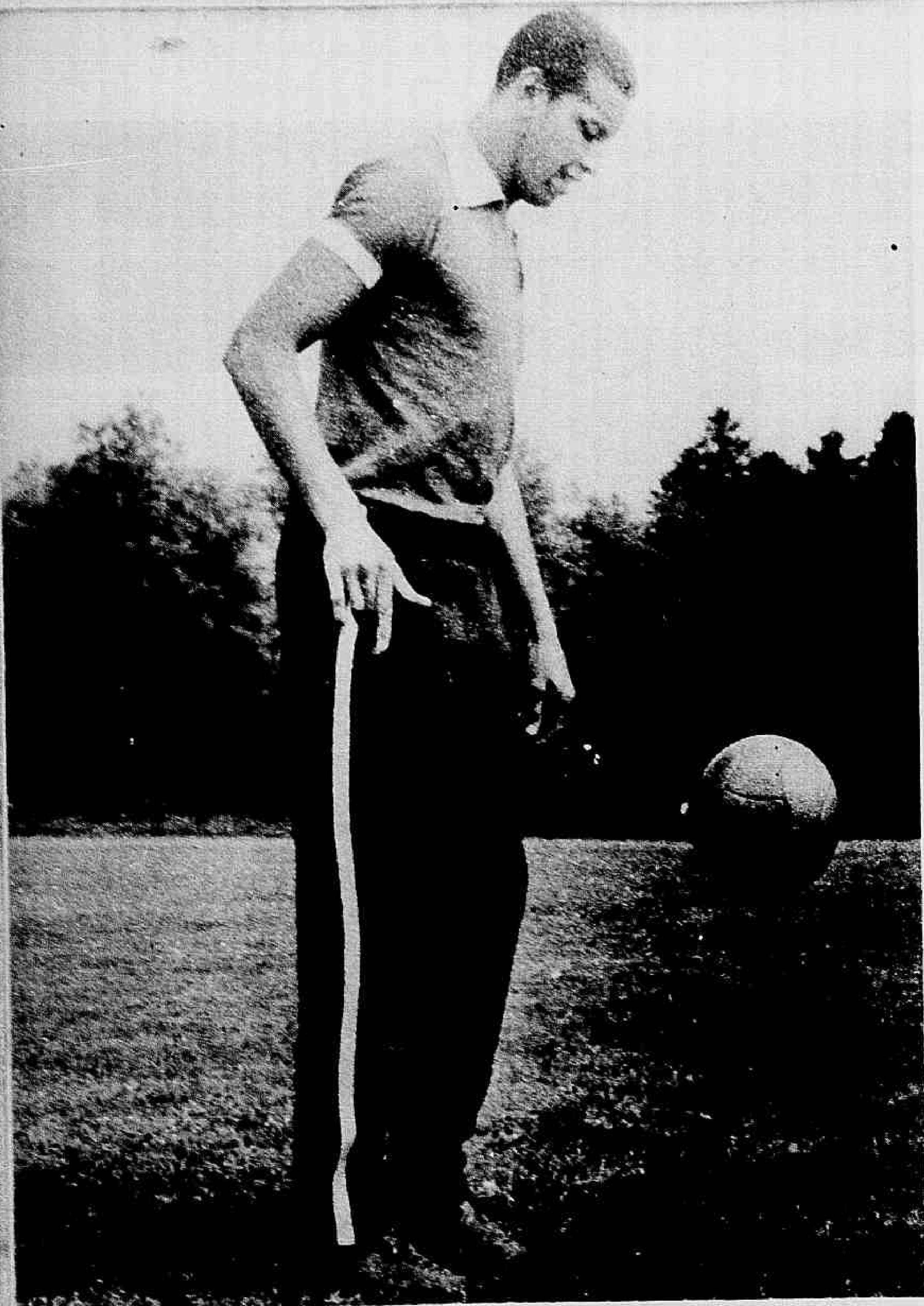
VELUDO, na reserva, aguarda o instante em que venha a ser solicitado. São ótimas as condições em que se encontra o esplêndido goleiro «colored», substituto de primeira ordem de Castilho.

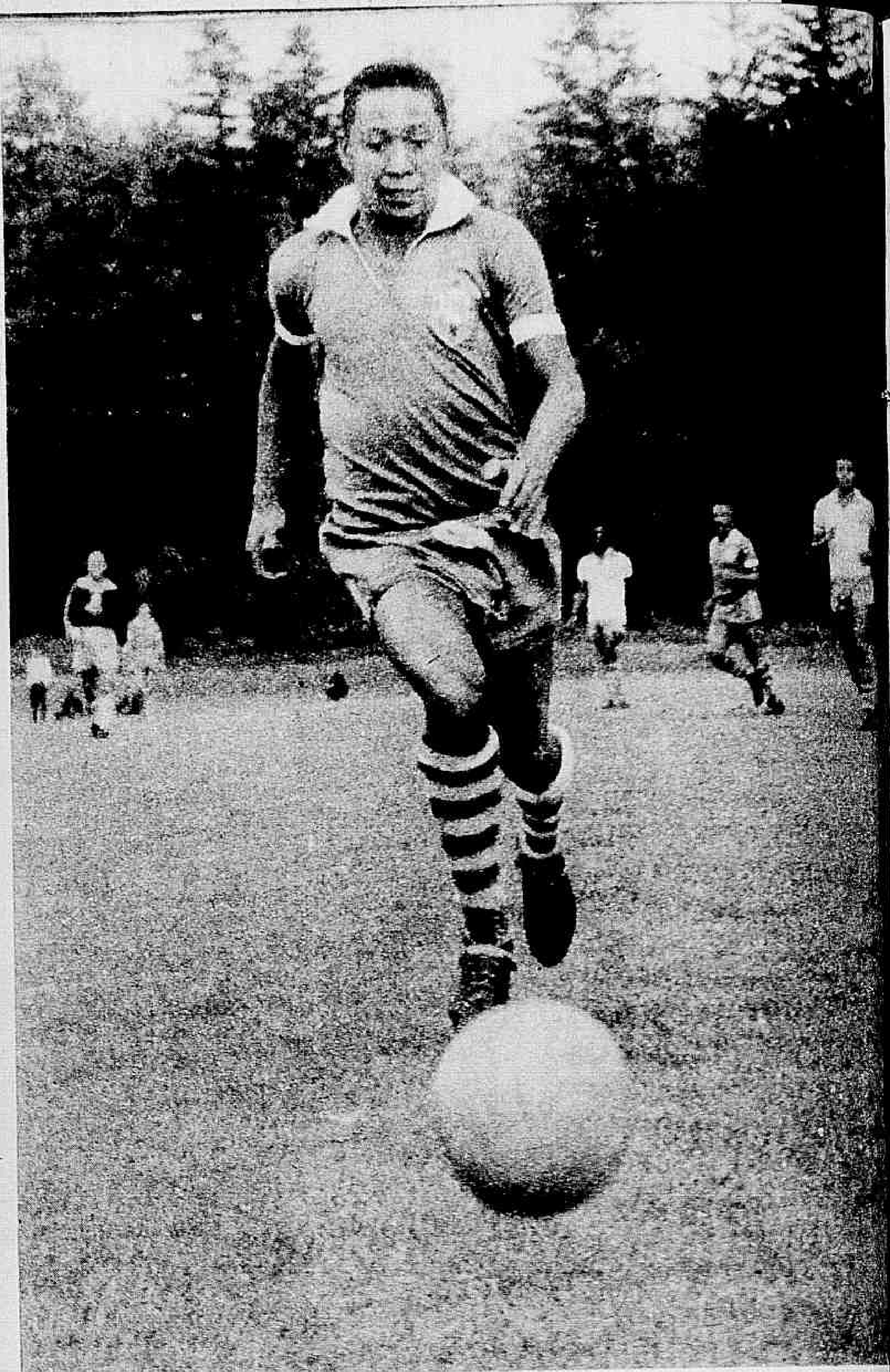
O FUTEBOL INTERNACIONAL CAVOU AS TRINCHEIRAS DE SUA GUERRA

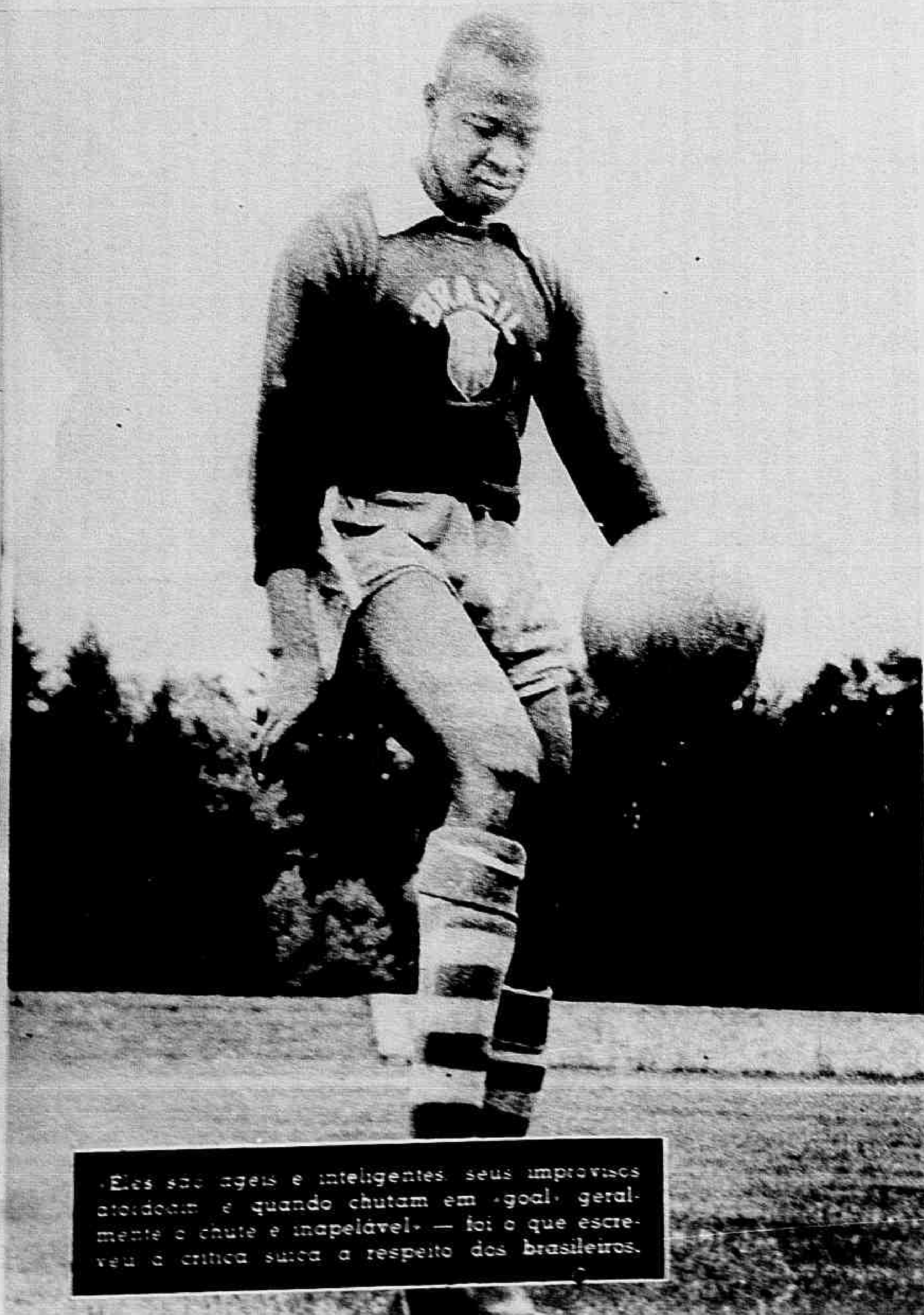












«Eles são ágeis e inteligentes; seus improvisos atordoam, e quando chutam em «goal» geralmente o chute é inapelável» — foi o que escreveu a crítica suíça a respeito dos brasileiros.



mente depois que a Itália foi inesperadamente vencida pela Suíça, os têrmos se invertem — e a grande batalha, conforme já assinalamos, vai ser mesmo entre o Brasil e a Hungria.

Dificílimo qualquer prognóstico a propósito dessa batalha, tão anunciada. Os húngaros, como os brasileiros, baseiam a sua técnica na agilidade e nos passes combinados; como os brasileiros, desprezam o jôgo individual para se integrarem, no campo, dentro de um esquema ràgidamente bem distribuído e que, de um certo modo, lembra o professorado do nosso Zezé Moreira. E, como os brasileiros, dispõem os magiares de uma defesa que se tem revelado, até agora, quase intransponível. O seu goleiro, Grosits, tem sido mesmo apontado como o «keeper» de mais envergadura e segurança entre todos (incluindo o brasileiro Castilho) os que já se apresentaram na atual disputa pela «Copa Jules Rimet».

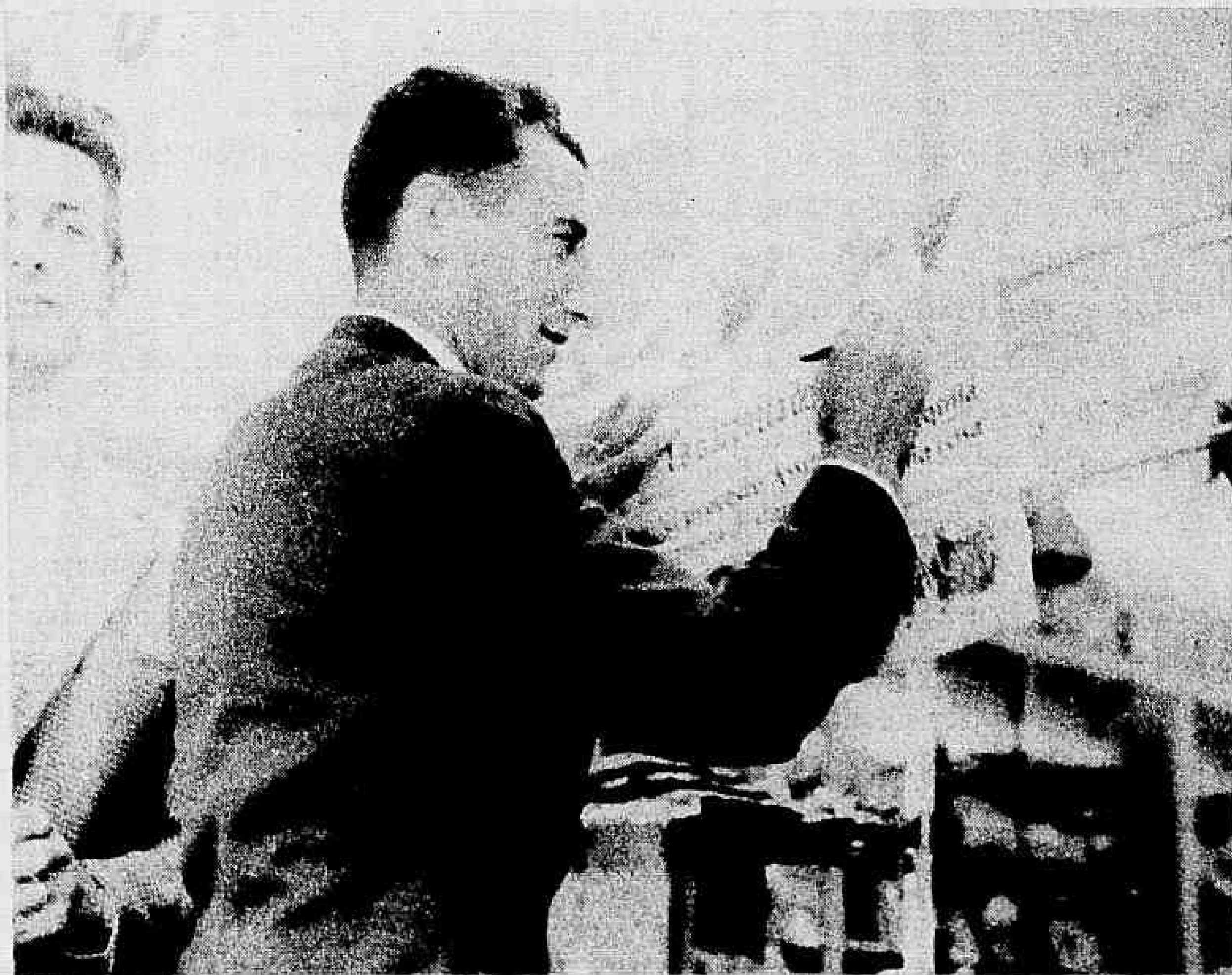
Ora, donos de características tão semelhantes e tão afins, não resta a menor dúvida de que os dois «times» terão que se empenhar 100 por cento para a conquista de uma vitória difícil e imprevisível.

OS SUÍÇOS TORCEM PELA HUNGRIA

O jornalista Benjamin Wright, enviado especial da REVISTA DA SEMANA e do «Esporte Ilustrado», manda-nos contar de Genebra a



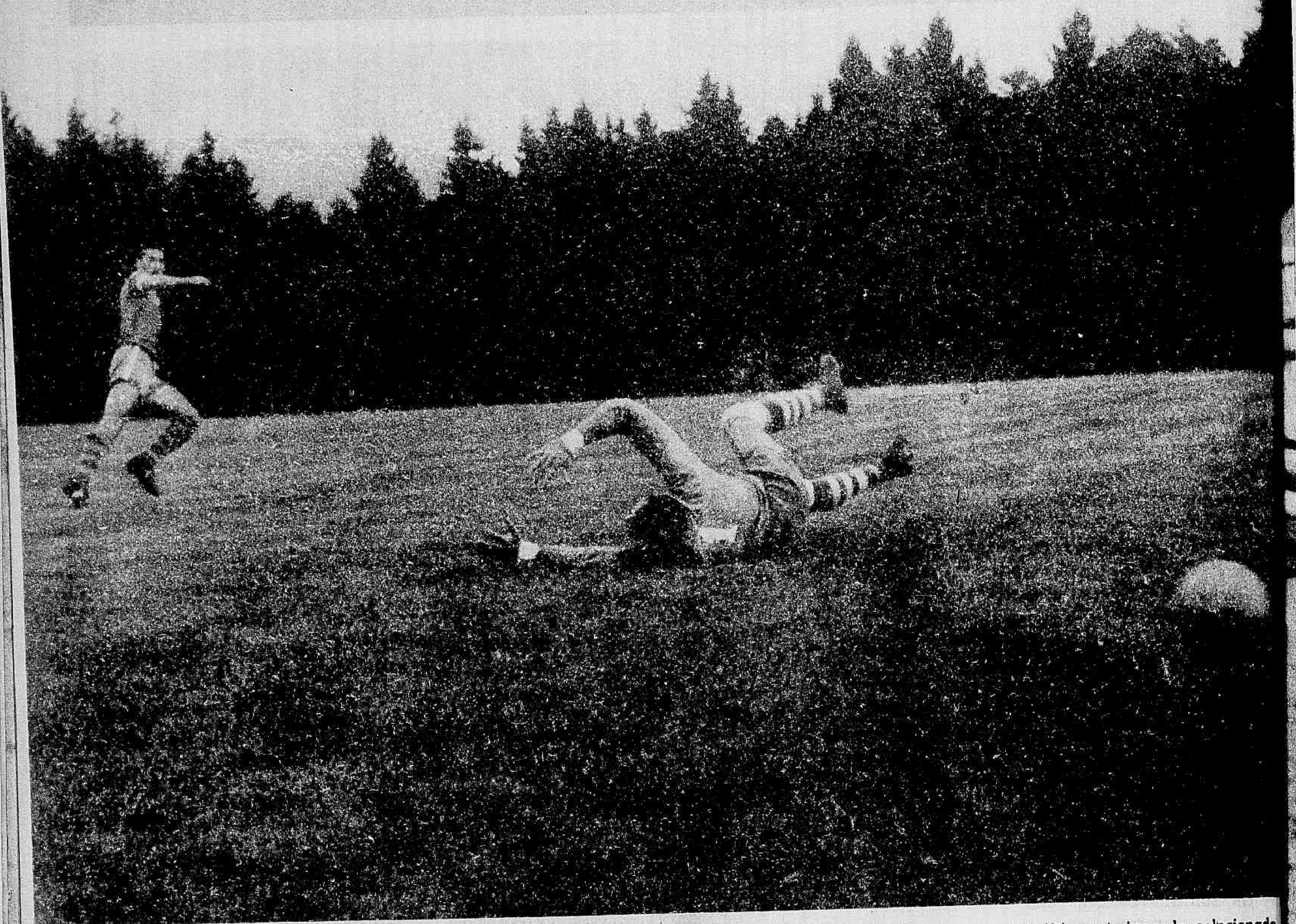
A gurizada de Genebra cerca os brasileiros quando êstes assistiam a um treino dos húngaros. Já no dia seguinte, os húngaros estariam assistindo, também, ao treino da seleção brasileira.





Pinga (à esquerda) autografa um exemplar de um jornal local. Muita curiosidade cerca os brasileiros em Macolin. Baltazar (à direita), tirou o bigode, emagreceu dois quilos e venceu (no jôgo com o México) o nervosismo inicial. «Confio nêle para muita coisa», afirmou Zezé Moreira.

O BRASIL LUTA E VENCE...



PINGA, o autor de dois tentos no «match» contra o México, aparece, na foto, quando supreendia Veludo num dos últimos treinos do selecionado. Pinga está sendo considerado na Suíça, pela crítica mundial, como um dos meias-esquerdas mais completos do futebol de todo o universo.



CABEÇÃO, o «terceiro goleiro» da seleção brasileira, num flagrante quando segurava um pelotaço de Baltazar, num dos treinos em Macolin.

maneira pela qual os suíços encaram a «Copa do Mundo» e qual a opinião que fazem a respeito das diversas equipes internacionais. Escreve o jornalista:

— Aquêles que já conhecem a Suíça, não chegam pròpriamente a achar muita diferença com relação ao movimento atual, quando se realiza a «Copa do Mundo». País essencialmente turístico, a Suíça não necessitou de grandes preparos para acolher os aficionados ao maior cotejo de futebol mundial. Não há como negar que o principal assunto é a «Copa do Mundo», muito embora tenhamos que confessar que o interêsse está aquém daquele que esperávamos encontrar. Não há, por exemplo, nem têrmo de comparação, com o interêsse despertado em nosso país quando da «Copa do Mundo» de 1950. Talvez por uma questão de temperamento, o suíço, principalmente o da parte alemã, é mais retraído, e o seu entusiasmo (caso se possa chamar assim) é dosado. Quanto à questão de dificuldade de acomodações, isto não chega a ser novidade, pois nessa época, em qualquer ano, sempre se torna necessária a reserva com uma certa antecedência, e isto o sabemos por experiência própria. Claro que os nossos amigos suíços tinham que valorizar a sua Copa, e daí todo o mistério, dificuldades, etc., em tôrno das acomodações. Esportivamente, as reações são as mais variadas, — muito embora a maioria deixe claramente transparecer o favoritismo da Hungria.

Os sul-americanos, brasileiros e uruguaios, são olhados com respeito, sendo que os torcedores locais apontam os nossos patrícios como os únicos capazes de balançar o favoritismo dos magiares. Os menos técnicos, e que portanto deixam-se levar mais pelo sentimentalismo, arriscam mesmo um prognóstico em favor do selecionado alemão...

Os Gualberto de Oliveira têm muitos metros quadrados perto do céu

PETER

O ACONTECIMENTO social de mais relêvo, nesta semana que acabou, foi a recepção oferecida pelo casal Otacílio Gualberto de Oliveira, bem perto do céu e com muitos metros quadrados para poder receber as dezenas de convidados que compareceram. Estêve tudo perfeito com o «buffet» do Vogue orientado pelo Barão Stuckart que armou pequenos fogareiros com a finalidade de manter os pratos sempre quentes. Presentes o embaixador Faria, de Portugal, sr. e sra. embaixador Francisco Gualberto, sr. e sra. Hugo Pinheiro Guimarães, sr. e sra. Sebastião de Almeida, sr. e sra. Waldemir Sallem, sra. Maria Luiza Melo, sra. Lucita Crespi, srtas. Dora Teixeira e Dóris Junqueira. A noite teve ainda o concurso do excelente Bené Nunes, Jorge Veiga, cantando samba pelo nariz e o cantor de couro Aldair Soares.

Foi perfeito o aniversário do casal Gualberto de Oliveira. Parabéns.

● **TÓQUIO É PARA JÁ**

Podemos informar com segurança e, provàvelmente, de primeira mão, que já se encontram em fase final os planos da Panair do Brasil para, entrosada com outra companhia, estender seus vôos regulares ao Japão. Na reunião do seu estado-maior, o sr. Paulo Sampaio disse que não ficará contente enquanto seus aviões não estiverem dando a volta ao mundo em vôos de carreira. E, se continuar do jeito que vem acontecendo, a coisa não demorará muito.

● **DA BOLA, A NOVA GERAÇÃO**

A srta. Ilde Garavaglia ofereceu na última sexta-feira um jantar à simpática srta. Ziza Sainati de Santi (da sociedade paulista), ao qual compareceram perto de 30 pessoas. Do jantar, que o «papo» esticou tanto que quase virou ceia, falarei depois com mais tempo e detalhes.

● **SEXTA FEIRA DA SORTE**

Com tôda certeza, o nosso querido amigo pianista não acredita em azar na sexta-feira. E não é para menos, pois aquela morena é prova concretíssima de que sexta-feira dá é sorte mesmo.

● **SENADOR NÃO É VEREADOR**

Em 1912, o senador Joaquim Pires já tinha sido eleito pelo Piauí. Hoje, ainda ocupa uma cadeira no Monroe. É o mais idoso dos membros da Câmara Alta, seu filho foi deputado e seu neto é candidato a vereador. Pois bem, com todo êste passado e futuro de político, êle anda sendo incomodado pelo fato de ter-se lançado um cidadão com o mesmo nome que o dêle para vereador do Distrito Federal. Para completar o aborrecimento do senador, uma senhora lhe perguntou se era êle



As sras. Maria Celina Simon e Jack Peliks em companhia dos srs. Carlos (João da Ega) Laet e George Perrolaz.



Nó Country Club as sras. Leda Galliez, Odilla Schuback e os srs. Alfredo Tomé e J. L. Barrault, durante a festa que foi oferecida ao ator francês.

o candidato a vereador carioca. Ficou indignado e passou a escrever, depois da sua assinatura, «senador federal». Para dissipar qualquer dúvida.

● **JOÃO CARLOS MUNIZ NA ORDEM DO DIA**

O rádio deu e um jornal parece que confirmou o fato do embaixador João Carlos Muniz ter recebido, nos Estados Unidos, o título de Doutor «Honoris Causa». O Itamarati não distribuiu, até o momento que escrevo esta coluna, qualquer nota oficial a respeito.

● **VIAJARÁ O «CORPO DE BAILE»**

Em fins de outubro, o «Corpo de Baile do Municipal» deverá visitar Lima, Santiago e Montevidéu. Irá completo e fará diversas apresentações em cada uma destas capitais sul-americanas.

● **PARA A EUROPA**

O Rio de Janeiro está assistindo a um verdadeiro desfile de pessoas em direção ao aeroporto do Galeão que se destinam à Europa. Os casais E. G. Fontes, Guilherme da Silveira, Carlos Eduardo de Sousa Campos (que devem estar em Neuilly, hóspedes do príncipe Alli Khan), o. sr. Horácio Klabin e o sr. Castelo Branco são os que me lembro neste minuto. Você poderá encontrar numeroso grupo do nosso «Café Society» próximo ao «Plaza Athene», hotel predileto dos brasileiros.

● **DIA DA MARINHA**

A Diretoria do Clube Naval está de parabéns pela maneira correta e bonita que transcorreu a sua festa de aniversário, que é o da Marinha do Brasil. Farda de gala, casaca e um «buffet» excelente.

● **HOMENAGEM À PRINCESA**

O sr. Paulo («Correio da Manhã») Bittencourt e senhora ofereceram um jantar ao príncipe Dom João e princesa Fátima. Ao jantar compareceram os casais Vicente Galliez, Otávio Simonsen, Demósttenes Madureira de Pinho, José Willensens e o embaixador Maurício Nabuco.

Por hoje é só, porque segunda-feira é dia de sal de frutas.

LONDRES E A TV

MARIA HELENA DE AGUIAR

● Há dois anos, em Londres, vários artistas vinham da França (eram cantores e comediantes) para trabalhar em «shows» do televisão da BBC. Naturalmente, pensei que essa gente fôsse bem remunerada e sua inclusão, nesses espetáculos de vídeo, era muito exigida pelos produtores inglêses. Mas, não. Uma noite, no Hatchett's (em frente ao meu saudoso Hotel Ritz, em Picadilly) conversando com um cançonetista, êle me disse que os franceses vinham de graça, pelo simples prazer de trabalhar na televisão inglêsa. Achei o fato curioso e perguntei se êle estaria disposto a vir fazer o mesmo no Brasil, com a vantagem de nós lhe pagarmos os vôos de ida e volta, a estadia e alguns passeios interessantes. Deu-me uma resposta que jamais esquecerei: «Não, minha pobre senhora. O que nos traz a Londres é o prazer de sermos apresentados em programas bem feitos». Realmente, naquela época, os programas da BBC eram excepcionalmente sérios e bonitos. Mas, sérios e bem feitos a ponto de fazerem um artista de Paris atravessar a Mancha para, nêles, cantar um número ou fazer uma cena teatral. Enquanto isso, aqui no Brasil, o que passa de três ou quatro exceções, é lastimável. No Rio, então, o que se faz em matéria de teatro é uma verdadeira miséria não só de texto como de interpretação. Os artistas são tontos, largados na cena, esquecidos do texto e mal seguidos pela câmara. Talvez tenha sido por isso que o poeta Drumond há dias começou uma crônica assim: «Feliz de quem não possui um televisor».

UMA GRANDE VOZ

LUIS JATOBÁ era um narrador de «movies» que, muitas vêzes, me fêz voltar ao cinema para ouvir suas piadas. Sabia tratar os assuntos com leveza, dava a cada cena uma nota necessária de «humour» e a platéia na maior parte das vêzes dava gargalhadas. Isto acontecia, aqui e em Portugal, onde alguns jornais e documentários eram narrados por êsse brasileiro da Paraíba. Agora, está na Mayrink Veiga. Sou ouvinte das três crônicas, que lê diàriamente. Ouvi-lo é uma das boas «coisas da vida».



BLOTA Jr., um dos nomes que se ligam à Record, quase tanto quanto o prefixo da emissora do senhor Paulo de Carvalho. Improvisador de boa marca, inteligente, tornou-se o animador que «contactos» das agências indicavam ao idealizar «shows» na B9. A família Blota é uma família unida, distribuída em seus bons exemplos por várias emissoras paulistas. Casado, tem um filho. Blota Júnior é candidato à Câmara Estadual de São Paulo.

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

Ademilde Fonseca estreou na Rádio Nacional. Era uma 5ª-feira e o auditório da rua Sebastião Pereira estava repleto. ★ A Bandeirantes apresenta, com um êxito fora do comum, o pernambucano Jackson do Pandeiro. Foram furadas a Nacional e a Record. ★ E a «maior» apresenta outro pernambucano de muita classe: Sivuca. Não é possível tocar melhor um acordeão de 120 baixos. ★ A estação mais ouvida, durante os jogos da Copa do Mundo, deverá ser a Panamericana. Até agora, está na ponta, com Pedro Luís e Geraldo José de Almeida. ★ Barrault vai ao «clubinho» e Inezita Barroso canta, em pé, abraçada ao pinho. Barrault beija Inezita. Inezita se emociona. Nessa noite, não houve sambas de Paulo Vanzolini. ★ A coisa melhor do rádio paulista, atualmente, é ouvir Roberto Múrolo. ★ Melhora, de um modo geral, a programação da Tupi. ★ Mário Genari Filho deixa as associadas e vem para o centro da cidade ser atração da Nacional. ★ Ari Barroso solicita licença à Record para excursionar. ★ Vale a pena acompanhar as reportagens políticas B9. É um departamento bem organizado, nas mãos de bom chefe. ★ Cantando bem Hebe Camargo, no programa de Guerra Peixe, às 5as feiras. ★ José Mauro faz um esplêndido programa para a TV-Record. ★ E chega a madrugada, na Bandeirantes, com o «Despertar do Tango». Em «background» a linda melodia do «Ré-Fa-Si».
(Informações de **Elizinha Thomaz**)

NÃO ESTÁ DIREITO



Mané da Embolada vai deixar o rádio para sempre. É uma pena!

Manèzinho Araújo está convencido de que não dá mais nada. Não é verdade. Talvez êsse artista tenha sido vítima de grandes injustiças, tenha sido preterido tantas vêzes, que resolveu desistir por cansaço. Mas, sai exatamente na época em que a embolada retoma o seu lugar, volta com fôlego e prestígio, na garganta de Jackson do Pandeiro. E Mané — que é o melhor «emboladô» sai de fininho. Ainda é tempo, Manèzinho! Volte a cantar. Seu lugar é seu mesmo e ninguém vai ocupá-lo tão cedo! Faça outra embolada! Se você não me ouvir, será uma pena, porque eu não admito que um Manèzinho desista e um João Dias insista. Isto é o que se chama de inversão de valores.

A TUPI VAI PAGAR

No grande auditório da Tupi, reuniram-se todos os funcionários e artistas da grande emissora. O senhor Murilo Gondim — diretor geral — propôs aos funcionários saldar os atrasados (5 quinzenas) em 24 prestações quinzenais, durante um ano. Houve discussões acaloradas, ouvindo-se queixas patéticas e acusações, às vêzes, duras demais. Em nome da casa, discursava Mário Brazini, que nada tem a ver com o peixe. Depois de muitas horas de debates, foi aceita a proposta patronal. Elogiamos, daqui, o empenho do senhor Murilo Gondim, mas esperamos que sua promessa (sacramentada em documento) seja cumprida na íntegra.



Carlos Frias: «Exigimos documento em que a direção nos garanta que não comentará mais loucuras».

ESTA LETRA É RUIM

● Continuo em minha lutinha, completamente, só, para ver se os diretores das fábricas de gravações começam a censurar as letras dos seus contratados. Seria uma campanha quase patriótica em benefício da canção brasileira e, certamente, daqui a dois ou três anos, esta seção seria suprimida por falta de razão de ser. Tenho sido exata e honesta. Tenho sido generosa, não publicando os nomes dos autores dêsses monstros. Gostaria de ser compreendida, vista com bons olhos, já que não será possível consertar a crise.

Aqui está uma valsa, que se chama: «Vejo tudo menos você», gravação de Gilberto Alves, na Copacabana. Publicarei os versos piores:

«Vejo lindas estrêlas brilhando
Brilhando na abóboda azul
Vejo lindas falenas cruzando»
«Vejo **velhinhas** brancas que vão
Em demanda do sul»
(Comentário: e velhinhas pretas
Em demanda do norte)
«Que esta linda canção (lindíssima)
Foi nascida no peito de quem
Vive longe da recordação».

Agora, me respondam: isso é direito? É justo gravar uma xaropada dessa marca? No Brasil, mensalmente, são gravadas 280 músicas. São muitas. Não há tempo nem programas para divulgar tôdas. Por que não excluem as dessa marca: as que falem em «falenas» e «abóbodas»?

★ RÁDIO - OPINIÃO ★ RÁDIO - OPINIÃO ★ RÁDIO - OPINIÃO ★ RÁDIO - OPINIÃO ★

O RIO CONVIDA À MORTE

Reportagem de
LEON ELIACHAR

Fotos de
ALBERTO FERREIRA



O RIO DE JANEIRO tem o prazer de convidar V. Sª a comparecer a um dêstes lugares, sem data nem hora marcada, para um encontro com a Morte. Não tenha receio nem tenha pressa; se V. Sª não puder comparecer, a própria Morte irá buscá-lo.

Traje: Qualquer

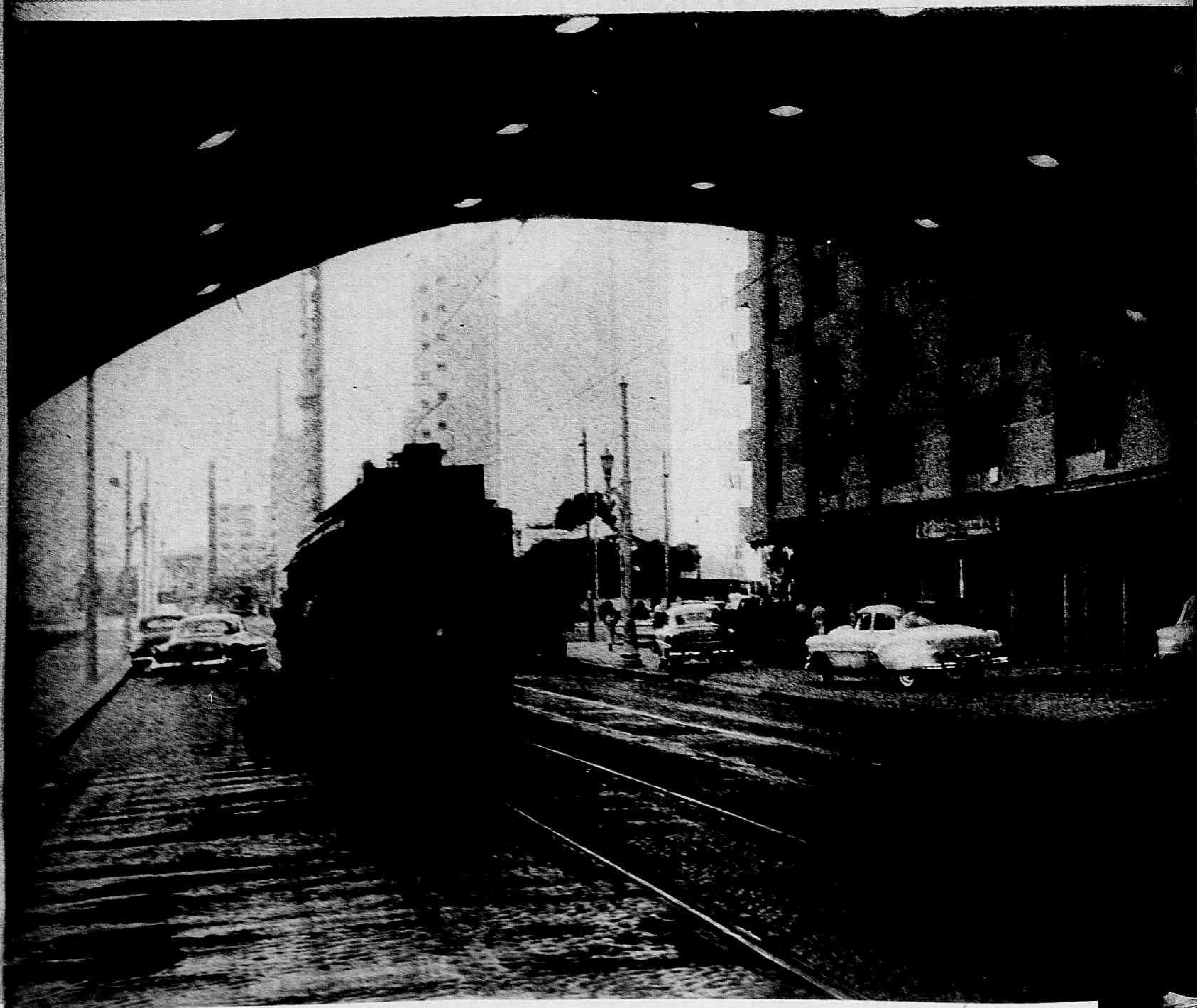
Cuidado ▶

A MORTE
contra mão

● Milhares de pessoas saem diàriamente de Copacabana para a cidade. Mas nem tôdas voltam. Porque, no regresso, dentro do túnel que engole os automóveis velozes, a morte está à espera, contra mão, disfarçada de bonde. Sabe-se perfeitamente que, de um lado, os veículos correm para lá e de outro para cá. A Prefeitura dividiu aquela bôca do morro em duas passagens, botou asfalto novo e instalou luzes bonitas. Por isso, o motorista vem despreocupado, conversando calmamente apoiado no volante firme que faz rodar o seu carro, como se fôra um tobogã deslizando na neve. Mas, de repente, comprime o freio, o carro diminui a marcha, não se sabe se desvia para a esquerda ou para direita, porque há uma imensa fila de automóveis de cada lado. Seu pé fica indeciso entre o freio e o acelerador, suas mãos tremem de um lado para outro, mas êle já não tem mais tempo de pensar: o bonde cresce diante do seu pára-brisa e tudo se apaga. A morte abre os braços e o carrega consigo.

A MORTE
espera na esquina

● No Rio de Janeiro, pouco, ou quase nada, se faz para preservar a segurança do indivíduo. E a Morte ganha terreno. A esquina da Avenida Presidente Vargas com a Avenida Rio Branco, por exemplo, é uma das maiores consumidoras de vidas humanas. Não só os motoristas andam como verdadeiros loucos, como a Inspetoria de Trânsito não se preocupa em melhorar as condições do tráfego para proteger a população. E o próprio pedestre é um eterno imprudente, lançando sua vida no mar de rodas, entre ônibus, caminhonetes, caminhões e automóveis desesperados. Apesar da sinalização, esta enorme área é um verdadeiro hospício: veículos partem de tôdas as direções, quase ao mesmo tempo, e entre as businadas violentas e as derrapagens perigosas, o pedestre trava um verdadeiro duelo com a Morte. E nem sempre leva a melhor. Porque, depois de ferido, o problema do socorro é mais complicado ainda. Quando chega a Assistência é que se percebe que era mais acertado chamar um rabecão.





A MORTE
atravessa a cancela

● Um dos piores males de que sofre o carioca ainda é a pressa. Êle quer sempre chegar primeiro que o outro e tem o prazer de desobedecer a tudo que é proibido. A cancela de Triagem é um exemplo típico de auto-destruição. Se não houvesse aquela barragem, êle esperaria calmamente que o trem passasse. Mas o prazer de violar faz dêle um voluntário para a Morte. Êle prefere saltar a cancela, correr na frente de todos e chegar ao outro lado mais depressa. E não ignora que, sôbre os trilhos de aço, a Morte o espera calmamente. Quase diàriamente a locomotiva pesada destrói uma vida, que o noticiário do jornal tornou rotineiro demais para um destaque maior. A lista cresce dia a dia e o exemplo trágico não serve de lição para ninguém. Mas o processo da cancela é primitivo demais para barrar a passagem dos intrépidos pedestres. E a negligência dos poderes públicos nada faz para remediar o mal. Porque todos têm alma assassina. E o carioca tem vocação para suicida. Enquanto o povo vai vivendo à margem da Morte.



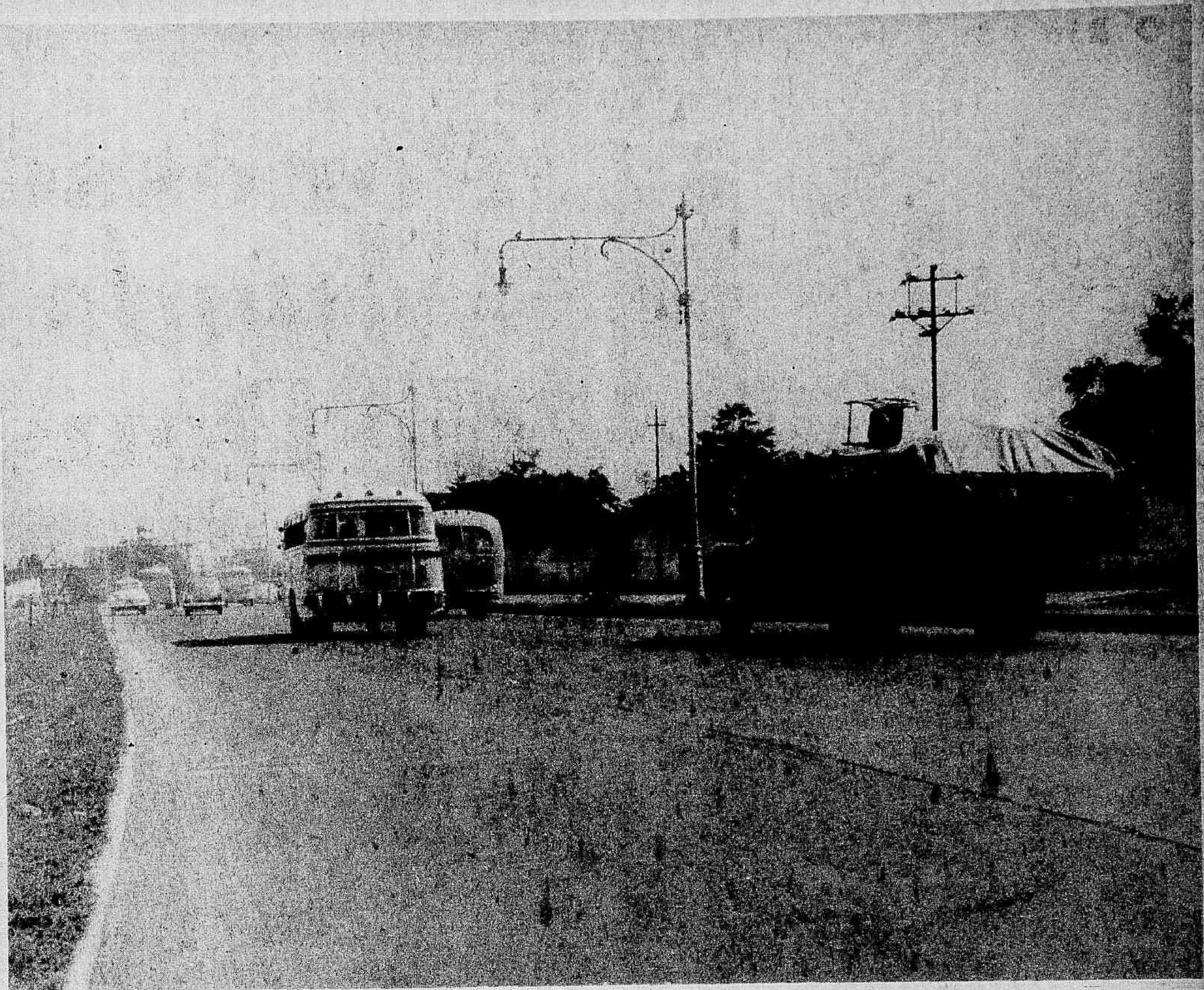


A MORTE
atravessa a cancela

● Um dos piores males de que sofre o carioca ainda é a pressa. Êle quer sempre chegar primeiro que o outro e tem o prazer de desobedecer a tudo que é proibido. A cancela de Triagem é um exemplo típico de auto-destruição. Se não houvesse aquela barragem, êle esperaria calmamente que o trem passasse. Mas o prazer de violar faz dêle um voluntário para a Morte. Êle prefere saltar a cancela, correr na frente de todos e chegar ao outro lado mais depressa. E não ignora que, sôbre os trilhos de aço, a Morte o espera calmamente. Quase diàriamente a locomotiva pesada destrói uma vida, que o noticiário do jornal tornou rotineiro demais para um destaque maior. A lista cresce dia a dia e o exemplo trágico não serve de lição para ninguém. Mas o processo da cancela é primitivo demais para barrar a passagem dos intrépidos pedestres. E a negligência dos poderes públicos nada faz para remediar o mal. Porque todos têm alma assassina. E o carioca tem vocação para suicida. Enquanto o povo vai vivendo à margem da Morte.




O Rio convida...
14



A MORTE
conta os minutos

● O gigantesco ponteiro do relógio da Central faz uma sombra sinistra sôbre o tempo. Enquanto a Morte faz a sua colheita diária de vidas humanas. Milhares de pessoas passam, lá em baixo, partindo e vindo de tôdas as direções, sem desconfiar que em cada canto há um perigo iminente: nas rodas pesadas da locomotiva, no engate dos trens, nos trilhos intermináveis que se estendem pelo chão, na fúria louca dos veículos impacientes. A Morte se esconde como uma serpente prestes a dar o bote fatal. Lá em cima, o tique-taque compassado do tempo vai marcando os minutos de vida dos homens que se movem lá em baixo. Ninguém sabe quais serão as próximas vítimas. Mas o carioca já está acostumado a tudo isso e, ao sair de casa, já leva consigo o risco cotidiano de enfrentar a morte, porque ela se tornou rotina nos seus hábitos diários. E a verdade é uma e insofismável: no Rio de Janeiro a Morte marca encontro todo dia com o carioca. Só que às vêzes é êle quem dá o bôlo.

A MORTE
a cento e vinte

● Não há nada mais saboroso para um motorista do que comer a estrada com o seu automóvel. E a Avenida Brasil é um prato apetitoso. Largura suficientemente ampla para abrigar 4 filas de automóveis folgadamente, numa extensão interminável de asfalto e com uma iluminação das melhores da cidade, o ponteiro do velocímetro encontra campo para dar vasão aos seus recalques e vai direto ao 120. Mas não há nada mais apetitoso para a Morte do que a velocidade. Num lance de distração Ela agarra o motorista desprevenido. Um pneu dianteiro furado, um transeunte que se coloca à sua frente, uma guinada para desviar-se de um buraco, uma tentativa de ultrapassar outro carro ou uma imprudência de outro veículo num cruzamento, encerram a carreira de qualquer vida humana. Na Avenida Brasil perecem anualmente centenas de vidas, não atraiçoadas pela Morte mas por si mesmas, transformando aquela imensa artéria num verdadeiro cemitério de asfalto. Porque a velocidade da máquina ultrapassou o raciocínio do homem. E a Morte sabe disso.



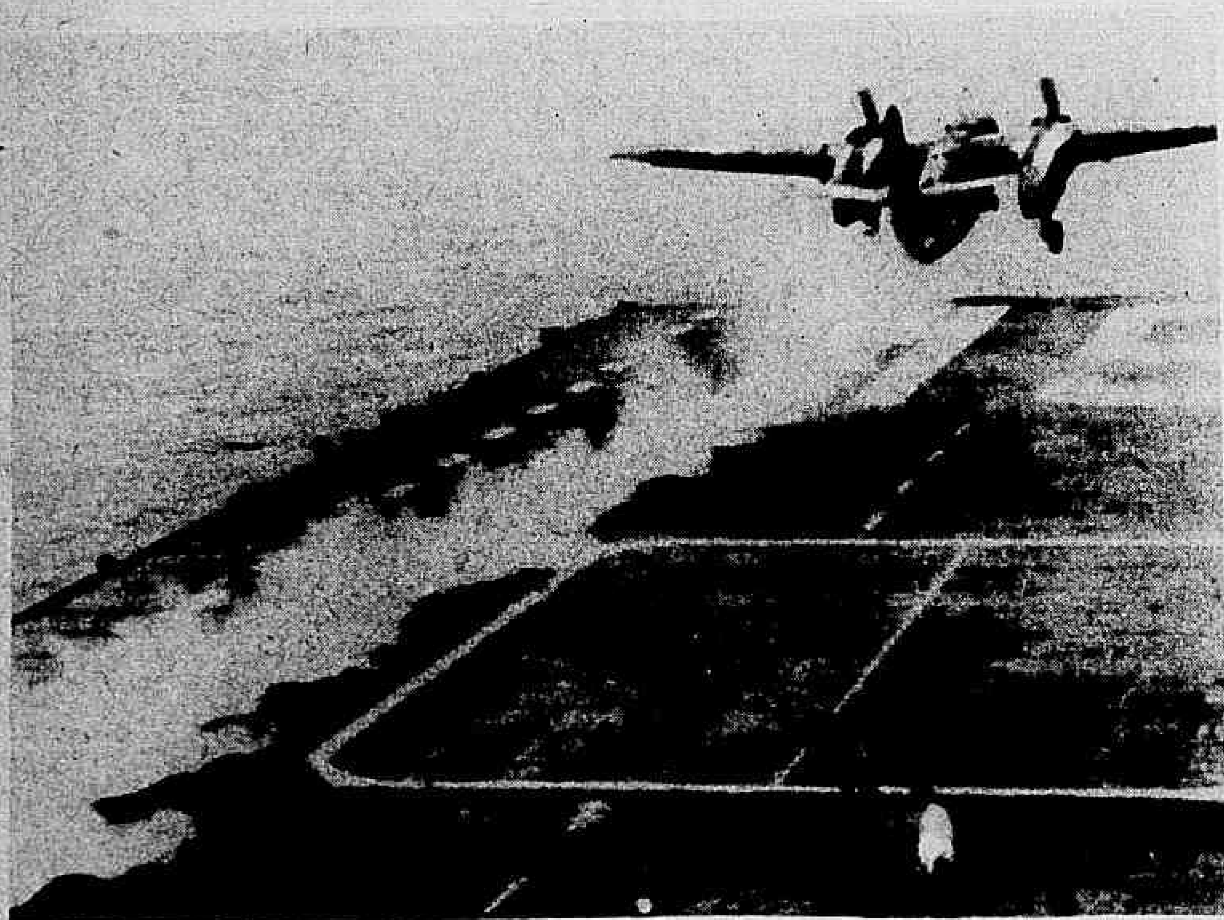
VÃO SER JULGADOS

Rafael Cancel Miranda, Andrés Figueroa Cordero, Lolita Lebron e Irving Flores, os portorriquenhos autores do atentado contra os congressistas norte-americanos, aguardam agora o dia do seu julgamento. A acusação pediu para êles a pena de morte.



NA FRENTE DE PONTA A PONTA

Emil Zatopek está à frente na corrida dos 5.000 metros realizada no estádio de Colombes. Como se sabe, o incrível corredor tcheco estabeleceu, naquela prova, o novo recorde mundial de 13 minutos, 57 segundos e dois décimos.



CATAPULTA A VAPOR

O instantâneo mostra quando o avião do comandante H. S. Jackson, da Marinha dos EE. UU., era violentamente empurrado pela nova catapulta a vapor, a primeira de uma série que a marinha norte-americana está instalando nos seus porta-aviões.

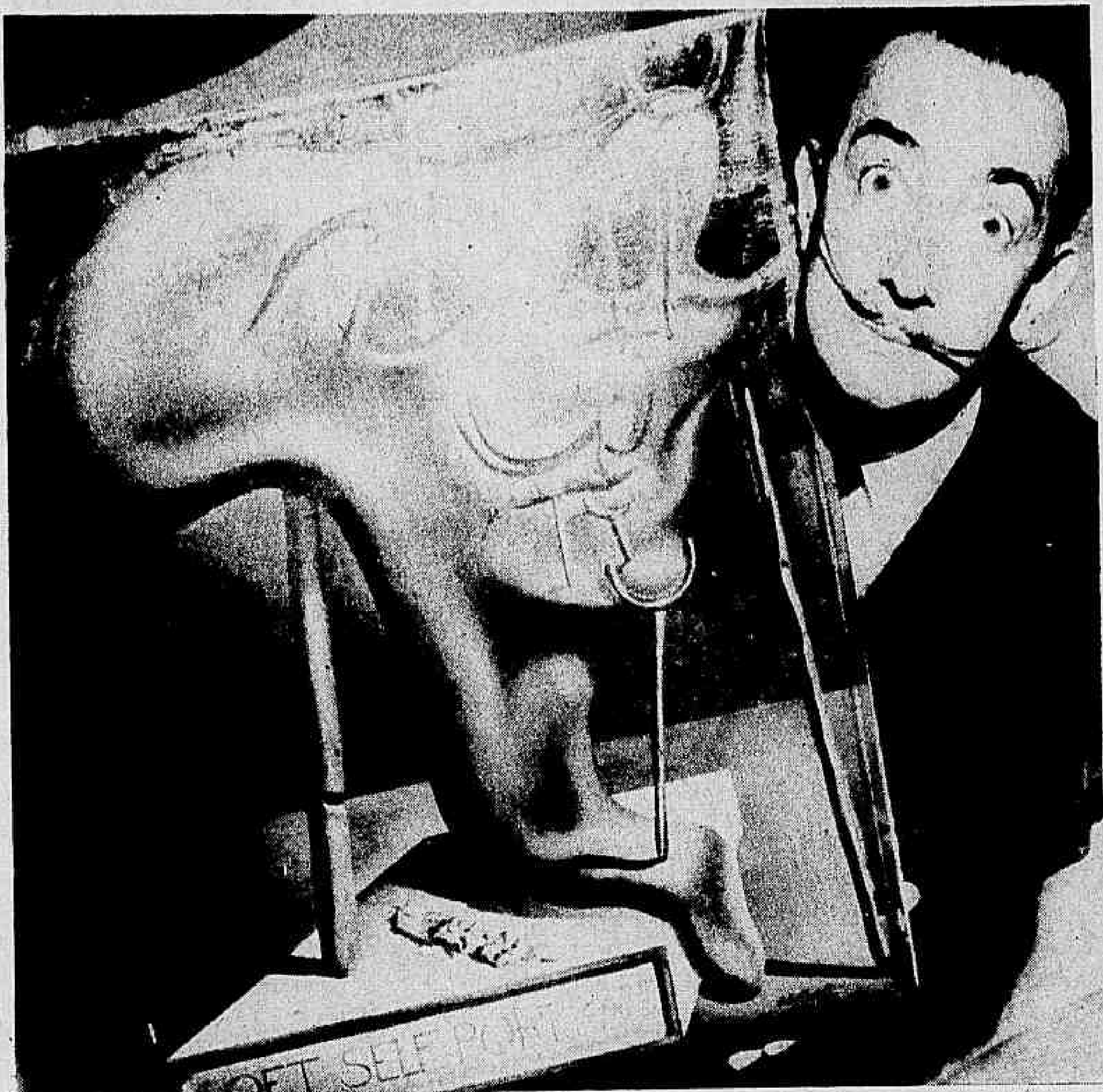


Por êsse Mundo de Deus



FOI FILMAR NA ITÁLIA

O nome dela, Marita Warlen, uma das mais promissoras artistas do cinema inglês. Marita acaba de chegar à Itália, onde filmará, sob a direção de De Sicca, «Nápoles na Intimidade», ao lado de Silvana Pampanini e possìvelmente de Fabrizzi.





DALI EM ESTILO MOLE

No instantâneo, Salvador Dali aparece ao lado do seu último trabalho, que êle batizou de «Auto-retrato mole». Dali encontra-se presentemente em Roma, expondo a sua safra pictórica de 53 e 54, num total de (!) seiscentos quadros e desenhos.

SOBE VERTICALMENTE

A última palavra em matéria de aviação é o bombardeiro que aparece acima. Trata-se do avião «XFY-I», da Marinha dos EE. UU. O sensacional aparelho pode subir lentamente, em sentido vertical, pairar no espaço e descer da mesma maneira.







O «ANJO» EM PARIS

Geneviéve de Galard-Terraube aparece, no instantâneo, quando, no pátio do Ministério do Ar, acabava de ser condecorada com a Medalha de Honra pelo seu heroísmo.

PRÓ OPPENHEIMER

Cêrca de duzentos cientistas norte-americanos protestaram junto a Eisenhower contra a Comissão que aplicou em Oppenheimer o incoerente qualificativo «leal» e «perigoso».

INGRID VAI VIAJAR

Ingrid Bergman, cujo sucesso teatral em Paris foi o ponto alto da atual «saison», anuncia agora uma «tournée» pela Europa. Vemo-la em Roma, no restaurante Giovanni.

ESCREVEM ÊSTES PROGRAMAS

PARA TODO O BRASIL

Thalma de Oliveira

"MÚSICA NO AR"

segundas, às 21 h

★

Carlos Maria

"DORIVAL CAYMMI"

têrças, às 20 horas

★

Thalma de Oliveira

"ISAURA GARCIA"

quartas, às 21,35

★

Antônio José

"TRIO NAGÔ"

quintas, às 21 horas

★

Almirante

"BIOGRAFIAS"

sextas, às 20,35

★

Blota Júnior

"INEZITA BARROSO"

sábados, às 20 horas

★

Armando Rosas

"HOJE É DOMINGO"

das 9,30 às 12 horas

na

RÁDIO RECORD
DE SÃO PAULO

ondas médias 1.000 kcs. 300 metros

ondas curtas 19 — 31 — e 49 metros

UMA DAS EMISSORAS UNIDAS

A Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE 26 DE JUNHO E 2 DE JULHO DE 1954 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — A próxima semana lhe dará oportunidade para a realização de poucos negócios, é certo. O leitor, porém, terá a necessária chance para acertar a mão e ganhar pelo resto do ano. Os melhores dias serão 27 e 29 de junho e 1º de julho.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — Não force a situação. Os influxos astrais reinantes são desfavoráveis aos seus empreendimentos. Se andar apressado, só conseguirá uma situação pior. Não vá ao encontro dos acontecimentos, provocando-os. Deixe correr o marfim, como diz o vulgo.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Seu ambiente será muito favorável às uniões de tôda sorte, casamento, noivado e formação de sociedade de qualquer tipo. Será benéfico, igualmente, para a assinatura de documentos importantes envolvendo obrigações financeiras futuras.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — Sua posição diante dos astros vai melhorar muito. Siga, nos próximos sete dias, sua própria intuição. Escute a voz do seu subliminal e terá tôda probabilidade para acertar. Não esqueça, porém, que, para receber o favor do céu, é preciso merecer.

★ LEAO (21/1 — 20/2) — O novo período não se prestará para o início de viagens ou de negócios. Sua visão das coisas resultará deformada, em virtude da verdadeira mistura dos influxos planetários reinantes.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — O leitor vai ter um ótimo período para sua vida doméstica e para as relações comerciais. Conseguirá crédito e facilidades de ordem fiscal. Poderá aproveitar a situação para legalizar-se devidamente, no caso em que esteja em mora nas repartições oficiais.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — A semana entrante oferecerá um clima muito bom para a reconquista da saúde. Os dias 29 e 30 dêste mês serão ótimos para consultas médicas ou início de tratamento. Na ordem moral, o clima favorecerá as reconciliações e os ajustes.

★ ESCORPIAO (21/4 — 20/5) — As especulações estarão bem astralizadas na semana entrante e, do mesmo modo, as atividades paralelas à profissão. A vida sentimental do leitor, porém, não receberá bons influxos. Aconselhamos, pois, moderação em tal setor.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — Todo cuidado com sua «entourage», parentes, irmãos, consanguíneos ou assemelhados. É bom evitá-los, notadamente nos dias 26 e 28, dias de ambiente pesadamente carregado. O signo do Sagitário é oposto ao dos Gêmeos, signo que representa os irmãos.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Os negócios imobiliários estão no primeiro plano das astralidades favoráveis, na próxima semana. O período beneficiará, extraordinàriamente, o andamento dos negócios em pauta ou retardados por qualquer motivo.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — O período será propício à recuperação dos cargos perdidos, das posições e das situações. Os enfermos, do mesmo modo, poderão recuperar a saúde, principalmente os doentes do aparelho respiratório. O ambiente dos astros favorecerá, igualmente, os negócios.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Não espere muito, do seu astro. Contente-se com o que conseguir, pois as previsões não são nada esperançosas. No setor financeiro haverá dificuldade até mesmo na solução de pequenos compromissos.

OS NOMES DA SEMANA

Junho,	26	—	Manoel	—	Emiliana
"	27	—	Astênio	—	Rogéria
"	28	—	Eurico	—	Alzira
"	29	—	Alderico	—	Luíza
"	30	—	Solidônio	—	Frida
Julho,	1	—	Roberto	—	Nérida
"	2	—	Paulo	—	Helena

EFEMÉRIDES DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Junho,	26	—	4º - 20' - 11"	(Signo do Câncer)
"	27	—	5º - 17' - 25"	(" " ")
"	28	—	6º - 14' - 39"	(" " ")
"	29	—	7º - 11' - 53"	(" " ")
"	30	—	8º - 9' - 7"	(" " ")
Julho,	1	—	9º - 6' - 21"	(" " ")
"	2	—	10º - 3' - 35"	(" " ")

O CICLISTA

DALTON TREVISAN

CURVADO sôbre o guidão lá vai,
numa chispa. Sôbre duas rodas pedal
na rua de prodígios, voa pela cara
do guarda crucificado de braços
abertos. No labirinto urbano persegue
a morte com o trim-trim na sua
campainha: com uma só mão dirige
o seu passeio na nuvem, entrega sorvet
— sem derretê-lo — na hora exata.
A bicicleta é sua lâmpada
de Aladino e quando êle monta libert
o gênio prisioneiro no pedal.
Indefeso o homem, frágil a máquina,
investe impávido colosso, tira de
fininho entre o poste e o caminhão;
o ciclista, por muito favor,
perdeu o chapéu.
Se atropela é gentilmente como uma
abelha que morde e morre sem
o seu ferrão. Veículos
inimigos lhe trituram o fino esqueleto,
entre gritos nos pneus: se não morre
ali mesmo, bate o pó da roupa e
— com uma perna quebrada — êle
parte, a bicicleta nas costas.
Opõe o peito magro
ao parachoque do ônibus, salta
o buraco no asfalto,
voa sôbre a escada e as águas.
Num corpo só,
touro e toureiro, golpeia furioso
o ar nos cornos do guidão e cai,
no seu próprio pó.
No fim do dia, o homem guarda num canto da casa
o seu pássaro de viagem. Enfrenta o sono a pé, trim-trim, asas
dobradas sob o braço, e, na primeira esquina, trim-trim.



Desenho de MARIA TEREZA

Alvoroço na Europa inteira com as sensacionais revelações

CHURCHILL TENTOU (EM 1945) SALVAR A VIDA DE MUSSOLINI

O "dossier" secreto do ex-duce, se fôr realmente autêntico, passará a limpo muita coisa que a história dos últimos anos já tem como definitiva. — Mais árdua e afanosa a "batalha dos peritos", agora sob o comando direto do govêrno italiano.



Segundo o govêrno italiano, a corres[illegible]pondência entre Churchill e Mussolini [illegible] apenas aquela que a história já [illegible]ce, e que o próprio «premier» divulg[illegible] na sua obra sôbre a última Grande Gue[illegible]ra. Mas no «dossier» que se encontra [illegible] mãos de Enrico de Toma há várias [illegible]tras cartas de Churchill a respeito [illegible] quais os peritos darão a palavra [illegible]deira. Numa delas, datada de abril de 1945, Churchill promete salvar o «Duce»[illegible]

TAL a exacerbação pública que está causando, na Itália e em tôda a Europa, a divulgação do «dossier Mussolini», que o extenente Enrico De Toma afirma ter estado em seu poder desde 1945, que o govêrno italiano resolveu intervir diretamente no assunto. Essa intervenção se processa de duas maneiras diferentes: primeira: nomeação de uma comissão de peritos e calígrafos, que opinarão definitivamente sôbre a falsidade (ponto de vista esposado pelo govêrno) dos documentos; e, segunda, a divulgação, mais uma vez, das verdadeiras cartas que Mussolini e Churchill trocaram no primeiro ano da guerra. Essa correspondência, oficial e legítima, faz parte dos arquivos do Palácio Chigi (sede do Ministério do Exterior da Itália), e o próprio Churchill divulgou-a, em grande parte, nos primeiro e segundo tomos de sua vasta, minuciosa e importante «História da Segunda Guerra Mundial», em cujo último volume o «premier» britânico trabalha agora.

MUSSOLINI, ARROGANTE E DECIDIDO

O objetivo do govêrno italiano, fazendo recordar uma correspondência já conhecida, mas da qual muitos não se recordam mais, é um só: o de mostrar que, em 1940, época em que os «documentos De Toma» afirmam estar Mussolini em tratativa secreta com Churchill, no sentido de afastar a Itália da guerra, as relações entre os dois estadistas nunca foram mais hostis, pelo menos do que diz respeito a Mussolini. Basta recordar as diversas cartas da cor-

No «dossier» sob a guarda de Enrico De Toma, os documentos que Benito Mussolini mandou guardar na Suiça, quando a guerra vivia os seus últimos instantes, estão fechados em grandes envelopes assim rubricados pelo «Duce»: «Winston Churchill», «O rei», «Os traidores», «Os inimigos». Afirma De Toma que vão além de duas centenas os documentos que se encontram em seu poder. Mas os peritos já encontraram em muito dêles graves incorreções e deslizes inclusive ortográficos. Ressalta-se, no entanto, a estranha semelhança nas cartas de De Toma, do inconfundível estilo de Mussolini e Churchill. Mas os peritos não querem saber de estilo, mas de assinaturas.

Mussolini, Abril de 1945: "Confio na sua palavra



10, Downing Street
Whitehall

10th November, 1943.

Your Excellency,

There are no valid reasons now why you should retain my correspondence and the various documents in your possession.

In the past these letters were addressed to you in the official capacity as the Head of the Italian Royal Government.

I would regard the return of this correspondence as an act of courtesy on your part, as they are now out of date by recent events.

In this particular moment His Majesty's Government is in a position to recognise the Italian Social Republic Government, and attached herewith are the special conditions.

I sincerely trust you will not overlook my request nor underestimate my offer.

It is essential that your reply should not be delayed.

Believe me to be

yours

Winston S. Churchill

His Excellency Signor Benito Mussolini,
Chief of the Italian Social Republic,
Rome.

ON HIS MAJESTY'S SERVICE

to

In order to avoid useless bloodshed among the civilian population, His Majesty's Government after careful consideration have decided to approach your Government on the following points:

... notified immediately with descriptive list ... and detailed of all distinctive markings badges and uniforms of the Italian Social Republic Armed Forces;

... indication of all Corps and detachements fighting with the Germans on the Italian home front;

c) location of prisoners war camps, and other units stationed on the Italian territory.

The desired information is requested in order to distinguish between the regular Armies of the Italian Social Republic and other units thus avoiding them being executed if captured.

Unidentified prisoners carrying arms will be considered as "irregulars" and will therefore be executed without trial.

His Majesty's Government on receipt of your communication will issue immediately instructions to all Allied Forces on Land Sea and Air, in the Mediterranean zone.

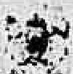
Winston S. Churchill

London, 10th November, 1943

No «dossier» de Toma encontra-se um desconcertante documento (V. foto ao alto): trata-se de uma carta de Churchill, datada de novembro de 1943, pedindo a Mussolini a devolução de tôdas as cartas que êle, Churchill, lhe escrevera nos primeiros anos da guerra. O documento à direita, também de 1943, é uma minuta de acôrdo através do qual, e segundo pedido de Mussolini, os aliados reconhecem os soldados da «Republica Sociale Italiana» de Saló como tropas regulares e não como franco-atiradores. O acôrdo teria sido assinado.

respondência oficial, guardada nos arquivos do Palácio Chigi.

Essa iniciativa do Ministério das Relações Exteriores da Itália ficou a cargo do sr. Mario Toscano, vice-presidente da Comissão de Publicação dos Documentos Diplomáticos. Lembra Toscano que a primeira carta de Churchill a Mussolini data do dia 16 de maio de 1940, ou seja, poucos dias após o atual «premier» britânico ter substituído Chamberlain no pôsto de Primeiro Ministro. Nessa carta, Churchill encarece a necessidade da Itália — «para evitar o alastramento das grandes batalhas que incendeiam a Europa» — de abandonar a sua aliada germânica, e manter-se neutra. A resposta de Mussolini é agressiva, perentória, quase insolente. Não sòmente o «duce» repele a proposta de Churchill, mas não perde a ocasião para



London, 15 May, 1940.

Your Excellency,

Now that I have taken up my office as Prime Minister and Minister of Defence I look back to our meetings in Rome and feel a desire to speak words of goodwill to you as Chief of the Italian nation across what seems to be a swiftly-widening gulf.

Is it too late to stop a river of blood from flowing between the British and Italian peoples? We can no doubt inflict grievous injuries upon one another and maul each other cruelly, and darken the Mediterranean with our strife.

If you so decree, it must be so; but I declare that I have never been the enemy of Italian greatness, nor ever at heart the foe of the Italian lawgiver.

Down the ages above all other calls comes the cry that the joint heirs of Latin and Christian civilisation must not be ranged against one another in mortal strife.

Hearken to it, I beseech you in all honour and respect, before the dread signal is given.

It will never be given by us. May God give you wisdom in this solemn appeal.

Yours

Winston S. Churchill.

His Excellency Signor Benito Mussolini,
Duce of Fascism and Chief of the Italian Government,
Rome.



Il Duce del Fascismo Capo del Governo

copia conforme all'originale

Rome, 20th May 1940-XVIII of F. E.

Your Excellency,

I reply to the letter which you have sent me in order to tell you that you are certainly aware of grave reasons of an historical and contingent character which have ranged our two countries in opposite camps.

Without going back very far in time I remind you of the initiative taken in 1935 by Your Government to organise at Geneva sanctions against Italy, engaged in securing for herself a small space in the African sun without causing the slightest injury to your interests and territories or those of others.

I remind you also of the real and actual state of servitude in which Italy finds herself in her own sea.

If it was to honour your signature that Your Government declared war on Germany, you will understand that the same sense of honour and of respect for engagements assumed in the Italian-German Treaty guides Italian policy to-day an to-morrow in the face of any event whatsoever.

Believe me

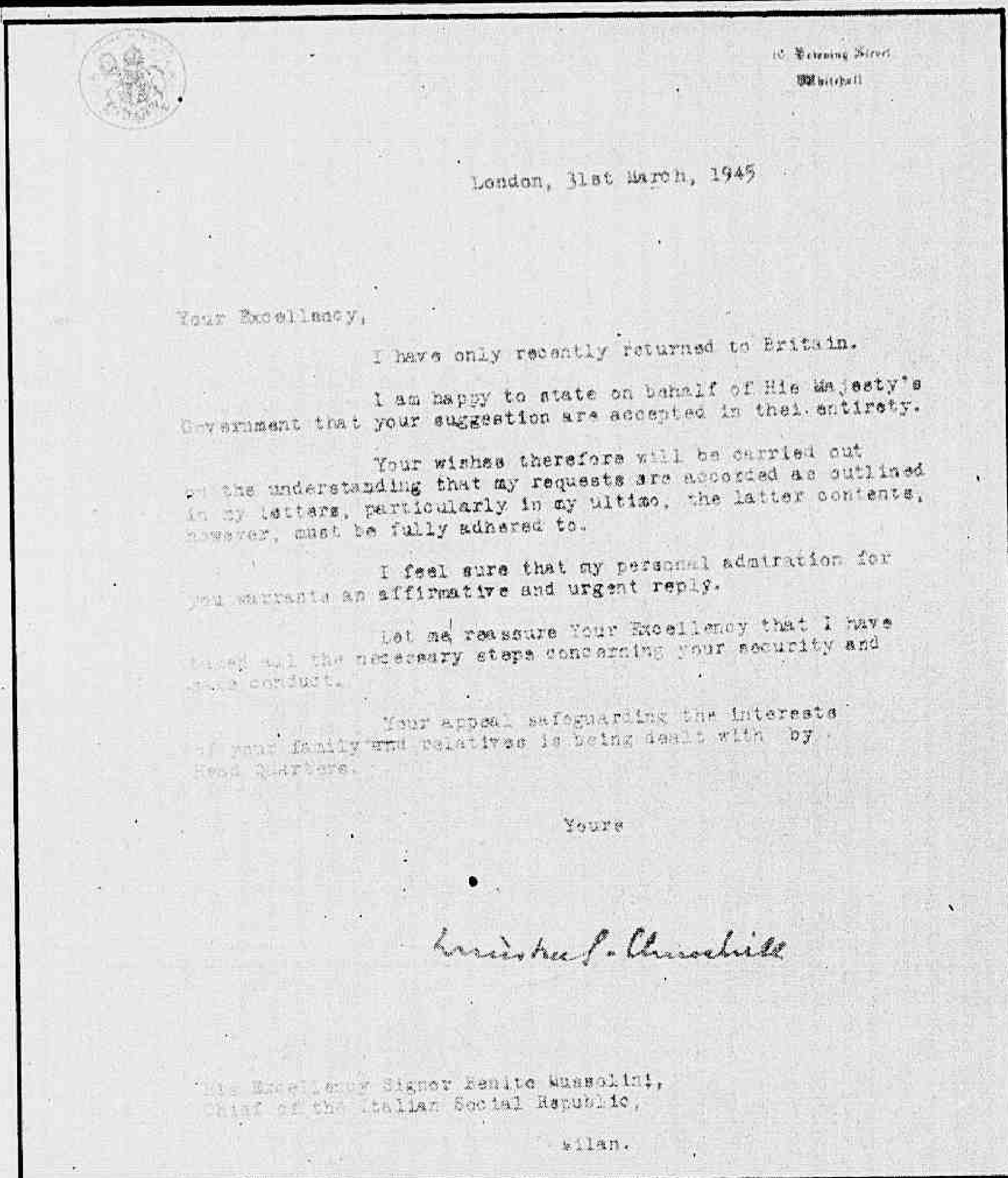
yours

Mussolini

His Excellency WINSTON S. CHURCHILL
London

No documento à esquerda («Dossier» De Toma), Churchill faz uma nova tentativa de afastar Mussolini de sua aliança com Hitler; no documento ao centro, Mussolini responde bruscamente ao «premier» britânico rechassando a proposta; finalmente, o documento à direita é um bilhete do rei Vitorio Emanuel III ao «Duce» dizendo-lhe que tivera conhecimento da carta de Churchill e sugerindo a Mussolini que a proposta britânica fôsse estudada com simpatia. O «Duce» não se deu ao cuidado de responder ao rei, com o qual já não mantinha senão relações formais. Tudo estava consumado. A guerra viria.

de honra de que a minha família será poupada"



10 Downing Street
Whitehall

London, 31st March, 1945

Your Excellency,

I have only recently returned to Britain.

I am happy to state on behalf of His Majesty's Government that your suggestion are accepted in thei. entirety.

Your wishes therefore will be carried out on the understanding that my requests are accorded as outlined in my letters, particularly in my ultimo, the latter contents, however, must be fully adhered to.

I feel sure that my personal admiration for you warrants an affirmative and urgent reply.

Let me reassure Your Excellency that I have taken all the necessary steps concerning your security and safe conduct.

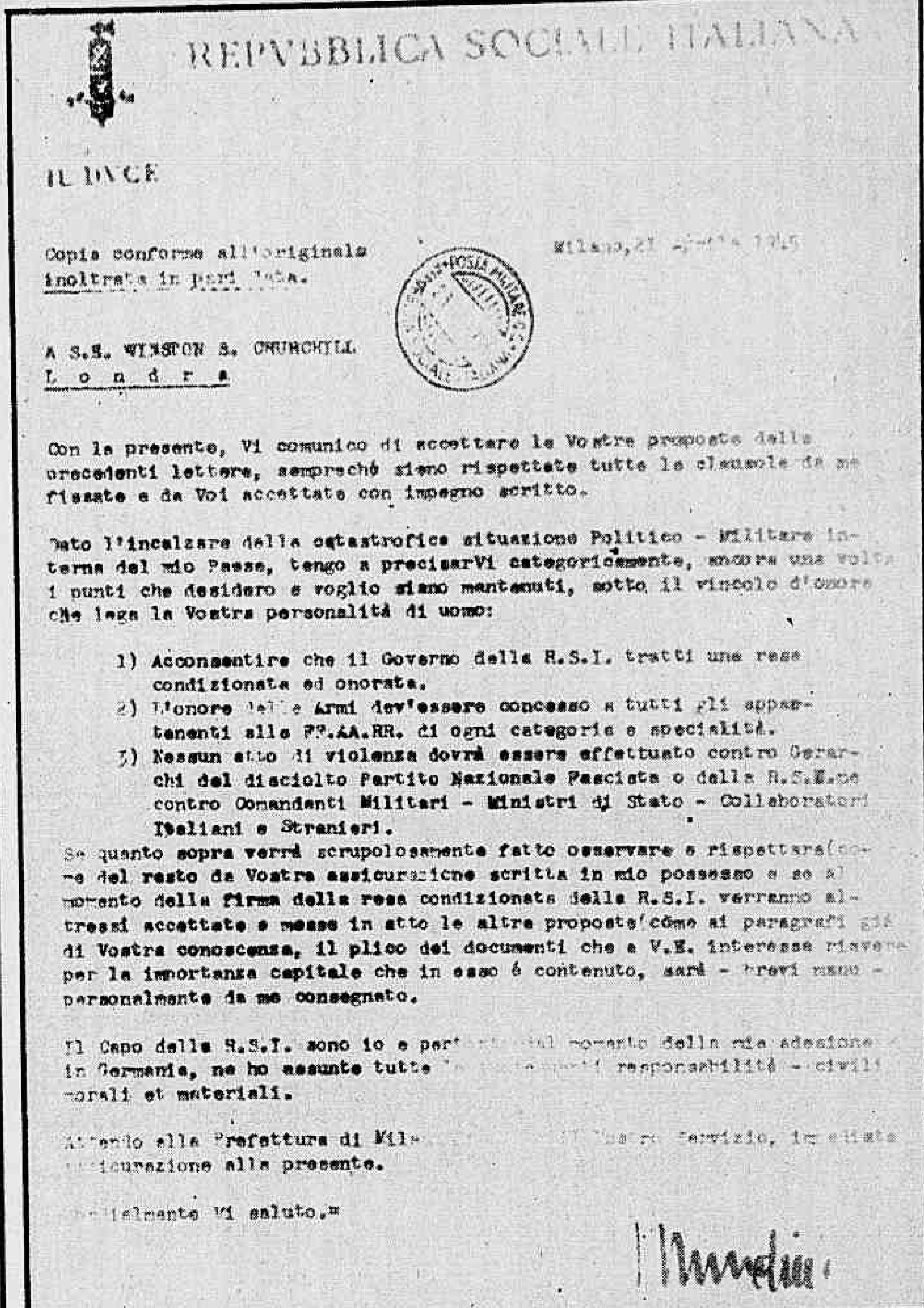
Your appeal safeguarding the interests of your family and relatives is being dealt with by Head Quarters.

Yours

Winston S. Churchill

His Excellency Signor Benito Mussolini,
Chief of the Italian Social Republic,

Milan.



REPVBBLICA SOCIALE ITALIANA

IL DVCE

Copia conforme all'originale inoltrata in ... data.

Milano, 21 aprile 1945

A S.E. WINSTON S. CHURCHILL
L o n d r a

Con la presente, Vi comunico di accettare le Vostre proposte delle precedenti lettere, semprechè siano rispettate tutte le clausole da me fissate e da Voi accettate con impegno scritto.

Dato l'incalzare della catastrofica situazione Politico - Militare interna del mio Paese, tengo a precisarVi categoricamente, ancora una volta i punti che desidero e voglio siano mantenuti, sotto il vincolo d'onore che lega la Vostra personalità di uomo:

1) Acconsentire che il Governo della R.S.I. tratti una resa condizionata ed onorata.
2) L'onore delle Armi dev'essere concesso a tutti gli appartenenti alle FF.AA.RR. di ogni categoria e specialità.
3) Nessun atto di violenza dovrà essere effettuato contro Gerarchi del disciolto Partito Nazionale Fascista o della R.S.I. ne contro Comandanti Militari - Ministri di Stato - Collaboratori Italiani e Stranieri.

Se quanto sopra verrà scrupolosamente fatto osservare e rispettare (come del resto da Vostra assicurazione scritta in mio possesso e se al momento della firma della resa condizionata della R.S.I. verranno altresì accettate e messe in atto le altre proposte come ai paragrafi già di Vostra conoscenza, il plico dei documenti che a V.E. interessa riavere per la importanza capitale che in esso è contenuto, sarà - brevi mano - personalmente da me consegnato.

Il Capo della R.S.I. sono io e pertanto dal momento della mia adesione in Germania, ne ho assunte tutte ... responsabilità - civili morali et materiali.

Attendo alla Prefettura di Mil... Vostro Servizio, immediata ...icurazione alla presente.

...ialmente Vi saluto.=

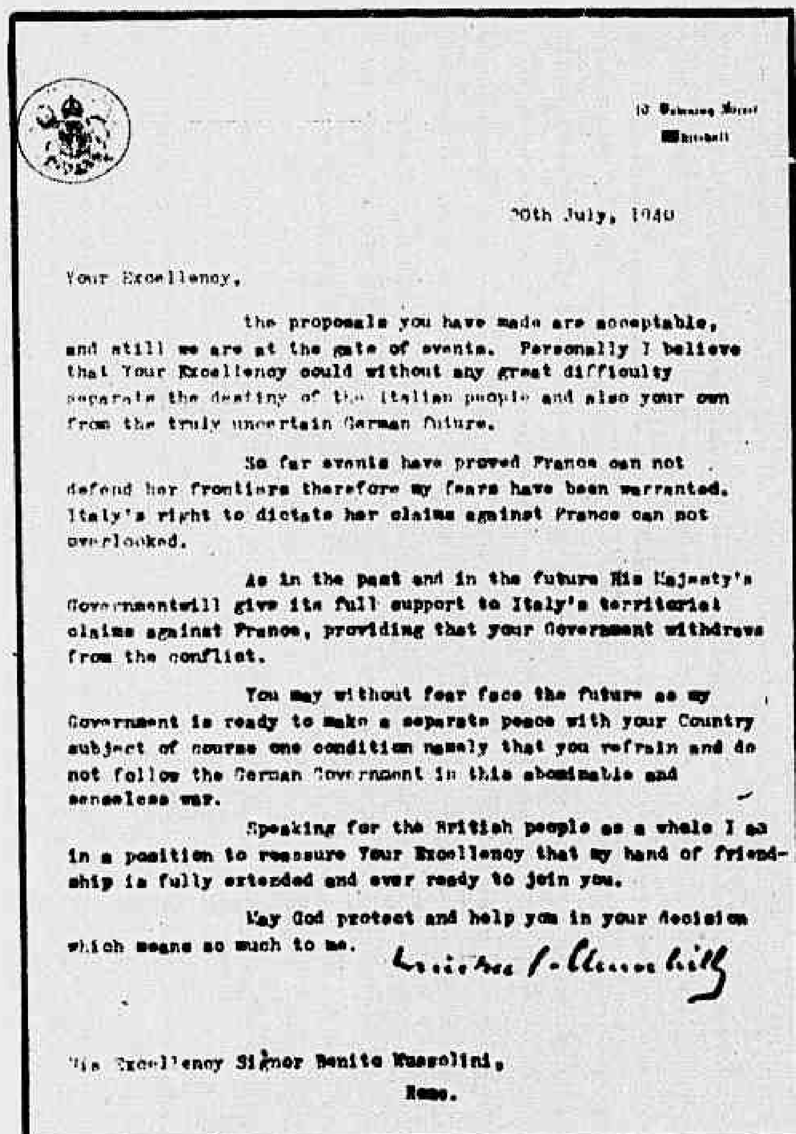
Mussolini

Um dos mais interessantes documentos do «dossier» de De Toma é a resposta de Mussolini a Churchill, que lhe prometera salvar a sua vida e a dos seus. O documento traz a data do dia 23 de abril, em que De Toma (segundo suas próprias declarações) se transportou à Suíça levando os documentos que Mussolini confiara à guarda dos bancos neutros de Genebra. Depois desta última carta do «Duce», foi o silêncio: dez dias depois Mussolini era fuzilado nas margens do Como.

lembrar o «premier» a atitude da Inglaterra contra a Itália, quando da guerra da Abissínia. E termina: «Se foi para fazer honra à vossa firma que o vosso Govêrno declarou guerra à Alemanha, compreendereis que o mesmo senso de honra e de respeito aos acordos contidos no pacto ítalo-germânico guia hoje e amanhã a política em face de qualquer evento».

NUNCA HOUVE ACÔRDO SECRETO ENTRE CHURCHILL E MUSSOLINI

Outros documentos, todos oficiais, tentam provar que as pretensas combinações Churchill-Mussolini, reveladas pelo «dossier De Toma», não poderiam jamais ter acontecido. Com a mesma arrogância e agressividade com que respondeu a Churchill, Mussolini repeliu outras



10 Downing Street
Whitehall

20th July, 1940

Your Excellency,

the proposals you have made are acceptable, and still we are at the gate of events. Personally I believe that Your Excellency could without any great difficulty separate the destiny of the Italian people and also your own from the truly uncertain German future.

So far events have proved France can not defend her frontiers therefore my fears have been warranted. Italy's right to dictate her claims against France can not overlooked.

As in the past and in the future His Majesty's Governmentwill give its full support to Italy's territorial claims against France, providing that your Government withdraws from the conflict.

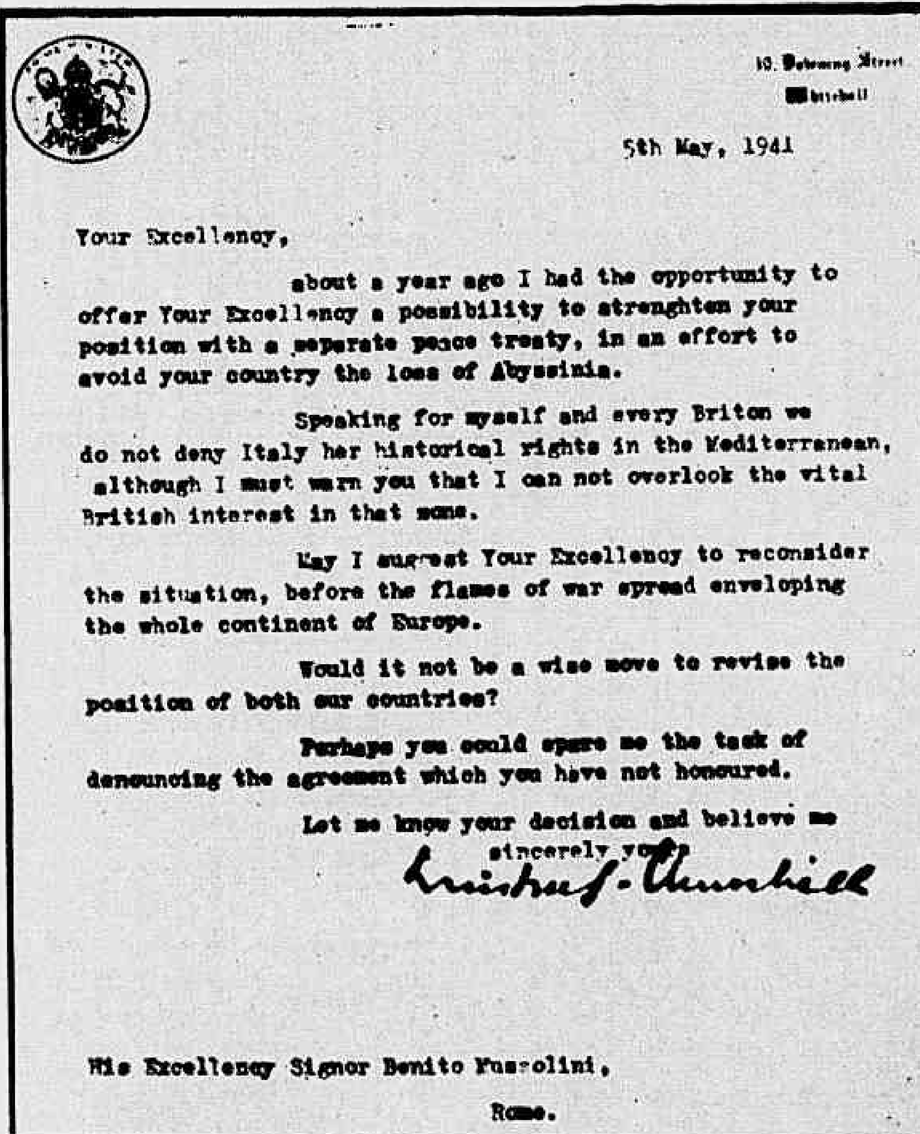
You may without fear face the future as my Government is ready to make a separate peace with your Country subject of course one condition namely that you refrain and do not follow the German Government in this abominable and senseless war.

Speaking for the British people as a whole I am in a position to reassure Your Excellency that my hand of friendship is fully extended and ever ready to join you.

May God protect and help you in your decision which means so much to me.

Winston S. Churchill

His Excellency Signor Benito Mussolini,
Rome.



10 Downing Street
Whitehall

5th May, 1941

Your Excellency,

about a year ago I had the opportunity to offer Your Excellency a possibility to strenghten your position with a separate peace treaty, in an effort to avoid your country the loss of Abyssinia.

Speaking for myself and every Briton we do not deny Italy her historical rights in the Mediterranean, although I must warn you that I can not overlook the vital British interest in that zone.

May I suggest Your Excellency to reconsider the situation, before the flames of war spread enveloping the whole continent of Europe.

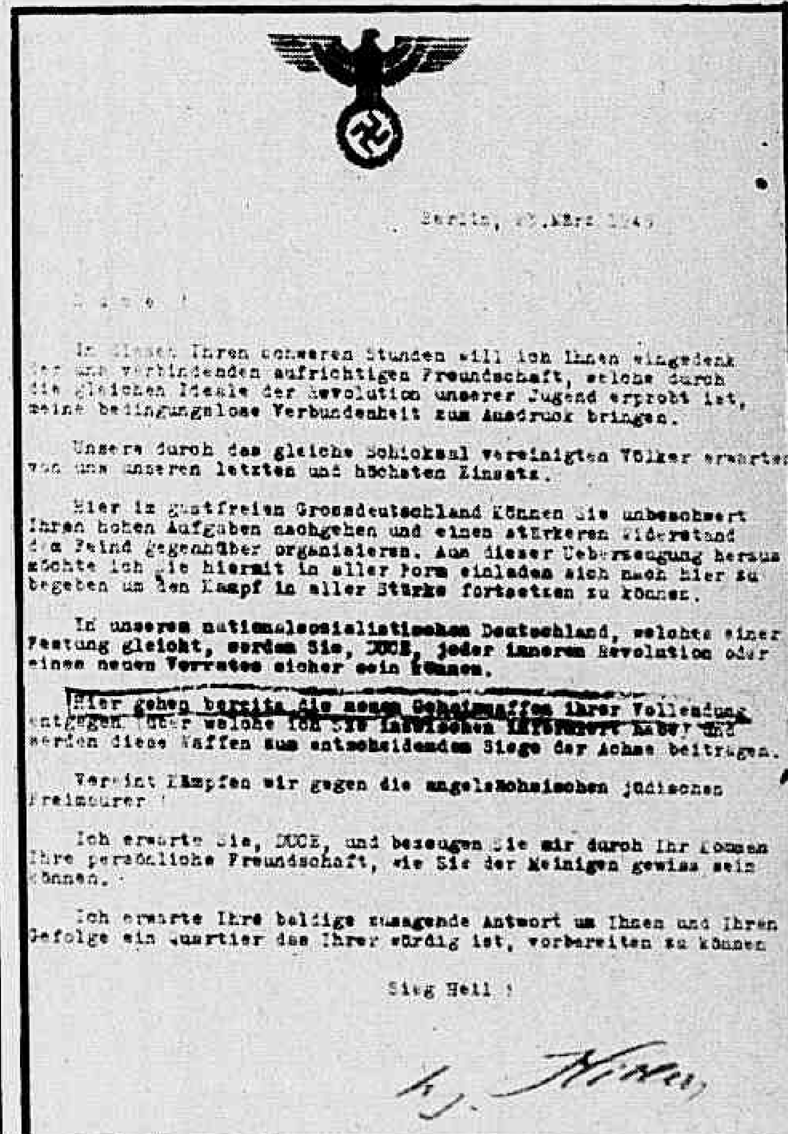
Would it not be a wise move to revise the position of both our countries?

Perhaps you could spare me the task of denouncing the agreement which you have not honoured.

Let me know your decision and believe me sincerely yours

Winston S. Churchill

His Excellency Signor Benito Mussolini,
Rome.



Berlin, ... März 1945

Duce !

In diesen Ihren schweren Stunden will ich Ihnen eingedenk der uns verbindenden aufrichtigen Freundschaft, welche durch die gleichen Ideale der Revolution unserer Jugend erprobt ist, meine bedingungslose Verbundenheit zum Ausdruck bringen.

Unsere durch das gleiche Schicksal vereinigten Völker erwarten von uns unseren letzten und höchsten Einsatz.

Hier im gastfreien Grossdeutschland können Sie unbeschwert Ihren hohen Aufgaben nachgehen und einen stärkeren Widerstand dem Feind gegenüber organisieren. Aus dieser Ueberzeugung heraus möchte ich Sie hiermit in aller Form einladen sich nach hier zu begeben um den Kampf in aller Stärke fortsetzen zu können.

In unserem nationalsozialistischen Deutschland, welches einer Festung gleicht, werden Sie, DUCE, jeder inneren Revolution oder eines neuen Verrates sicher sein können.

Hier gehen bereits die neuen Geheimwaffen ihrer Vollendung entgegen (über welche ich Sie inzwischen informiert habe) und werden diese Waffen zum entscheidenden Siege der Achse beitragen.

Vereint kämpfen wir gegen die angelsächsischen jüdischen Freimaurer !

Ich erwarte Sie, DUCE, und bezeugen Sie mir durch Ihr Kommen Ihre persönliche Freundschaft, wie Sie der Meinigen gewiss sein können.

Ich erwarte Ihre baldige zusagende Antwort um Ihnen und Ihrem Gefolge ein Quartier das Ihrer würdig ist, vorbereiten zu können

Sieg Heil !

A. Hitler

À esquerda: Carta de Churchill propondo a Mussolini a paz em separado e se prontificando a defender as reivindicações italianas na França e na África; documento ao centro: nova carta de Churchill encarecendo a necessidade de a Itália manter-se neutra, para evitar «que a chama da guerra se alastre, envolvendo todo o continente europeu»; finalmente à direita: carta de Hitler a Mussolini (últimos dias da guerra) convidando o «Duce» a refugiar-se na Alemanha, onde estaria «a abrigo dos inimigos e dos traidores». (Todos êstes documentos pertencem ao «dossier» De Toma). Hitler acreditava nas «armas-secretas».

Churchill tentou...



Hitler tinha sempre uma cópia da correspondência do "Duce"

propostas idênticas, e ficou famosa a brutalidade de sua resposta a uma plangente carta de Paul Reynaud, nas vésperas da queda da França. Também o Papa Pio XII foi infeliz nas suas demarches, junto ao «duce», não conseguindo desligá-lo dos seus compromissos com a Alemanha e, assim, afastar a Itália da guerra. E depois do Papa, seria a vez do presidente Roosevelt que, procurando convencer Mussolini sôbre a conveniência de uma neutralidade no Mediterrâneo, recebeu dêste uma contundente resposta que foi levada a Casa Branca, de viva voz, pelo embaixador da Itália em Washington.

Outro ponto em que se apoia o govêrno italiano, para evidenciar a falsidade dos «documentos De Toma», reside no fato de que Mussolini nunca deixou de enviar cópias a Hitler das cartas que recebia dos chefes aliados, bem como das respostas que aos mesmos enviava. Ora, tal atitude não seria possível se Mussolini, como dá a antender muitos dos documentos divulgados por De Toma, realmente estivesse tratando, por portas e travessas, de se livrar do aliado germânico e manter-se manhosamente fora do conflito mundial. E' conhecida, a respeito, a seguinte carta, escrita por Mussolini a Hitler:

«Fuehrer,

creio que a estas horas já conheceis os documentos que vos enviei, ou seja a carta de Reynaud e a minha resposta; a carta do Papa e aminha resposta; a mensagem oral de Roosevelt e a minha resposta. Chamo de modo especial a vossa atenção para a mensagem de Roosevelt, na qual existe um evidente caráter de ameaça: e daí o tom talvez o tom um pouco drástico da minha resposta...»

UM HITLER AINDA FANFARRÃO EM MARÇO DE 1945

Enquanto o govêrno italiano se esforça, visando provar a impostura dos documentos que se encontram sob a guarda de De Toma, o extenente da Guarda Republicana do regime de Saló entrega à imprensa italiana, para divulgação, uma nova messe de cartas as mais sensacionais. O leitor terá oportunidade de avaliar melhor sôbre a importância de tais documentos (importância, é evidente, que só existirá se os mesmos forem autênticos) vendo as gravuras que ilustram esta reportagem, e que reproduzem fotocópias de algumas das mais surpreendentes peças do discutido «dossier». O grosso do arquivo em mãos de Enrico De Toma se compõe de quatro grandes envelopes, sôbre os quais Mussolini escreveu respectivamente: «Winston Churchilll», «O rei», «Os traidores» e «Os inimigos». Há ainda um outro maço em que o «duce» teria guardado a sua correspondência com Hitler, inclusive a carta do dia 23 de março de 1945 (pouco mais de um mês antes do fim da guerra) e na qual o «fuehrer» oferecia ao seu parceiro asilo na Alemanha, onde estaria a salvo «dos traidores e dos inimigos». Não poderia ser mais precária essa promessa de ajuda e proteção, já que o próprio Hitler, encurralado pelos aliados numa jaula de ferro e fogo, estava êle próprio com os seus dias contados. Trinta e poucos dias após, todo o mundo nazi-fascista ruía fragorosamente, e as suas duas colunas mestras, o «duce» de Roma e o «fuehrer» de Berlim, acabavam tràgicamente sob os escombros de um império que imaginavam haver levantado para mil anos...

UM PEDIDO SINGULAR

De todos os documentos já divulgados por De Toma, um dose mais interessantes é uma carta que Churchill teria escrito a Mussolini, em novembro de 1943 (!), e na qual o «premier» britânico, pràticamente já senhor da vitória, solicitava ao «duce» (recém-libertado pelos alemães de sua prisão no Gran Sasso) a devolução das cartas que êle, Churchill, lhe enviara desde o comêço da guerra. A carta de Churchill é a seguinte:

«10 de novembro de 1943.

Excelência,

agora não existem mais razões para que conserveis em vosso poder a minha correspondência e os vários documentos em vossa posse.

«No passado, estas cartas vos foram endereçadas na vossa qualidade de Chefe do Real Govêrno Italiano. Considerarei a restituição dessa correspondência como um ato de cortesia de vossa parte, já que a mesma foi superada pelos recentes acontecimentos.

«Nesse particular momento, o Govêrno de S. Majestade está em condições de reconhecer o govêrno da República Social Italiana e seguem inclusas as especiais condições para isso.

«Confio sinceramente que leveis em conta o meu pedido e não minha oferta. E' essencial que vossa resposta não sofra qualquer retardo.

«Crede-me vosso,

Winston S. Churchill».

Mas êste como os demais documentos ainda terão que passar pelo crivo dos peritos, para que possam participar da História ao lado dos documentos que realmente contam o que se passou nos bastidores da Segunda Grande Guerra Mundial.

CINEMA ITALIANO NO BRASIL

TEDDY

● Com o positivo desenvolvimento no Brasil da exibição de filmes italianos, contaram as publicações especialisadas em cinema e os jornais brasileiros com um problema que o correr do tempo não trouxe, infelizmente, uma solução. Aceitando e aplaudindo os filmes italianos, o público brasileiro fêz com que distribuidores e exibidores pensassem na programação normal das películas realisadas na península. Foi o após-guerra fator decisivo para êsse domínio que, ano a ano, aumenta, provocando em Hollywood uma onda natural de apreensão. O «por quê» dêsse sucesso evidente, que só tende a tornar-se mais largo, já foi explicado. Não custa, porém, repetir.

Saindo de uma guerra que foi brutal, penosa e absorvente, o mundo necessitava de mais humanismo em seus filmes. A própria realidade da vida já não comportava, e assim ficou provado, a fantasia com que Hollywood durante uma época inteira fornecera com seus filmes — bem feitos, indiscutìvelmente, porém vazios de conteúdo humano. Os italianos, lançando o néo-realismo, conquistaram mercados que antes eram inacessíveis para êles e todo o resto da produção cinematográfica européia. Souberam dar continuidade à sua produção de filmes e até hoje dominam boa parte das casas exibidoras, contando com uma simpatia irrestrita que lhe vota o público espectador, principalmente o público brasileiro, à cuja alma latina tão bem falam os dramas e comédias produzidas nos estúdios de Roma.

O interêsse permanente do público fêz nascer uma curiosidade natural em tôrno dos artistas italianos, sua vida íntima, seus gostos, hábitos e excentricidades. Essa procura notória de notícias fêz com que os jornais e revistas brasileiras criassem seções destinadas ao material sôbre filmes e artistas italianos. Nesse ponto surgiu o problema, até agora sem uma solução adequada.

Soubemos que a Art Films, de Ugo Sorrentino, luta com dificuldades para suprir o imenso mercado da imprensa brasileira com material fotográfico e noticioso sôbre o cinema italiano, ao qual essa companhia distribuidora vem dando o melhor esfôrço em prol da divulgação das películas produzidas na Itália e de sua distribuição no Brasil. Não bastou a Ugo Sorrentino procurar trazer até cá os melhores filmes italianos. Êle pensou na propaganda (necessária) dêsses mesmos filmes. Queixam-se, e com razão, de que os produtores italianos não lhes mandam fotos e notícias, nascendo dessa incompreensão o problema que abordamos. Apesar da criação da «Unitalia» para difundir o filme italiano no mundo, com representante no Brasil, o problema não vem sendo cuidado como era de esperar, sabendo-se agora do valor do filme italiano para o público brasileiro. Se um apêlo tem que ser feito, nesta coluna, é feito agora, para que surja uma solução em benefício dos dois: o cinema italiano e o público brasileiro, tão grande apreciador do primeiro.



Durante uma festa em Hollywood, conversaram animadamente o «brôto» Robert Wagner e o veterano Spencer Tracy. Robert deve ter procurado saber como conseguir o talento de um mr. Tracy e mr. Tracy deve ter perguntado qual o método especial de Bob para conquistar tantas garôtas. . .



O «mestre do suspense» Alfred Hitchcock é visto nos estúdios da Warner, onde realizou recentemente outro filme do gênero «Dial «M» For Murder», mostrando ao «astro» Robert Cummings como assina seu nome. Reparem e vejam como até nisso o veterano Hitch é original . . .



DON CAMILLO E O «BROTINHO» — A comicidade espontânea de Fernandel, o famoso intérprete de «Don Camillo», foi reunida à malícia e beleza saborosa do «brotinho» francês Françoise Arnoul em uma comédia cujo título diz bem das intenções do realizador: «Fruto Proibido». Trata-se realmente de um fruto proibido, apesar de apetitoso . . .

ÚLTIMOS FLAGRANTES

Duvivier trabalha no argumento e diálogos de seu próximo filme: «Marianne-de-majeunesse», extraído de uma obra de Mendelssohn. ★ Yvonne De Carlo está amando realmente um fidalgo escocês chamado Robert Urquhart, que exigiu de Miss De Carlo extrema fidelidade. Ela há bastante tempo não sai com outro homem . . . ★ Vittorio De Sica expôs várias de suas telas na galeria italiana «L'Aureliana» e voltou a Nápoles para concluir sua mais recente película: «O Ouro de Nápoles». ★ Jules Dassin, especialista de Hollywood em filmes de «gangsterismo», encontra-se na Sicília, Itália, escolhendo os locais para seu próximo filme, baseado aliás na obra literária «Mastro Don Gesualdo». Talvez Dassin fique no cinema italiano durante algum tempo. ★ Estão filmando na Itália, em côres pelo «Ferranicolor», as aventuras de Marco Polo, que talvez use o processo C-Scope. ★ René Clement ficou muito contente com o prêmio especial concedido no último Festival de Cannes para o seu trabalho de cenarização de «Monsieur Ripois», aliás um filme inglês. ★ Fernandel fará, sob a direção de Jacques Becker, «Ali Babá e os quarenta ladrões», em «eastmancolor». ★ Daniel Gelin e Françoise Arnoul serão os intérpretes do novo filme planejado por Henri Verneuil, «Os Amantes do Tejo», baseado numa famosa novela de Joseph Kessell. ★ Martine Carol, está decidido, interpretará a figura de Madame Du Barry no filme que o espôso da «estrêla», Christian - Jacque, realizará em um dos estúdios franceses.

CINEMA BRASILEIRO

O PRODUTOR Alípio Ramos («Fôrça do Amor», «Pecado de Nina», «Três Recrutas») contratou o cômico Ankito com exclusividade e, após realizar «Marujo por Acaso», pensa em aproveitá-lo como intérprete de «O Mata-Mosquito». Para contrabalançar a concurrência, Carlos Manga, da Atlântida, estuda com carinho a possibilidade de realizar, com Oscarito, «Matar ou Correr», paródia dos filmes de oeste produzidos em Hollywood . . .

COMENTA-SE que Alberto Ruschell («O Cangaceiro») recebeu excelente proposta da Hercules Film, de Viena, para interpretar um papel destacado numa película a ser ali realizada em julho próximo. O ator ainda não respondeu aceitando o convite, pois estuda no momento outras propostas (igualmente vantajosas) de produtores espanhóis e portuguêses. Como se deduz, Alberto Ruschell está cotadíssimo no exterior . . .

MEXERICOS

Cecil B. De Mille pode não gostar muito, mas o produtor Darryl Zanuck, da Fox, está se preparando para filmar a vida de Cristo, que tanta fama deu a De Mille com o seu «O Rei dos Reis». Zanuck acaba de adquirir os direitos cinematográficos do livro «The Greatest Story Ever Told», que lhe custaram 2 milhões de dólares. O veterano produtor da Fox espera obter com esta filmagem em C-Scope o mesmo êxito de «O Manto Sagrado».

Depois da denominação «Platium blonde» lançada pela falecida Jean Harlow, a cabeleleira Helen Hunt, da Columbia, acaba de inventar um nome para o tipo de cabelo da jovem Kim Novak: «loura fluorescente». De fato, a belíssima Kim tem os cabelos mais luminosos que já se viu em Hollywood. Ela estréia no cinema em «The Pushover», ao lado de Fred MacMurray e dizem que a Columbia pretende elevá-la à mesma posição conquistada por Rita Hayworth.

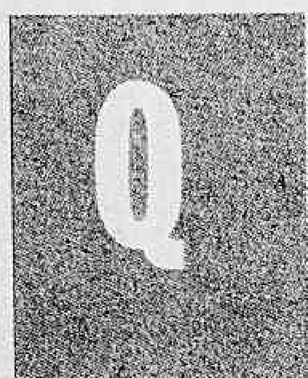
★

O escritor Pete Brook tem sido visto constantemente em companhia da atriz Dorothy Malone, que parece ter rompido o noivado com Scott Brady. Pete Brook já foi casado com a ex-atriz Marge Chandler, espôsa de Jeff Chandler.

★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★

O ENVIADO DE DEUS

ANTONIO MARIA



UANDO o menino chegou, já começaram a achar graça nêle. Era vesgo, amarelo, vestia uma calça feita de estopa, não vestia camisa de espécie alguma e o umbigo era saltado, como umbigo de laranja da Bahia. Estava sentado num banco em frente ao balcão, comendo pão e bebendo vinho Sulino (1$600 a garrafa) em cima. Molhava o pão no vinho, mastigava, mastigava e, ao engulir, dizia em tom de tristeza: «valha-me Deus»! Os outros estavam rindo em volta, mas um perguntou por que êle se valia tanto de Deus. O menino respondeu que era dor de dente. E, nessa toada, comeu seis pães molhados em duas garrafas de vinho. Menino estranho, aquêle menino. Feio, maltrapilho e com dinheiro no bôlso. Começaram a querer adivinhar sua vida. Alguém disse que devia ser filho de ladrão de cavalo, o único ladrão que anda nu. Outros acharam que a feiúra era praga de mãe e que devia ser um guia de sertanejos arribados, chegando primeiro para preparar o ambiente. Houve também quem dissesse que era negócio de cigano... e o menino, com os olhinhos quase misturados, continuava comendo em calma, dizendo «valha-me Deus», sem ligar para as desconfianças que se criavam em sua volta. Foi quando o dono do barracão resolveu acabar com o mistério:

— Menino, de onde é que você veio e o que é que você vai querer?

O amarelo tomou o ar do maior misticismo e falou:

— Depois de mim, virá o enviado de Deus!

Palavras assim, meio proféticas, sempre tiveram um grande poder sôbre aquela gente. Talvez fôsse por causa da miséria em que viviam, talvez fôsse uma esperança vaga de que, um dia, viria alguém ou alguma coisa aconteceria para melhorar tudo — mas, a verdade é que qualquer pessoa, que anunciasse um santo era imediatamente respeitada e recebida com a maior unção. Ali mesmo, ficou resolvido que o menino seria hospedado pela família do dono do **barracão** e lhe seria dado o melhor trato de rêde e comida. Quando foi de noite, vieram outros homens e outras mulheres saber do que havia. Deitado na rêde, já completamente nu (quem sabia alguma coisa de um enviado de Deus podia ficar nu à vontade) começou a contar a história:

«A cinco léguas dali, tinha um riacho chamado Urubu. Êle (o menino) estava pescando **traíra,** quando ouviu um estalo. Olhou, viu um clarão no céu, o ar ficou cheirando a pitanga e apareceu um homem alto, magro, barbado, vestido com uma túnica vermelha»...

— Era Nosso Senhor?... — perguntou uma velhinha, querendo que fôsse.

«Com certeza que não (continuou o menino vesgo) o homem era brasileiro e daqui de Bom Conselho. Mas, tendo morrido de morte matada, estêve no céu e, como seu único pecado havia sido o de comer uma trocal na 5ª feira Santa, foi recebido como santo e mandado descer à terra para curar cegos, paralíticos, fazer anão crescer e melhorar (em dinheiro) a situação dos pobres. Eu mesmo (dizia o menino, mastigando uma ponta de bacalhau cru) era muito defeituoso do corpo e fiquei bom com uma água que êle derramou na minha cabeça»...

— E por que não desentortou seus olhos?... — quis saber um cambiteiro.

«Porque eu não pedi (respondeu o menino de umbigo saído, voltando a contar)... Mas, depois de amanhã, antes do meio dia, êle deve estar aqui».

Aquela notícia correu por ali como um rastilho de pólvora. Ninguém mais trabalhou no eito, ninguém foi mais ao roçado, ninguém fêz mais nada, que não fôsse esperar o enviado de Deus. Já no dia seguinte, de tarde, em frente ao barracão, havia umas 70 pessoas, homens e mulheres, cegos, paralíticos, crianças abobalhadas, uma infinidade de doentes, certos de que ficariam sãos, depois que o **homem** os benzesse. No outro dia, na hora marcada, apontou, no aceiro da mata, exatamente a figura que o menino tinha descrito. Começou a vir, a aproximar-se e tinha tudo do Nazareno. Veio vindo e, quando chegou diante dos crentes, disse em tom grave e persuasivo:

— Estou muito fatigado, meus irmãos.

Os homens, as mulheres e as crianças — aleijados ou não — mergulharam a cabeça nas mãos e começaram a rezar. O menino estava ali, ao lado do seu mestre, de ôlho vivo, esperando a ordem de agir. Quando parou a reza (era um zum-zum que ninguém entendia) o homem falou:

— Meus irmãos, vocês acreditam em Deus e sabem que êle tudo pode?

Todos responderam que sim, que acreditavam e que sabiam.

— Então, antes de qualquer coisa, vamos fazer a coleta dos 5$000 para as Obras da Santa Missão.

E, num sinal de olhar, o menino, que tirou uma cuia não sei de onde, saiu recolhendo dinheiro. Eram uns 100 crentes e, a 5$000, foi dinheiro que não acabava mais. Recolhido o dinheiro, o homem disse:

— Fiquem de olhos baixos, com o pensamento voltado para Deus, enquanto eu vou ao rio buscar a água do milagre.

E virando-se para o menino:

— Vamos comigo, que é pra me ajudar.

Os crentes ficaram de olhos baixos, escureceu e a muriçoca desceu para tirar-lhes o sangue anemiado.

Desenho de DAREL

PLANTÃO NOTURNO ★ PLANTÃO NOTURNO ★ PLANTÃO NOTURNO ★ PLANTÃO NOTURNO





O DUPLO

OSÓRIO BORBA

Desenhos de **MARIA TEREZA**

PODEMOS agora virá-lo pelo avêsso. Talvez não tenha sido por um impulso de temperamento que êle se iniciou, parece, nas aventuras transoceânicas, mas para romper violentamente com a exasperante mediocridade um começo áspero de vida. Fêz viagens, decerto, em condições inenarraveis. Em Londres, em Chicago, em Hong-Kong escrevia magníficas entrevistas, às vêzes telepáticas. Adotou inconcebíveis profissões de emergência em Paris. Planejou façanhas na Arábia, revoluções no Sudão. Não dava a impressão de um instinto de viajeiro desinteressado, de um andejo por vocação, mas de uma ambição inquieta em busca de oportunidades. Reparando-se bem, havia uma certa vaidade nos desafios a riscos e imprevistos em terras distantíssimas. A gente tinha a impressão de que êle afrontara os incômodos enormes daquele cargueiro-tartaruga não por um instinto deambulatório, mas só para poder começar um artigo assim: «Ontem nevava em Paris, quando eu, descendo o Boulevard des Italiens...»

Suas crônicas, suas cartas, seus postais traziam as referências tendenciosas da linguagem de todos os turistas: «Ao cair de uma destas tardes feéricas da primavera européia, deixávamos o Bósforo a bordo o majestoso «Princess Astrid»... «... Na próxima semana irei a Nice visitar o meu amigo Tardieu». E sua odisséia pelos mares e estradas dos confins do lado de lá do Extremo Oriente devia estar justificada perante êle próprio pelo inefável prazer de poder mandar ao jornal, no Rio, uma admirável crônica literária sôbre «Uma noite em Harbin» num cabaré euroasiático onde tomara champanha com uma das princesas Tatianas autênticas, sobreviventes do massacre da família Romanoff, que costumam aparecer em todos os bacarés cosmopolitas do mundo, segredando ao cliente imaginoso: «Fique firme. Estou aqui icógnita!»

Êle é o autor dêste telegrama certamente único em tais têrmos já passado no mundo: «Sigo clandestino bordo Ruy». E não viajou como clandestino, mas numa declarada e

confortável 1ª classe. Bem observado, êle era talvez um profissional da maluquice, industrializando muito hàbilmente sua «extravagância», conciliando os raides de pedestrianismo com os negócios automobilísticos, e as irreverências do satirista com os madrigais propiciatórios. Um amigo encontrou-o no quarto um dia pregando numa valise novinha em fôlha, adquirida na véspera, dezenas de etiquêtas intactas que trouxera de hotéis da Europa, da Ásia e da América. A criada mineira da pensão, moça bastante simples para ter a noção do valor documental e evocativo dos dísticos de hotéis e dos rótulos de estradas de ferro e companhias de navegação, desapontara o turista «limpando» as suas maletas, arrancando-lhes todos aquêles papéis já dilacerados e sujos, escritos em línguas estranhas, destinadas a embasbacar os transeuntes e os «boys» e «garçons», e manter o entusiasmo dos amigos pelo grande corredor de terras.

Depois de algumas travessias transatlânticas, já não havia entusiasmo, mas um certo tédio na alma do «globe-trotter». Voltava com um ar fatigado, como resmungando mentalmente: — «Diabo de profissão esta. Antes uma chácara tranqüila em Campo Grande». O ingresso na carreira consular parece antes, nêle, uma busca a estabilidade. Já havia alijado do espírito tôdas as insatisfações dos vinte anos, o gôsto da sátira e das atitudes irreverentes. Repudiou a arte do epigrama pela do ditirambo. Repousou o espírito nas idéias assentadas, nas opiniões consagradas pelo consenso geral. Qualquer dia tôdas as possibilidades no exterior pela doce quietude burocrática de uma ancoragem para o resto da vida no remanso do Itamarati.








PIO X
O NOVO SANTO DA
IGREJA CATÓLICA



• N
reali
— a
torn
mod
Pari
mod
ital
car
e e
Cri
em
co
ch
ric
Fa
m
pe
R
S

● Nos interessantes desfiles realizados ùltimamente em Milão — que dia a dia vai-se tornando o segundo centro da moda européia, depois de Paris — têm-se destacado bonitos modelos bordados. A moda italiana está assim tomando uma característica própria, encantadora, e extremamente feminina. Criações em sêda, em linho ou em algodão, são tôdas adornadas com aplicações, bordado a cheio, em "richelieu" ou, as mais ricas, em miçangas e lantejoulas. Fotografamos alguns dos mais lindos modelos exclusivamente para as nossas leitoras da **Revista da Semana.** São encantadores, não concordam?



EM MODA O BORDADO

Milão — junho 54 (por Monique Renaux, correspondente exclusiva da «Revista» na Europa).



CONVERSA DE MULHER

CURIOSO INQUÉRITO

● Recentemente, foi realizado nos Estados Unidos um curioso inquérito sôbre «Qual o tipo de marido (ou de espôsa) que dá «dor de cabeça»? As respostas — que agora nos chegam — são as mais variadas possíveis. No entanto, destacamos algumas pela sua maior freqüência. Apesar de realizado noutro país, o citado inquérito muito aproveitará às espôsas (e aos maridos) brasileiras. Vejamos primeiro as **espôsas que dão dor de cabeça** aos maridos. Com a palavra êstes últimos:

1 Aquelas que **não cuidam de sua aparência**. Corremos o risco de chegar em casa com alguns amigos e ficarmos encabulados de apresentar uma mulher, que é a nossa, despenteada cu mal vestida. Não se cuidam, e ainda por cima vivem reclamando que «não somos românticos». Mas . . . como o poderemos ser?

2 Aquelas que **gastam uma fortuna em vestidos**, chapéus, salões de beleza . . . A dor de cabeça é na hora de pagar as contas. Será que não entendem que gostaríamos delas sem tudo isso, como são, ao natural?

3 As que **não sabem ser boas donas de casa**. Afinal de contas, nós, maridos, cumprimos nossas obrigações trabalhando para sustentá-las e aos filhos. Será que elas não podem também cumprir as suas obrigações dentro do lar?

4 Aquelas que **estão sempre limpando ou arrumando** alguma coisa, ou que vivem preocupadas com o cardápio. Casamos para ter uma mulher e não uma criada ou governanta.

5 Aquelas que **vivem na rua . . .** e chegam depois de nós em casa. Afinal, a mulher deve cuidar do lar, e para isso sua presença em casa é necessária. Que têm elas que fazer na rua, o dia inteiro?

—//—

Como vêm, as respostas parecem que se contradizem. Alguns queixam-se do **mais** e outros do **menos**. É que a perfeição está exatamente no meio-têrmo, sem exageros.

O mesmo veremos quanto às queixas das espôsas sôbre os **maridos que dão dor de cabeça**. As espôsas estão com a palavra:

1 Aquêles que acham a comida de todo dia boa para qualquer convidado . . . e **não nos avisam quando vão trazer um ou dois amigos para o jantar**. Será que não compreendem que, mesmo não havendo questão de qualidade, há de quantidade?

2 O marido que acha que nossa comida não é boa para seus amigos, e sempre que os convida **prefere ir a um restaurante**. Afinal, é a nossa dignidade de dona de casa que está em jôgo!

3 Aquêles que são **menos educados em casa** do que em público. É muito mais fácil levar a vida com um marido que tenha um mínimo de educação e consideração para com a gente.

4 Aquêles que são **menos educados em público** do que em casa. Ficamos tão humilhadas quando nosso marido faz uma «gaffe»!

5 O marido que escolhe as horas menos românticas para suas demonstrações de amor . . . Nós, mulheres, ainda levamos em grande conta o romantismo. **LIGIA JUNQUEIRA**

UM POUCO DE BELEZA

BOA POSIÇÃO

A BOA POSIÇÃO do corpo é condição primária e essencial para a sua elegância. Eis alguns conselhos que ajuda-la-ão a se corrigir ou a melhorar, mais ainda, a maneira de manter o corpo.

● Quando estiver DE PÉ, parada, apoie-se nos dois pés, porém não se mantenha rigidamente ereta. Mude o pêso do corpo de um pé para o outro, dobrando um pouquinho um dos joelhos, de forma a obter uma posição confortável. Ponha a barriga para dentro, e deixe que caiam naturalmente os braços e os ombros. Isso! Levante-se da cadeira e experimente!

● Agora sente-se outra vez, e aprenda a boa posição SENTADA: antes de mais nada, sente-se bem no fundo da cadeira, e procure encostar as costas no espaldar. Cuidado com os ombros, mantenha-os altos, para que não pareçam curvos. Coloque os dois pés no chão, um dêles um pouquinho mais para a frente. Se quiser cruzar as pernas cruze-as, porém, cuidadosamente, para que a barriga da perna de cima, com o pêso, não apareça deformada, prejudicando sua elegância.

● Vamos experimentar LEVANTAR DA CADEIRA? Não coloque as mãos nos braços da cadeira nem as use como se seu corpo fôsse muito pesado e precisasse de ajuda. Coloque o pé direito um pouco afastado, e na frente do esquerdo. Com as mãos no colo, juntas, imprima ao corpo um ligeiro movimento para a frente, e veja como é fácil levantar-se! Enquanto você se levanta deixe que os braços caiam ao longo do corpo.

● Agora, verifique se sabe ANDAR direito, também: caminhe com as pontas dos pés para a frente, apoiando-se bem na planta dos mesmos, e não nos calcanhares. As pernas devem se movimentar a partir de sua junção com o corpo, isto é, das cadeiras. Mantenha o peito ereto e a barriga para dentro.

Falamos em elegância, no início dêsse artigo. Agora, cumpre acrescentar que a boa posição do corpo não é sòmente um fator de elegância, mas também de saúde. Experimente e verá como você se sentirá mais bem disposta.

WEEK-END na cozinha

● Experimente, por exemplo êste BÔLO EM FATIAS: Prepare antes (ou utilize alguma sobra) um bôlo de assadeira, de sua preferência. Um bôlo simples, só de clara ou de gema de ôvo. Depois prepare um bom creme de baunilha, acrescentando ao mesmo bastante chocolate, para ficar bem escuro, enquanto ainda no fogo. Corte o bôlo em fatias regulares. Arrume essas fatias verticalmente, numa fôrma comprida, passando um pouco de creme de chocolate de ambos os lados de cada fatia. O creme deve ser bem grosso para não escorrer muito depressa. Desenforme com cuidado, cubra a parte de cima com o restante do creme de chocolate e os lados com creme «chantilly». Ponha para gelar, perto de 3 horas; corte em fatias diagonais, e sirva logo.

● Para um lanche ligeiro, porque não experimenta servir deliciosos BISCOITOS DE CHOCOLATE?

Ponha numa tijela: uma e meia xícara de farinha de trigo, peneirada com 1 colher das de sobremesa de fermento em pó; 2 colheres das de sopa de manteiga; dois ovos, ligeiramente batidos, e uma colherinha de essência de baunilha. Bata até conseguir uma massa bem macia e unida. Junte 60 gramas de chocolate amargo em pó e um pouquinho de leite (se achar que a massa está um tanto dura para pingar).

Pingue numa assadeira untada; asse em forno moderado, cêrca de meia hora. Sirva quentinhos, com manteiga.



NÃO HÁ DÚVIDA de que com chocolate pode-se preparar bolos, pudins e doces deliciosos... aproveite o inverno para surpreender os seus com gostosas sobremesas de chocolate, pois, nessa época, não faz tanto mal ao organismo. Ao contrário, por conter bastante calorias, é ótimo alimento para crianças e adultos que precisam ganhar um pouco de pêso.

NO BAR

● Prosseguindo na nossa intenção de desvendar para a dona de casa os segredos dos bons coquetéis, apresentamos hoje a receita para o famoso RUM COLLINS: A quantidade indicada é para uma dose: tome 50 gramas de rum, junte o suco de meio limão e uma colher das de chá de açúcar. Ponha na coqueteleira e sacuda, com gêlo picado. Derrame num copo grande, acrescente soda e enfeite com fatias de laranja ou com cerejas em calda.



SUGESTÃO PARA O LAR

● Os tecidos de algodão em xadrez, listras ou com desenhos geométricos prestam-se sobremaneira para a decoração. Sendo laváveis, tem ainda a vantagem de se poder conservá-los sempre limpos e bem apresentaveis. Veja a decoração dêste quarto, tôda em lonita xadrez. Não é uma maravilha de simplicidade e bom gôsto? Cortina, fôrro da poltrona, colcha e espaldar da cama são no mesmo tecido. Quebrando a monotonia, um largo babado, na colcha, e almofadas em côr lisa, a côr mais clara do tecido xadrez. Observe como ficaram bonitas as duas gravuras, com molduras semelhantes, colocadas lado a lado sôbre a cabeceira da cama.

TREZENTOS E TRINTA E SEIS

o número da cabala

UM PROJETO DE LEI QUE BENEFICIARIA PEQUENOS FUNCIONARIOS, SE BENEFICIASSE (ANTES) ALGUNS DEPUTDOS ★ GARCEZ, AVISADO A TEMPO, VETOU ★ CONCEIÇÃO SANTAMARIA TENTA VARRER A TESTADA, MAS NÃO CONSEGUE ★ ASDRUBAL DA CUNHA, TAMBÉM NÃO ★ KEFFER, O TERCEIRO DEPUTADO, A PRINCÍPIO ACUSADO, SAI ILESO ★ ISA, UMA SECRETÁRIA OUTRORA PRESTATIVA, ESQUIVA-SE A TODOS, INCLUSIVE AOS FOTÓGRAFOS E JORNALISTAS.

Reportagem de FRANCISCO RIBEIRO

GOVERNAVA Ademar. Em 1950, transitou pela Assembléia Legislativa de São Paulo um projeto de lei. Tinha o número 1.039 e dispunha sôbre cargos na Secretaria da Fazenda Pública (exator; auxiliar, e fiscal de rendas). No artigo 16 dêsse projeto, previa-se que os funcionários-escriturários, lotado nos Postos de Fiscalização do Estado e nos Distritos Fiscais da capital, seriam, sem concurso, promovidos a Fiscal de Rendas. Vantagens: elevação do salário-teto, de 3.000 para 16.000 cruzeiros.

O projeto havia emperrado nas mãos de Conceição Sampaio. E, um dos interessados, Juvenal Filipe Guedes, resolveu interceder junto daquela deputada. Esta, a princípio esquiva, mudou de atitude e dispôs-se a se interessar pelo projeto 1.039, depois que Juvenal lhe prometeu entregar-lhe 1 milhão e meio de cruzeiros e os leprosários que protege com grande mise-en-scene publicitária, uma vez o projeto aprovado.

Acontece que a deputada emendou, no Autógrafo, a palavra «escriturário», rasurando-a e ampliando o benefício a outros. Quando, no ano seguinte, o projeto foi parar às mãos do governador do Estado, — já então o prof. Lucas Nogueira Garcez, o artigo 16 foi vetado, justamente por causa da emenda introduzida.

O MILHÃO LUZIA COMO ESTRÊLAS

Mas, o milhão e meio de cruzeiros luziam como um milhão e meio de estrêlas e a deputada Conceição Santamaria voltou à carga. E transformou o artigo 16 do projeto 1.039 num projeto-lei — o 336 — que apresentou à Assembléia. Rezava assim: Art. 1º. Serão aproveitados como Fiscais de Rendas os funcionários lotados nos Postos de Fiscalização do Estado e dos Distritos Fiscais da capital que, em 31 de dezembro de 1950, de direito e de fato, exerciam as funções de escriturários».

Juvenal Filipe Guedes, que já havia intercedido junto da deputada, ainda desta vez se manifestou como representante dos 146 funcionários a quem o projeto beneficiaria. Como o andamento dêste se arrastasse por todo o ano de 1951 e até meados de 1952, resolveu agir mais diretamente.

Era, nesse ano, presidente da Assembléia, o deputado Asdrubal da Cunha.

A êle se dirigiu Juvenal, através de Isa Barcelline, secretária daquele. À frente de uma comissão integrada por êle próprio, mais Artur Gomide de Andrade, Hélio Moreira Lopes, Aldo Calvino, José Dahir Pôrto, César Flora Sob. e Olegário Tibiriçá, procurou dona Isa. E propôs-lhe que ela pedisse ao deputado Asdrubal da Cunha que se interessasse pela aprovação do projeto, prometendo êles, em troca, amplo apoio eleitoral quando necessário.

A comissão, sempre com Juvenal à frente, andou numa série de idas e vindas até o gabinete da secretária do Presidente da Assembléia. E, um dia, passou a emitir circulares e a enviá-las aos 146 interessados, propondo-lhes que cada um entrasse com uma quota de «dez mil cruzeiros para que o projeto fôsse aprovado». O apoio eleitoral prometido, havia-se transformado em apoio financeiro. Era a tentativa de subôrno

Aquela contribuição de dez mil cruzeiros, multiplicada por 146, iria, segundo depoimento dos interessados «para os leprosários» como prova de gratidão pelos esforços dos deputados Asdrubal da Cunha e Conceição Santamaria.

D. ISA, SUPERINTENDENTE

As contribuições foram, pouco a pouco, sendo arrecadadas no escritório A.S. Guedes, nar rua Barão de Paranapiacaba, 52 — 5º, funcionando em nome da mulher de Juvenal, e depositadas depois, em nome dêste no Banco do Estado de São Paulo. Mais tarde, quando a soma recolhida já passava de trezentos mil cruzeiros, decidiu-se fazer o levantamento do dinheiro do Banco, e passar a guardá-lo no cofre da própria firma A.S. Guedes.

D. Isa ia sendo minuciosamente informada do andamento da recolha de fundos. Quando êstes atingiram 1 milhão de cruzeiros, a comissão dirigiu-se ao Palácio Nove de Julho, acompanhado de Artur Gomide de Andrade que, numa pasta, levava aquêle dinheiro, a que se convencionara chamar de «fotografias».

D. Isa, uma vez avisada pela comissão de que o dinheiro, aliás, as fotografias, estavam ali para serem entregues ao dr. Asdrubal, pediu uns minutos para que subisse ao gabinete e informasse a respeito. No regresso, disse aos membros da comissão que fôssem até ao seu apartamento, na rua Vitória 829, 6º andar, e ali a esperassem. Chegou, minutos depois dêles.

Esvasiada a pasta do milhão, que já não era de fotografias, mas sim de cruzeiros, dona Isa informou: tudo certo. Mas... o deputado Ferreira Keffer queria introduzir emendas no projeto, ampliando-o assim em benefício de outros. Já conseguira reunir 25 assinaturas. Para evitar entraves e delongas (Asdrubal da Cunha terminaria o mandato como presidente da Assembléia, em breve) amolecera Keffer com um cheque de duzentos mil cruzeiros, por ela assinado, e que iria resgatar com parte daquele milhão que acabara de receber. Todos concordaram.

D. CONCEIÇÃO TENTA TIRAR O CORPO FORA

O projeto passou em primeira discussão. Quando a deputada Conceição Santamaria regressou da Europa, onde estivera passeando, foi informada por Asdrubal da Cunha (segundo informação de dona Isa) do que estava acontecendo e ficou contentíssima. O projeto passou em segunda discussão. Era a hora de Isa intervir, mais uma vez. Urgia que os restantes quinhentos mil cruzeiros fôssem entregues quanto antes, para que não surgissem complicações de última hora. Então, três dos membros da comissão — Artur Gomide de Andrade, Aldo Calvino e Juvenal Filipe Guedes, fizeram 3 títulos de cem mil cruzeiros cada um, que, avalizados por cinco outras pessoas, foram descontados no Banco Bandeirantes. Os trezentos contos assim apurados, mais o que restava para o meio milhão e que foi reunido aos poucos e poucos, foram entregues a dona Isa.

No final do legislativo de 1952, o projeto «336» foi presente ao Plenário. A êle se opuseram os deputados Juvenal Sayon, Jânio Quadros, Cid Franco, Derville Alegretti e Camilo Ashcar. Mas Conceição Santamaria, influente como sempre, e enérgica como nunca, conseguiu a maioria necessária para que o projeto fôsse aprovado. Faltava a assinatura do governador Lucas Nogueira Garcez. E essa assinatura não foi aposta no documento.

Garcez, alertado, vetara sem vacilar o projeto. O deputado Osni Silveira, sabedor do fato antes que fôsse tornado público, avisou Conceição Santamaria para que «saísse dessa» quanto antes. Assim ela fêz, num artigo em «Última Hora» publicado na antevéspera do Natal. «Ao voltar da Europa, em novembro, contara-lhe que estava negociando o projeto». Mas, a Assembléia, entre a data em que regressou da Europa (fins de novembro) e aquela de 23 de dezembro em que fêz publicar o artigo em «Última Hora», silenciou. Fracassado o projeto de lei, pelo veto de Lucas Nogueira Garcez, Isa Barcellini devolveu o dinheiro recebido. Agora, nega saber seja do que fôr, e foge dos fotógrafos como do demônio.

Em junho do ano passado, o deputado Juvenal Sayon denunciou o escândalo. Logo dona Conceição Santamaria negou tudo e pediu um



Conceição Santamaria: dizem que ela era melhor como Regina Maura

inquérito. E por proposta do deputado Cid Franco se formou uma Comissão Parlamentar de Inquérito, assim constituída: Paulo Teixeira de Camargo, substituído (dezesseis dias depois da formação daquela comissão — 30 de junho) por Prestes Franco, presidindo; José Miraglia, agora substituído, por se encontrar impedido, por Lino de Matos; Luís Augusto de Oliveira, Camilo Ashcar e Rogê Ferreira.

DEZ MESES DEPOIS: A BOMBA EXPLODE

A Comissão levou a investigar tudo isto durante 10 meses. Segundo o deputado Prestes Franco «opinamos, nos têrmos do art. 48º, parágrafo único, da Constituição, pela cassação dos mandatos dos deputados Asdrubal da Cunha e Conceição Santamaria, se assim entender o douto plenário e conseqüente remessa dos autos à justiça comum». Quanto ao deputado Ferreira Keffer, foi inocentado uma vez que as acusações contra êle formuladas não tinham fundamento. Aliás, o deputado Juvenal Sayon já o inocentara em 20 de maio.

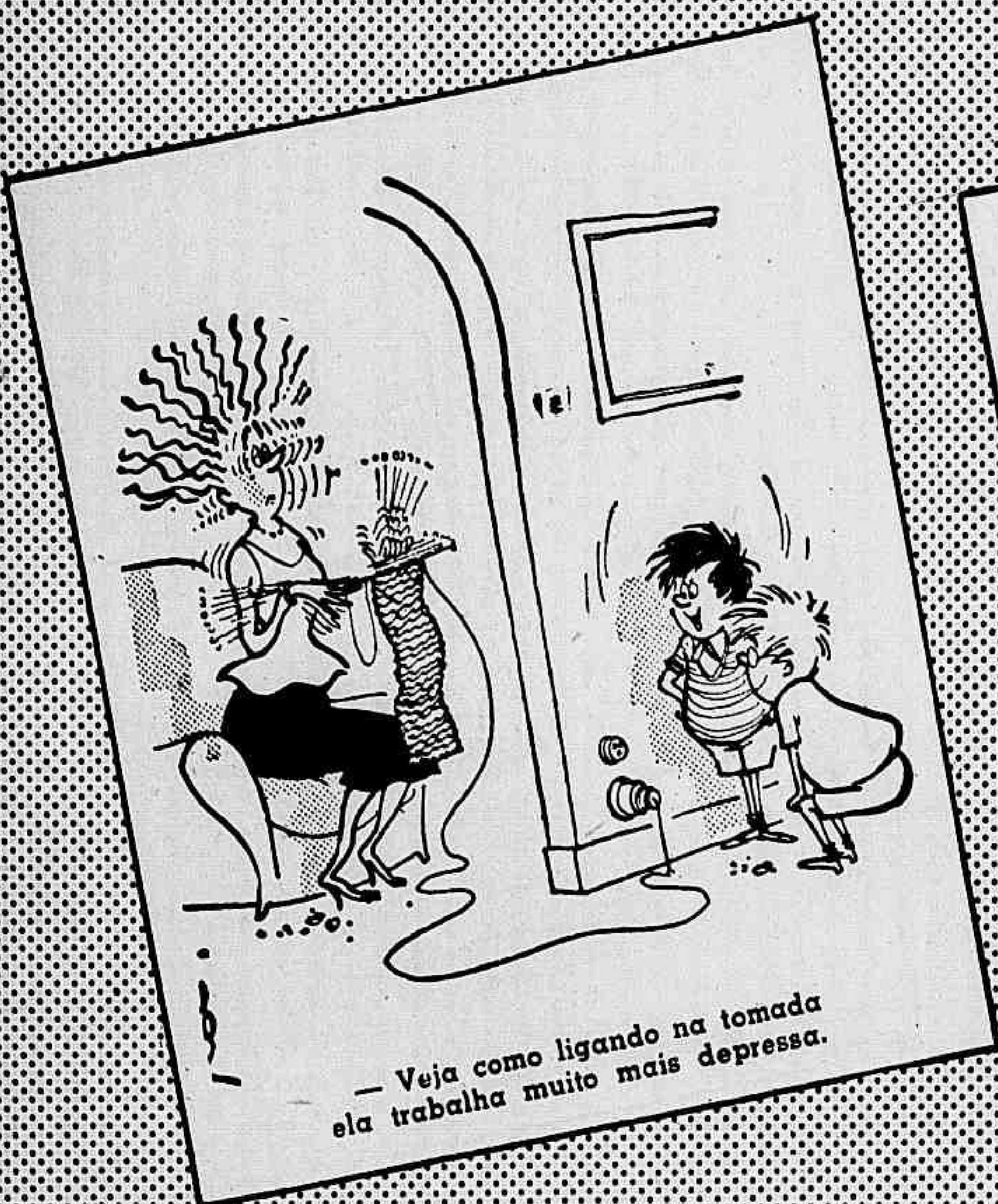
Os integrantes da Comissão de Inquérito não estão todos de acôrdo com os resultados das diligências, uma vez que não foram perfeitamente levadas a efeito. Assim, enquanto o deputado Camilo Ashcar parece estar de acôrdo com Prestes Franco, já os deputados Rogê Ferreira, José Miraglia e Luís Augusto de Oliveira opinam que as provas são insuficientes no que toca à confirmação de que os deputados Asdrubal da Cunha e Conceição Santamaria houvessem tido conhecimento do que se tramara. Os dois últimos daqueles deputados, pelo contrário, pronunciam-se pela entrega à justiça dos funcionários Artur Gomide e Juvenal Guedes, como estelionatários e subornadores.

Êstes são os fatos. A opinião pública, alarmada com o escândalo, tem seguido com interêsse o desenrolar dos acontecimentos, para usar neste caso triste, um triste lugar comum.

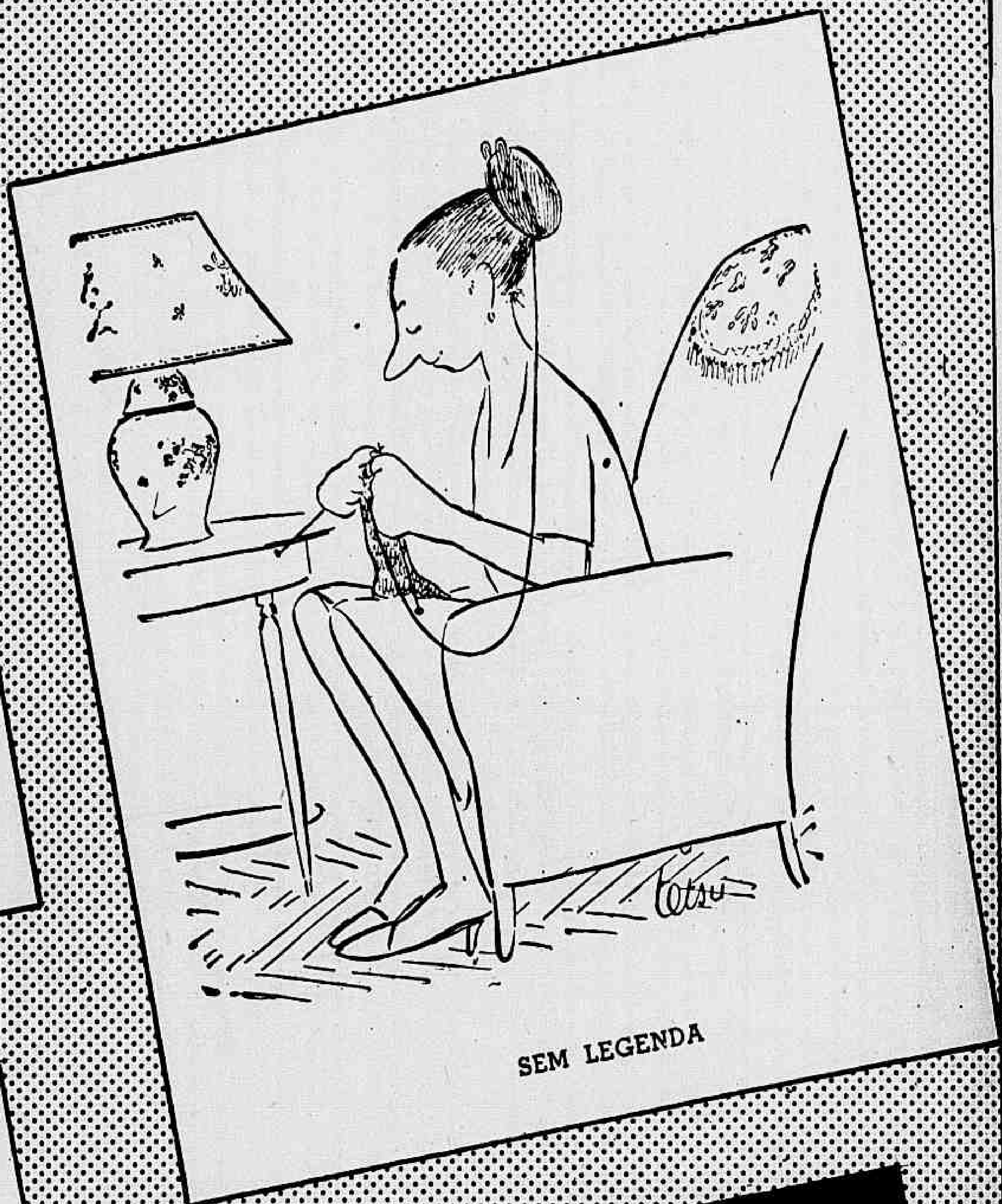
O «Diário Oficial» publica na sexta-feira, 4 de junho, na íntegra, e em suplemento, o Inquérito Parlamentar.

O Plenário decidirá agora. Será êste um caso em que a Política vai amordaçar a Justiça?

O TRICÔ NO RISO DOS OUTROS



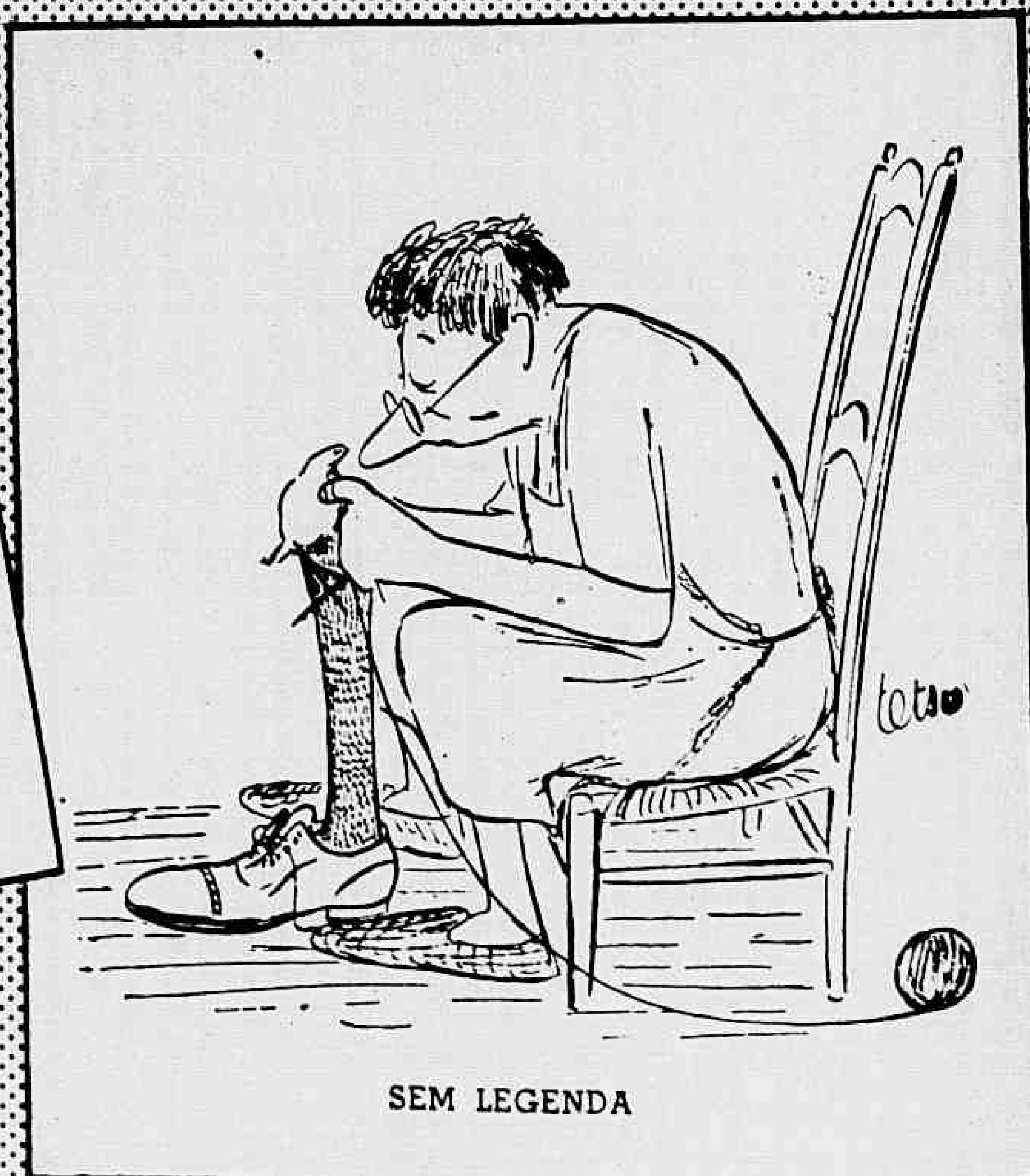
— Veja como ligando na tomada ela trabalha muito mais depressa.



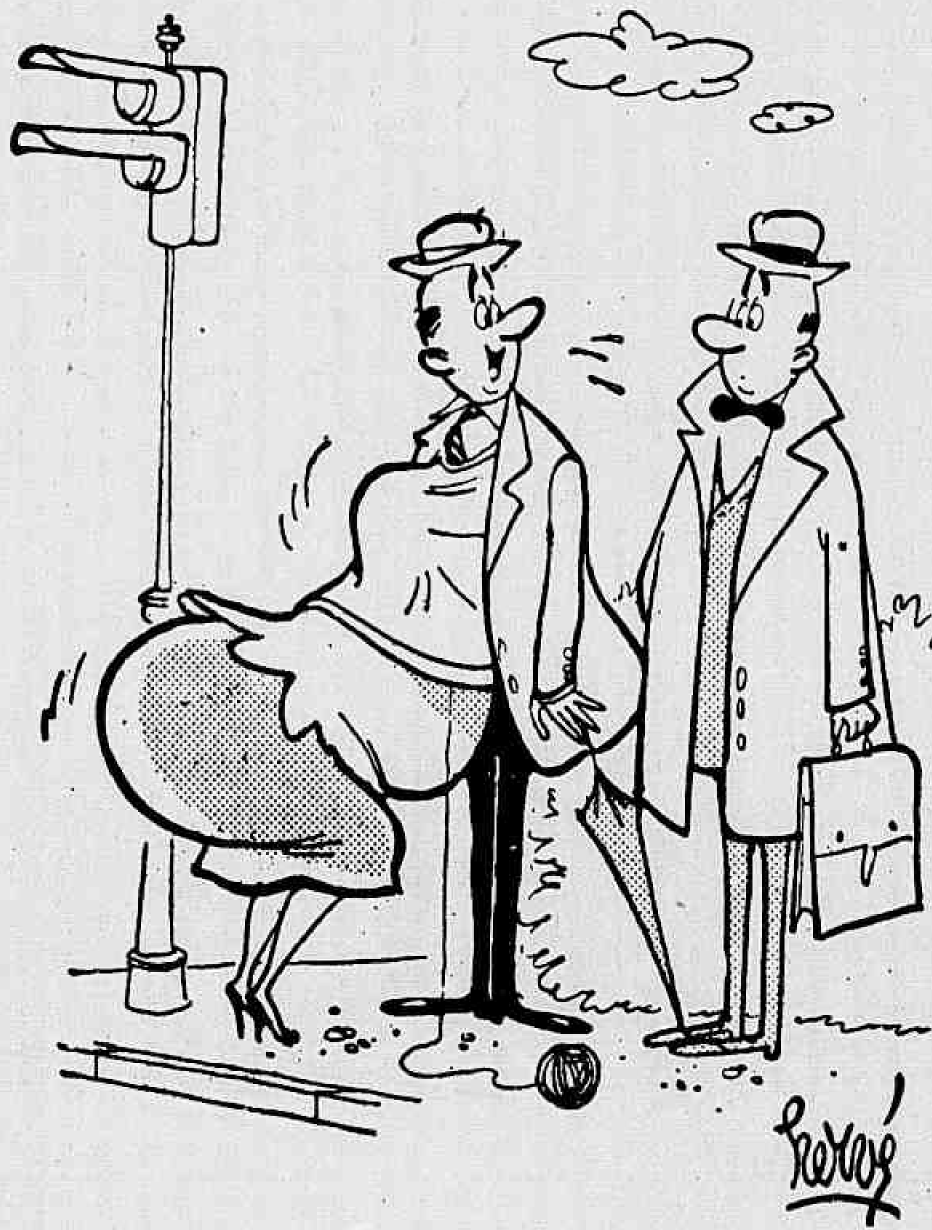
SEM LEGENDA



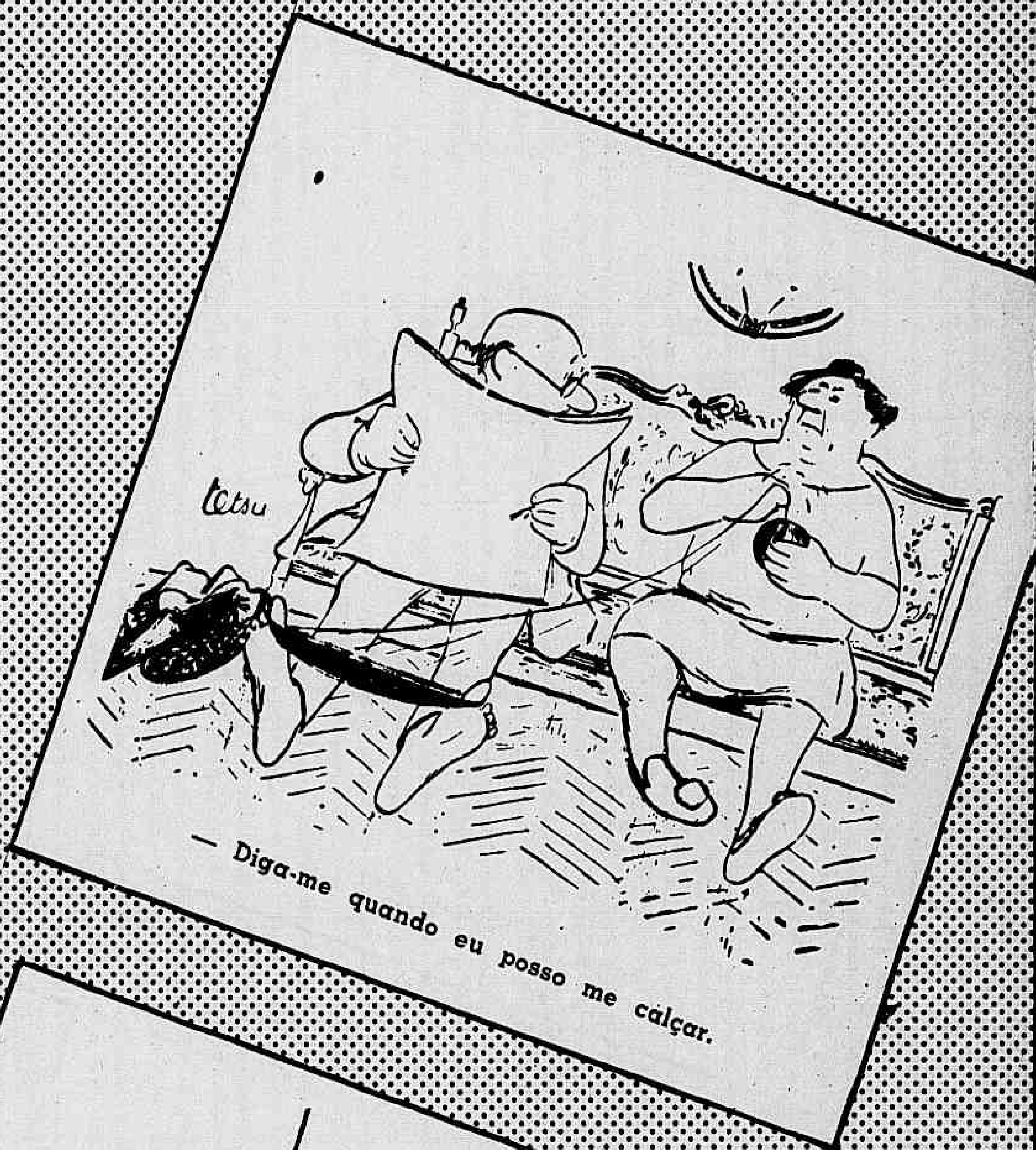
SEM LEGENDA



SEM LEGENDA



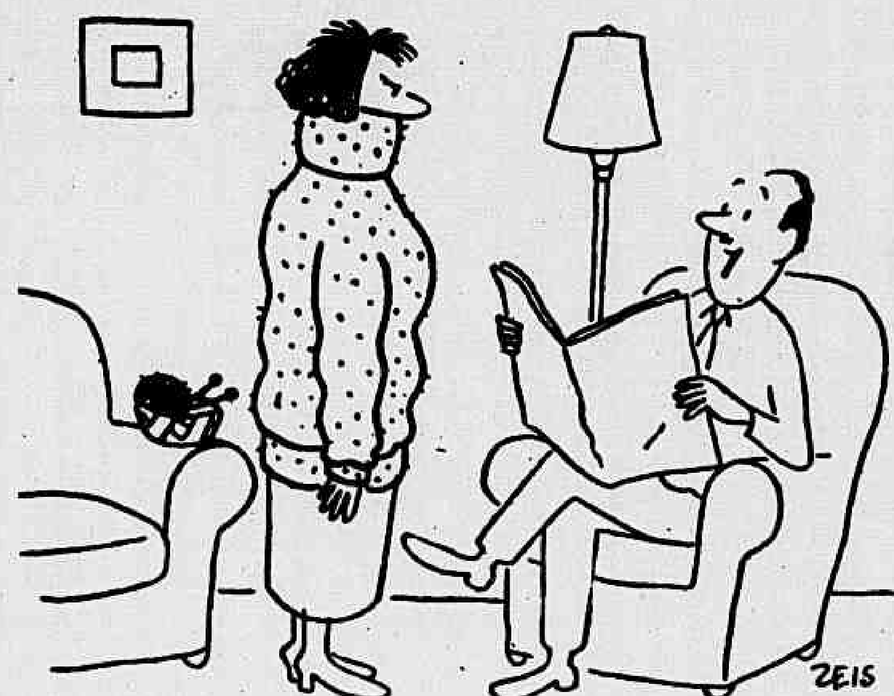
— Você sabe, ela é quem tricota tôda a minha roupa branca...



— Diga-me quando eu posso me calçar.



— Se você não exagerasse tanto as suas histórias de pescaria, eu já teria terminado o meu trabalho.



— Não fique rindo aí como estúpido! Para mim está ótima.



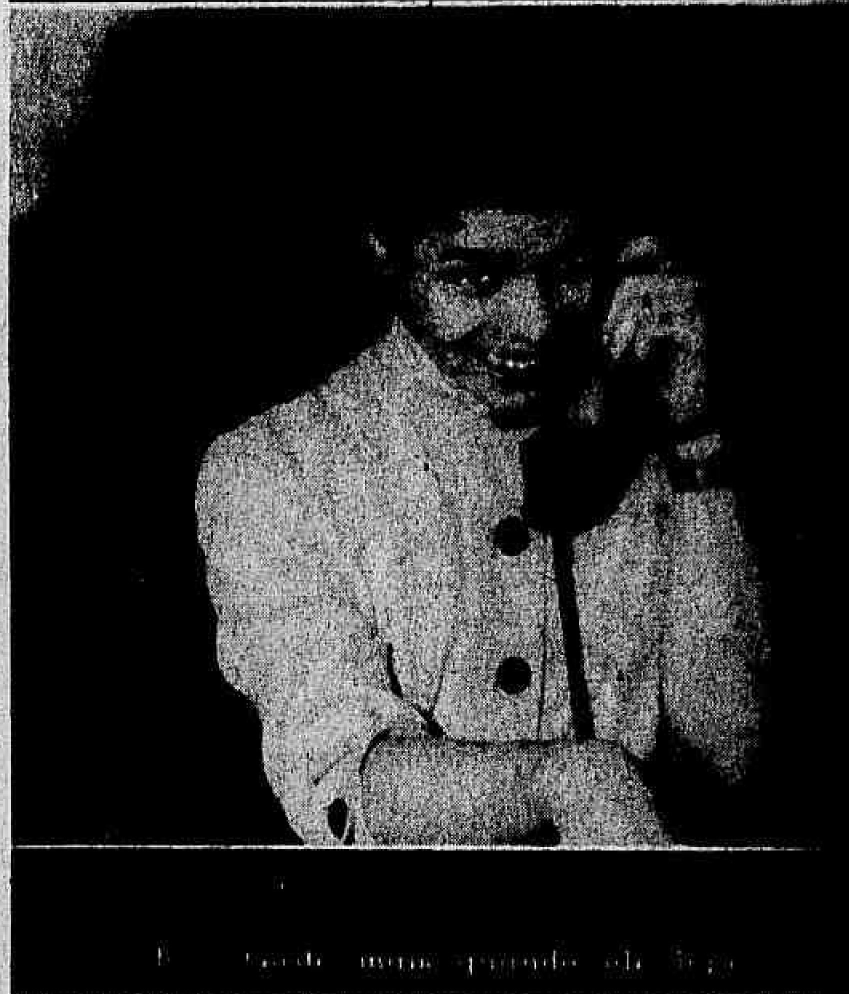
... Copaca-
... já muito
... que pode. Pre-
... mas não pre-
... pouca. Acredita em



"NEM SÓ DE PÃO VIVE O HOMEM"

CONSUELO LEANDRO, A MAIS JOVEM ATRIZ CÔMICA DO NOSSO TEATRO, DESEJA ASSINAR UM CONTRATO COM A METRO, GOSTA DE USAR CALÇAS COMPRIDAS E ACREDITA NA VITÓRIA DAS PERNAS, EMBORA TENHA VENCIDO A CUSTA DE TALENTO E TAMBÉM DE MUITO ENTUSIASMO.

Texto de **LUIZ SODRÉ** Fotos de **ALEXANDRE MIRANDA**



Ping — Que gostaria v. de responder?
Pong — O que v. quiser perguntar.
Ping — Quantas vêzes v. amou na vida?
Pong — Tantas quantas não fui correspondida.
Ping — Com que idade v. começou a viver?
Pong — Já nasci vivendo.
Ping — Que espécie de cartas v. gostaria de receber?
Pong — As que eu recebo: cartas de fãs.
Ping — Como é que v. passará o seu primeiro dia no céu?
Pong — Experimentando a camisola.
Ping — Qual o contrato que v. gostaria de assinar?
Pong — Cinco anos com a Metro.
Ping — V. acha que chegará a assiná-lo?
Pong — Quem sabe?
Ping — Cite alguma coisa pior do que sapato apertado.
Pong — Dor de dente.
Ping — Com quantos uísques v. fica tonta?
Pong — Basta olhar para a garrafa.
Ping — Aceita um drinque?
Pong — Se v. insiste.
Ping — Não, não insisto, precisamos acabar a entrevista: o amor lhe tira ou lhe dá fome?
Pong — Dá sono.
Ping — Quantas horas v. dorme por dia?
Pong — Doze.
Ping — O que v. mais gosta de fazer durante o dia?
Pong — Comer.
Ping — E durante a noite?
Pong — Badalar.
Ping — Se v. não fôsse Consuelo Leandro que artista de teatro gostaria de ser?
Pong — Consuelo Leandro.
Ping — E de cinema?
Pong — Consuelo Leandro.



Ping — V. acredita no futuro da televisão no Rio?
Pong — Coisas piores já venceram aqui.
Ping — O que v. gosta mais de ler nos jornais?
Pong — Meu nome.
Ping — Qual o seu traje ideal?
Pong — Calças compridas.
Ping — Só?
Pong — Não. Também.
Ping — V. já viu alguma alma do outro mundo?
Pong — Nunca estive lá.
Ping — Se v. tivesse um crédito de 5 milhões no Banco do Brasil, como empregaria êsse dinheiro?
Pong — Gastando.
Ping — E como pagaria?
Pong — Devendo.
Ping — Qual foi a notícia mais triste que v. já recebeu?
Pong — A de que êle havia casado.
Ping — E a mais alegre?
Pong — A de que êles não se davam bem.
Ping — Quantos cigarros v. fuma por dia?
Pong — Quantos me derem.
Ping — V. acredita em Príncipe Encantado?
Pong — Claro!
Ping — V. já o viu alguma vez?
Pong — Várias.
Ping — Onde?
Pong — Numa certa esquina, numa certa hora.
Ping — Que número v. gosta mais de ligar ao telefone?
Pong — Gosto mais quando êle liga.
Ping — V. acredita na vitória das pernas?
Pong — Nem só de pão vive o homem.
Ping — Se o mundo acabasse amanhã que v. faria hoje?
Pong — Não teria tempo.



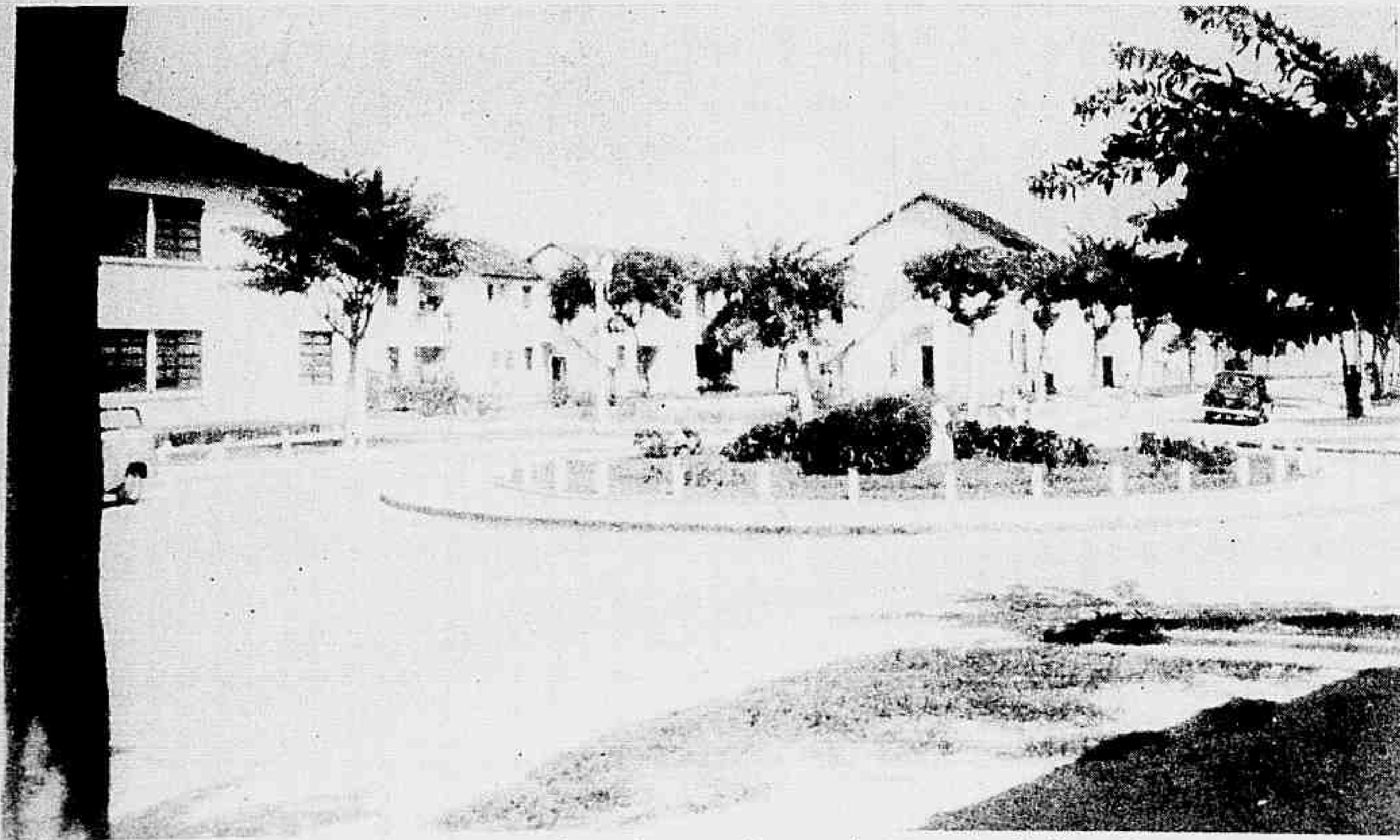


O Presidente do I.A.P.C. entre o Ministro da Justiça e o deputado Aziz Maron, por ocasião do encerramento das comemorações do 20º aniversário daquela autarquia

O I. A. P. C. NOS SEUS VINTE ANOS

DA RIDÍCULA IMPORTÂNCIA DE CR$ 1.113,30 BENEFICIANDO APENAS, 464 CONTRIBUINTES, EM 1936, À FABULOSA QUANTIA DE CR$ 3.797.674.421,20 e 724.087 EM DOIS DECÊNIOS — 45.315 PESSOAS ABRIGADAS E 3.960.061 CONSULTAS, A AMBULATÓRIOS, DADOS EXPRESSIVOS E IRRETORQUÍVEIS — AS ATIVIDADES DO I.A.P.C. A LUZ DA ESTATÍSTICA

HÁ poucos dias, isto é, em 22 de maio do corrente ano, o Instituto dos Comerciários, completava mais um aniversário de fundação — o vigésimo de sua existência. Efetivamente, foi no ano de 1934, pelo Decreto nº 24.273 de 22 de maio — regulamentado pelo de nº 183 de 26 de dezembro de 1934, que se projetava no cenário social do país essa instituição, que mais tarde viria beneficiar centenas de milhares de comerciários em todo o Brasil. Até então, a assistência proporcionada ao empregado do comércio, além de falha e inoperante, sofria da pouca tendência do amparo dos governos, daí a necessidade do enquadramento em institutos, das diversas classes de obreiros do país.



Conjunto residencial de Olaria, inaugurado na administração Rodrigo Barjas.

DADOS CONCRETOS

Todavia, como entendemos que a melhor maneira de se provar um fato é apresentando dados, revelá-lo-emos suscintos e positivos. Com efeito, a estatística é o que mais convence, e não é por puro diletantismo que as nações mais poderosas do mundo dispendem verbas vultosas com as repartições estatísticas.

Assim, ficamos sabendo, por exemplo, que o I.A.P.C., no primeiro ano que concedeu benefícios, e isto apenas, a 464 beneficiados: 159 seguros-invalidez e 305 por morte; no ano de 1936, despendeu a insignificante quantia de Cr$ 1.113,30. Eloqüentemente, por conseguinte, constatarmos que desde os primórdios desta instituição, até o ano de 1953, o I.A.P.C. distribuiu em tôdas suas modalidades de assistência, a cêrca de 724.087, o valor de Cr$ .... 3.797.674.421,20, 48% portanto, do total arrecadado nesse mesmo período que montou a Cr$ .... 7.819.483.470,10.

Não obstante, se essa assistência embora ponderável pode ser considerada no plano estático, já que, com exceção do auxílio pecuniário e seguro-invalidez têm um valor apenas, transitório, não custa alongarmos o campo para melhores observações do que tem sido até o momento a trajetória do I.A.P.C., através dêsses vinte anos de trabalhos. Constatamos, então, que a residência própria — problema que no Brasil é extensivo a tôdas as classes — recebeu uma valiosa adesão assistencial do I.A.P.C. em relação a seus contribuintes. Nada menos de 4.395 casas 4.674 apartamentos, representados por 32 conjuntos, já foram entregues e são habitados por comerciários.

Podemos pois, no total global de 9.069 unidades, e tomando por base 5 pessoas habitando casa ou apartamento — cálculo oficialmente aceito pelas nossas autoridades estatísticas — sem mêdo de errar, considerar como abrigados cêrca de 45.345 contrução no Rio com 385 leitos. Mantém ainda, o insconstrução, 696 casas e 566 apartamentos. O empréstimo imobiliário que corre paralelo com o problema da casa própria não é menos significativo se afirmarmos que já foi gasta pelo I.A.P.C., a expressiva e fabulosa quantia, para um país de finanças parcas como o nosso — de Cr$ 2.614.753.606,00 divididos em Cr$ 1.111.966.895,60 e Cr$ .... 1.502.786.710,40 para os planos «B» e «C», respectivamente.

ASSISTÊNCIA MÉDICA

No plano da assistência médica — setor que não era da alçada do I.A.P.C. conforme mesmo revela sua nomenclatura mas que não obstante foi instituída

(Cont. na página 48)

★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★

SATÃ DIRIGE O ESPETÁCULO

PAULO SOLEDADE

● Sob o título acima o Casablanca está apresentando o seu anunciado espetáculo. Mas Satã não dirigiu e o mal foi êsse. Nem Satã nem ninguém. Um amontoado de coisas francesas sem nexo, ritmo ou coordenação foram apresentadas aos olhos do público carioca bem acostumado a assistir os belos espetáculos daquela casa. E o resultado foi o que se viu: noites fracas apanhando de surprêsa uma direção artística otimista que ainda não encontrou justificativa para tal reação do público. Durante uma hora e vinte minutos, o público espera que alguma coisa aconteça, mas, lamentàvelmente, não há um minuto sequer de emoção em todo o seu desenrolar. Rico, ou melhor, caro, mal aproveitado, com algumas cenas de excessivo mau gôsto e vulgaridade do ponto de vista de concepção, mal construído como espetáculo de buate, espetáculo que não tem quase nada em comum com revistas musicadas, de onde devem ter sido aproveitadas muitas daquelas idéias, o «show» se salva em determinadas cenas pelo bom gôsto dos figurinos. «Exotismo» é o melhor quadro, sobrepondo-se na sua realização à própria concepção. Peca porém por excesso de tamanho. «Le Splendeur de Versailles», que em Paris foi apresentado numa grande sala de espelhos, perde grande parte do seu efeito na sua versão carioca, chegando mesmo a lembrar um dêsses desfiles de escola de samba (rancho» com que habitualmente os morros cariocas homenageiam Momo.

Na parte dançada, Blanche Mur e Lidio da Riva, repetindo a coreografia da dança apache da «Cherchez La Femme», já apresentada no Monte Carlo, ainda conseguem ser o que há de melhor. Marina Marcel é também um dos elementos que justificam ser êste espetáculo assistido até o fim. Janos Parker e Judy não correspondem à sua fama internacional. As orquestrações do maestro Leal Brito, bem como regência e virtuosismo nos acompanhamentos feito ao piano, colocam-no dentre os primeiros no gênero. O quadro italiano «Una Legenda D'Amore» faz lembrar comparsaria de Teatro de Estudantes, agravando-se com um final imprevisto, a fim de exibir a vedeta Leone Alex, nua de qualquer maneira. Enfim, esperamos que, livre da influência de sua última viagem a Paris, possa Machado apresentar um novo espetáculo digno dos já levados naquela casa de diversões, o que deverá ocorrer até agôsto próximo, pois, ao contrário do que havia sido planejado e mesmo anunciado, não poderá o Casablanca contar com êste «show» por mais de três meses em cartaz. E assim devido ao «Grande Prêmio Brasil», que é em agôsto. . . . le public ne se trompe jamais . . .



DOROTHY FAGGIN

Já fêz cinema, tem curso de declamação e vem sendo mal aproveitada nos espetáculos de buate do Rio. Está aguardando uma oportunidade melhor. É como muitas das «girls» que só estão sendo utilizadas para desfiles, um elemento de possibilidades para coisa melhor.

FERNANDO LÔBO NO «CASABLANCA»

A notícia correu a cidade tôda e me foi contada numa roda de amigos, não deixou de ser surpreendente, pois ainda estamos lembrado da celeuma que foi o último desentendimento entre o irrequieto cronista e Carlos Machado. Começou a briga no «show» «Carrossel», levado no falecido Monte Carlo. Promessas que não foram cumpridas, resultado: inimizade. Com «Um Vagabundo Toca em Surdina», em que Edu da gaita foi o principal participante, as coisas melhoraram, mas assim mesmo, não foi por muito tempo. Seguiram-se várias outras, e agora, para felicidade dos dirigentes do Casablanca, Fernando Lôbo acedeu em fazer dois espetáculos para aquela casa. Consta que deverá receber a importância de quarenta mil cruzeiros para cada um, o que não vem a ser um bom negócio, considerando-se que o direito autoral correspondente seria de mil cruzeiros por noite e que cada espetáculo permanece em cena uma média de três a quatro meses. Trata-se de uma boa aquisição, não resta dúvida, ainda mais que as noites cariocas vêm se ressentindo da falta de idéias originais. Resta torcermos para que dê tudo certo, pois, apesar de Antônio Mário haver dito num «Diário Carioca que «. . . êles têm muito em comum . . .» eu cá, por minha vez, conhecedor de meu eleitorado, pergunto: por quanto tempo?

NINA VERTCHININA NO «COPACABANA»

A esplêndida coreógrafa será responsabilizada pela parte dançada do próximo «show» do Copacabana, prometido para princípios de julho. Caribé da Rocha, diretor artístico e autor do «script», disse-me não estar aceitando elementos que tenham trabalhado em outras buates. É uma medida boa para começar, pois assim teremos uma grande renovação de «girls» e bailarinas nos nossos palcos. Quem vem freqüentando com regularidade as noites do Rio já está mais ou menos acostumado com os elementos que há tanto tempo desfilam diante do nosso público. Por isso, não deixa de ser um grande motivo de atração um novo elenco como o que a Copa está em condições de reunir. Assim, somando-se a isso o grande conceito daquela casa, seus recursos técnicos além de sua experiência e passado artístico, é de se esperar muito da estréia no «Golden Room». Contou-me ainda Caribé que da Argentina pouco pode trazer, devido a uma nova lei que obriga os cinemas a exibirem parte de seu programa com elementos do teatro argentino. Assim, quem tem Dina Neva, Marina Marcel, Blanche Mur deve tomar cuidado . . . E o nosso Municipal, quando começará a ceder alguns elementos para o teatro musicado? As condições materiais e os recursos técnicos de nossas buates já permitem o mais completo aproveitamento dos nossos bons artistas.

SILVEIRA SAMPAIO NO "BEGUIN"



Silveira Sampaio é êsse dinâmico diretor-autor-ator do teatro de comédia que também se apresenta às vêzes no «music-hall». Vai estrear com uma «musical comedy», uma sátira bem do seu gênero, mostrando um professor da Sorbonne que vem ao Brasil e vê tudo ao seu jeito. Cobras e Cadilacs, teatro folclórico, meninas interessantes e ritmo na direção estarão dentro dêste espetáculo. Silveira em cena já é uma garantia quanto à representação da parte teatral, que conta sempre com o nível, a limpeza e a segurança de quem tem cultura e bom senso. O título «Au Pays du Cadilacs» não agrada muito devido a grande saturação de assuntos e títulos franceses no mercado.

DIVERSAS...



DINA NOVA — Está no Follies e é um ótimo elemento para buates.

DÓRIS MONTEIRO a «estrelinha» de nosso rádio, cinema e buates quase sempre desmente as notícias dos romances que alguns cronistas lhe atribuem. Outro dia distraiu-se e chamou Gigi, acordeonista do Bacarat, de «meu amor». Ninguém me contou, eu ouvi. Lembra-se Dóris? E agora? . . .

COLÉ prossegue no Teatro Glória com a sua temporada vitoriosa. ★ ZAQUIA JORGE estreou nova peça no Teatro de Madureira.

O NIGHT AND DAY estreou seu novo «show», «Sua Excia. o Amor», de J. Maia e Max Nunes, conhecidos teatrólogos, bons humoristas. Consuelo Leandro, Anilza Leony e Angelita Martinez são os elementos centrais dêste espetáculo que comentaremos oportunamente.

Grande sucesso estão fazendo ZILCO RIBEIRO e CARLOS MACHADO no Follies e Teatro Jardel, respectivamente. A concorrência surgiu de um desentendimento entre os dois produtores. Breve contaremos o que aconteceu. Ivaná tem algo a ver com isso.

★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★

TENSÃO NO CARIBE

PELA PRIMEIRA VEZ NA HISTÓRIA A BANANA GERA UMA CRISE INTERNACIONAL

PRESSÃO DA «UNITED FRUIT» SÔBRE O DEPARTAMENTO DE ESTADO VISANDO REDUZIR A GUATEMALA A UMA PLANTAÇÃO DE BANANAS ★ ERA UM ESTADO DENTRO DOUTRO E NÃO QUIS ACEITAR A REFORMA AGRÁRIA ★ NECESSÁRIO REAVIVAR NA INTELIGÊNCIA DE FOSTER DULLES O CONCEITO DE DEMOCRACIA E DE COMUNISMO ★ AMEAÇA AO PAÍS DA BOMBA DE HIDROGÊNIO COM ESPINGARDAS DE CAÇA

SÉRVULO DE MELLO

OU o sr. Dulles modifica a mentalidade cartagineza predominante no Departamento de Estado ou os Estados Unidos acabarão por irritar o mundo inteiro através de sua ação diplomática a serviço de «trusts» e cartéis norte-americanos. O povo dos Estados Unidos não está disposto a pagar um preço tão alto pela incúria dos seus representantes no exterior. Já o têm pago, é verdade, em sangue e fabulosos recursos econômicos do país. E o que têm perdido de simpatia no mundo deve-se exclusivamente ao espírito mercantilista do «homos economicus», que subjuga outros valores mais ponderáveis que o dólar no jôgo das relações internacionais. Deve-o à diplomacia de balcão posta em prática muitas vêzes pelos «experts» de Washington.

Ao escrever estas linhas, sei perfeitamente dos riscos que corro. Poderei entrar do index e, se algum dia, tiver que voltar a Nova York talvez não me visem o passaporte. Também poderei ser acusado de comunista, vítima do mesmo primarismo que orienta os donos do mundo, isto é, o Supremo Conselho dos Soviets e os discípulos do senador Mac Carthy, que manipulam presentemente o Departamento de Estado. Pois se repudiamos a agressão russa na Indochina ou na Coréia, também êles, os de Moscou, nos consideram a serviço do imperialismo ocidental. Mas é preciso fugir a êsse esquema, porque a justiça internacional tem outras razões que o dinheiro e a fôrça bruta desconhecem. Não sou comunista porque me filio às correntes filosóficas espiritualistas, amo a liberdade no seu mais amplo significado humano e não concebo que o homem sirva aos interêsses do Estado e sim que o Estado sirva aos interêsses do homem.

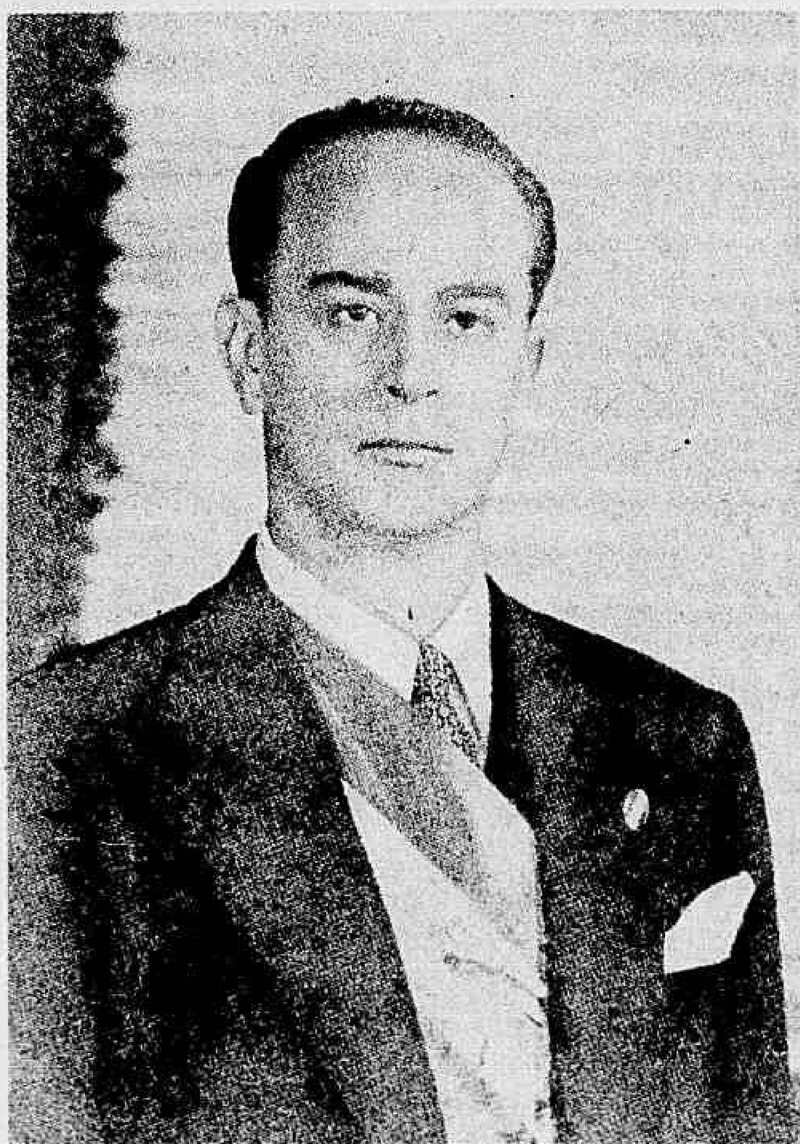
Por outro lado, sou um dos grandes admiradores da Nação americana, um deslumbramento mesmo pelo alto nível do seu progresso tecnológico, cultural e artístico, nutrindo uma simpatia sincera pelas tendências fundamentais do povo norte-americano traduzidas ou em Thomas Jefferson ou Walt Whitman. Dito isso, sinto-me a vontade para escrever sôbre essa tenebrosa história da Guatemala.

UMA PLANTAÇÃO DE BANANAS

No Caribe fica a Guatemala. E' um pequeno país de civilização agrária. Tem pouco mais de três milhões de habitantes e 132 mil quilômetros quadrados. Mais de oitenta por cento do povo vive da agricultura e 55% é o índice de analfabetismo. A Guatemala tem, todavia, uma das maiores e mais tradicionais Universidades da América, a de São Carlos. Nela se desenvolveu uma forma de cultura, a dos Maias, com professôres indígenas. Os Maias legaram ao país o gôsto pelos tecidos, tanto que a Guatemala possui uma arte de «tapisserie» de alto padrão. Também possui uma excelente pintura, cujas raízes se fundam na terra e na civilização dos Maias. O seu folclore musical e de danças típicas é um dos mais ricos da América. O povo é alegre e temperamental, amante dos seus costumes e cioso de sua soberania política. A Espanha deixou traços de boa cultura na Guatemala: monumentos religiosos, sangue, espírito e a língua que lá se fala.

O povo guatemalteco atingiu também à maturidade política. Vive em paz com os seus vizinhos, não tem questões territoriais nem com Honduras, nem com o México, países limítrofes com a Guatemala. A Constituição guatemalteca é uma das mais democráticas da América. Vigoram lá tôdas as liberdades públicas. No Parlamento de 57 membros, apenas 4 são comunistas. O partido comunista na Guatemala constitui uma minoria insignificante de dois mil membros. E no Gabinete de Arbens, não existe um só membro comunista ou filo-comunista. Torrielo é o seu chanceler e o embaixador guatemalteco no Rio é o sr. Jorge Luiz Arriola. A Guatemala é estado membro da O.N.U. e da Organização dos Estados Americanos. Apesar de tudo isso, uma emprêsa americana, ou melhor de homens de negócios americanos quer reduzir a Guatemala a uma plantação de bananas e o pior de tudo comer ela própria tôdas as bananas e conservar o povo guatemalteco em estado sub-humano e de minoridade política. Essa emprêsa se chama «United Fruit».

ARBENZ ESTÁ CERCADO



JACOBO Arbens, presidente da Guatemala, verá discutido, em Montevidéu, pelas Repúblicas americanas, o sentido de sua política revolucionária.

UM ESTADO DENTRO DO OUTRO

Sem falar nos milhares de hectares de terras pertencentes à «United Fruit», e a ela cedidos por governos títeres, ditatoriais e corruptos,

(lá também os houve), a emprêsa controla ainda os portos, os meios de transportes, a produção e todo o mecanismo distribuidor da produção no país. Paga impostos relativos ao valor das propriedades ao tempo em que estas lhe foram cedidas e seus altos diretores, funcionários e subornados constituem uma espécie de oligarquia econômica que asfixia a Nação, pretendendo influir na própria organização política e administrativa do Estado Guatemalteco.

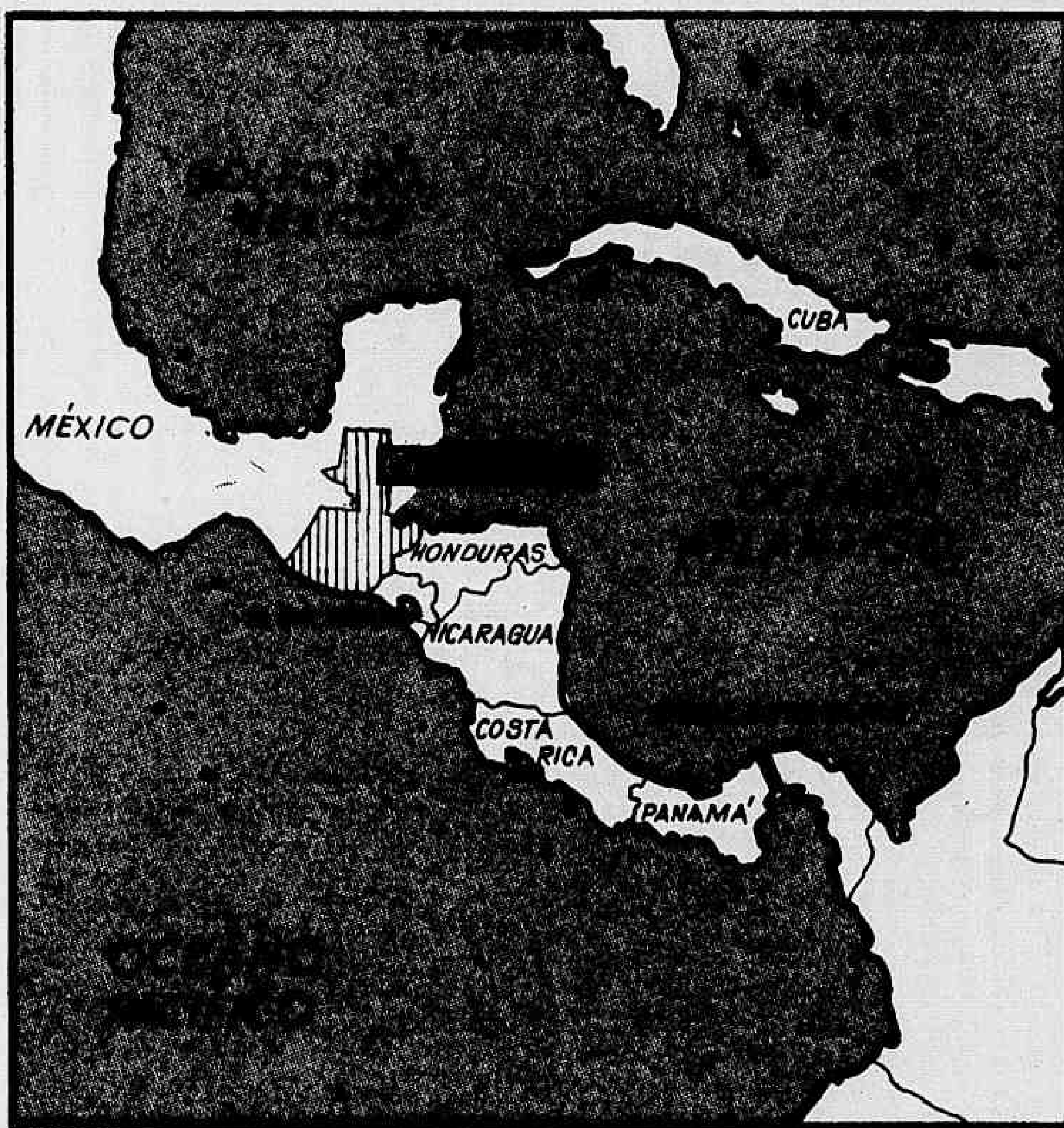
REVOLUÇÃO E REFORMA AGRÁRIA

Desde o govêrno do dr. Arevalo irrompeu na Guatemala êsse irrepremível sentimento contra a espoliação do país pela «United Fruit». A emprêsa havia obrigado governos flexíveis a se curvarem à sua vontade. Mas Arevalo começou por introduzir leis mais humanas de amparo aos trabalhadores e a obrigar que as organizações subsidiárias da «United» tratassem os seus empregados, inclusive os camponeses que viviam como escravos, párias ou felahs, de maneira simplesmente humana, dando-lhes salários que correspondessem às suas necessidades mínimas. E tendo em vista os licros fabulosos da emprêsa e também a valorização de suas propriedades, cem vêzes mais elevada do que à época em que foram adquiridas, aumentou-lhes também os impostos. A «United Fruit» desrespeitou estas leis. Conseguiu, por vêzes, chicanar nos tribunais do país para ganhar tempo. Impetrou mandados de segurança que lhe foram denegados, mobilizou um exército de advogados, sonegou, ameaçou, mentiu, subornou, mas Arevalo não cedeu.

A revolução de 1944 trouxe como princípio a reforma agrária. A junta revolucionária, da qual era membro o atual presidente Jacobo Arbenz, já havia proclamado a necessidade dessa demida. Eleito Arbenz presidente constitucional em 1954, nada mais lhe restava do que pôr em execução o programa revolucionário, para o qual encontrou o mais franco apoio de todos os partidos políticos, do povo e do Congresso Nacional. A nova lei agrária, como não podia deixar de ser, desagradou profundamente a «United Fruit». Mas, o govêrno de Arbenz se propôs a indenizar à «United Fruit», e o fêz na base dos impostos que a companhia pagava ao erário público, atendendo a que tais tributos segundo à própria companhia, correspondiam ao valor real das suas propriedades. Enfureceu-se a «United Fruit» ante a perspectiva de perder as suas terras. Mas, a reforma agrária não podia recuar ante ameaças e fúrias. A «United Fruit», então, passou a usar nova técnica.

PRESSÃO SÔBRE O DEPARTAMENTO DE ESTADO

A intriga que ocupa os jornais do mundo inteiro foi urdida pela «United Fruit» no Departamento de Estado. E' incrível que a diplomacia norte-americana se tenha deixado manobrar por homens de negócios inexcrupulosos e sob pretexto de defender interêsses de cidadãos dos Estados Unidos na Guatemala se imiscua abertamente nos negócios internos dêsse país. Primeiro foi a denúncia de compra de armas por parte do Govêrno Guatemalteco na Polônia. E' preciso esclarecer, antes de mais nada, que a compra de armas destinadas à defesa nacional é um direito impostergável e inerente à soberania de qualquer Estado. Mas há ainda o pior. Para o mesmo fim, o Govêrno Guatemalteco tentou adquirir armamentos nos Estados Unidos e estêve aguardando por mais de seis meses uma resposta do govêrno americano, que sonegou a simples entrega de «rifles» necessários à polícia da ciudad de Guatemala. Isso me foi declarado de viva voz pelo embaixador Arriola no Rio.



A Guatemala, no coração do Caribe, está, como Israel, cercada de inimigos por todos os lados, embora a sua luta principal, contra a «United Fruit», coincida com a luta dos seus vizinhos.

Agora, num pôrto da América Central foi descoberto um carregamento de armas para a Guatemala. Tratava-se de armas de caça. Mesmo assim, o Departamento de Estado continua afirmando que a Guatemala recebe armas da Rússia e que ameaça a segurança continental, como ponta de lança do comunismo na América. O ditador da banana, Anastacio Somoza rompe relações com a Guatemala e encontra aplauso em Washington. Washington ignora a sua sanguinária ditadura na Nicaragua, que transformou o país numa espécie de propriedade agrícola dos Somozas e dos Sevilla Sacasas. O embaixador de Honduras é chamado em Washington para consultas e poderosos aparelhos da fôrça aérea americana sobrevoam o Caribe para prestigiar Somoza numa demonstração inoportuna e pueril de poderio militar.

Mas o pior de todo está na omissão que Washington continua fazendo das ditaduras no Continente, entre as quais a de Trujillo, Somoza e Bautista na América Central. Estas, sim, constituem um verdadeiro atentado à Organização dos Estados Americanos e agora procuram fazer o cêrco da Guatemala, único país realmente democrático no Caribe.

O BLEFE NÃO CONVENCE

A Organização dos Estados Americanos é o orgão autorizado a investigar se realmente a Guatemala está atentando contra a segurança do hemisfério. Até agora não fêz. Nem o fará porque sente que é ridícula a suposição. Todavia a «United Fruit» insiste em intrigar Jacobo Arbenz contra o opinião pública da América. Todo o corpo diplomático na Guatemala sabe que existe um pacto de assistência recíproca assinado entre a Guatemala e as repúblicas americanas.

Se houvesse ameaça de agressão por parte da Guatemala, êsse tratado já teria sido denunciado pelo México ou Honduras. Nada disso se fêz. Mas a «United Fruit» é mais poderosa eprocura convencer o Departamento de Estado, que a Guatemala está prestes a deflagrar um ataque a seus vizinhos. Tudo por que deseja continuar espoliando o país, como um Estado dentro doutro, plantando bananas e reduzindo um povo que deseja se emancipar à condição de simples vassalos que nem seriam dos Estados Unidos, mas simples cartéis e trusts organizados por bêbedos e fanáticos homens de negócios com a psicose do dinheiro. E confunde êsse desejo de emancipação do povo guatemalteco com o comunismo. Pode ser que o comunismo venha a se aproveitar disso. Mas, no caso, os culpados seriam o Departamento de Estado e a «United Fruit».

Disse certa vez o chanceler da Guatemala: «é necessário distinguir claro entre os elementos de oposição e os agentes subversivos a serviço de potências extracontinentais. Acrescentou que paira sôbre a América um grave equívoco que consiste em não determinar com clareza o que se entende por democracia e por comunismo. E frisou que enquanto não se determine a acepção justa dêstes têrmos, o Sistema Interamericano carecerá de sinceridade e estabilidade».

Essa advertência deveria ser meditada e compreendida agora pelo Departamento de Estado que a aplaudiu na IV Reunião de Consulta, realizada em Washington.

A «United Fruit» não se deve dar conselhos. Deve-se apenas obrigá-la a respeitar o país em que funciona e cumprir as suas leis.

O MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO REUNIU NUM ÁLBUM

OS BONECOS DE ALVARUS

● **São quase cem «portraits-charges» que, cuidadosamente selecionados por Herman Lima (que já nos havia dado uma magnífica antologia comentada de J. Carlos), fazem agora parte de um magnífico álbum editado pelo Serviço de Documentação (Simeão Leal) do Ministério da Educação. Depois de trinta anos de atividades na imprensa, Alvarus se situa hoje entre os nossos melhores caricaturistas; e em matéria de «portrait-charge», ninguém, no Brasil, lhe leva a palma. Êle possui, como diz Herman Lima, «o «quid» fundamental, a «subistância moelle» das palavras de Rabelais, na qual reside, em realidade, tôda a personalidade do caricaturado, expressa mesmo, muita vez, pela ausência de certo detalhe fisionômico, visado justamente pela argúcia do artista».**

Mas ninguém melhor do que o próprio Alvarus para explicar a sua arte, e revelar os caminhos que a ela o levaram. Diz êle:

— Comecei a fazer caricaturas no colégio, apanhando «bolos»... Cada boneco, um «bôlo» bem puxado... Meu velho e saudoso professor Maia... A garotada tremia nos dias de sabatina. Entretanto, eu, volta e meia, estava sendo «premiado» pelos meus desenhos... Meu pai era médico e queria naturalmente que eu seguisse a sua carreira. Depois dos preparatórios, fui encaminhado para a Faculdade de Medicina, na Praia Vermelha, mas a vizinhança lá na praia não era das melhores... Verificando que aqui havia tipos semelhantes ou piores do que aquêles do Hospício, resolvi ficar do lado de fora, pintando-os mais à vontade... Optei então pela caricatura, o que não me impediu me tornasse bacharel em Direito. Na Faculdade, tive uma satisfação imensa: «colega» de Raul, passei a ser o seu aluno, numa cadeira que êle, com grande propriedade, chamava de Mitologia-Direito Internacional Público. O meu primeiro boneco impresso foi publicado num jornaleco clandestino, de quatro páginas, formato B.B., e que se chamava «A Bola», isso em 1923... Lembro-me que não dormi na véspera da saída do pasquinzinho com o meu primeiro «calunga». Fui cedo para a cidade e quase comprei a edição inteira... Depois desenhei para a «Revista de Petrópolis» e para revistas acadêmicas. Posso dizer que risquei bonecos para tôdas as revistas estudantis no Rio.

Poderíamos acrescentar que, a partir da adolescência, o caricaturista Alvarus, de 1928 até agora, estêve presente nas melhores páginas de quase todos os grandes jornais do país.



Lucas Garcez



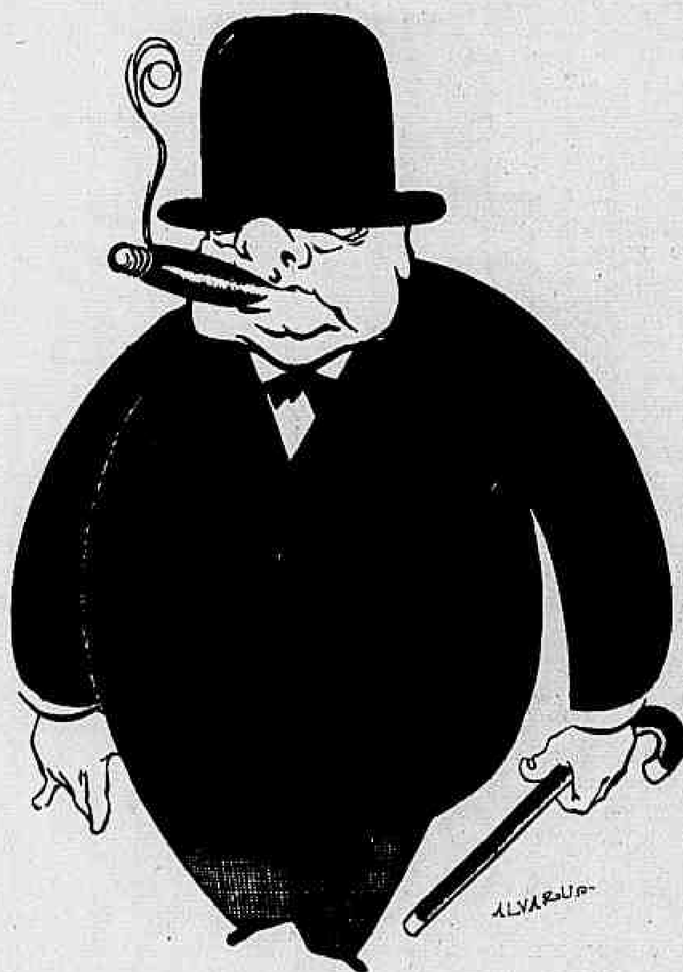
Flores da Cunha



J. Carlos



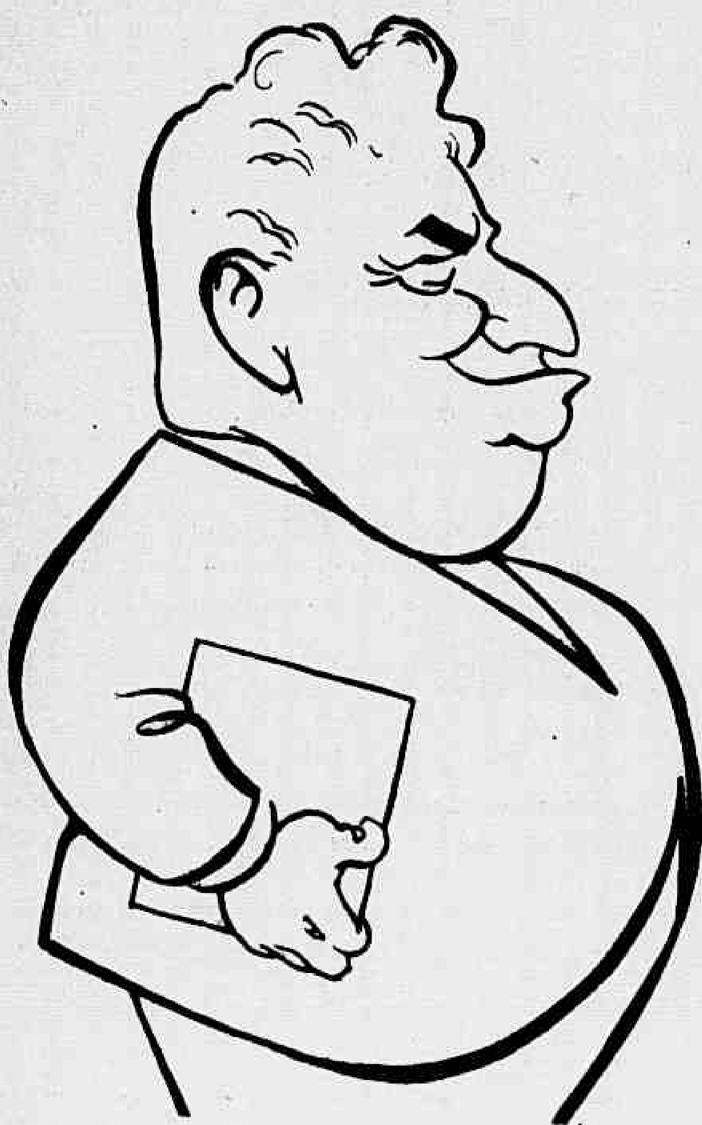
Rubem Braga



Winston Churchill



Santa Rosa



Di Cavalcânti



Joaquim Cardoso



Osvaldo Aranha

O I.A.P.C. NOS SEUS VINTE ANOS

(Conclusão da pág. 42)

como um imperativo social — a ação do Instituto não se fêz presente com menos intensidade. Com um serviço incipiente em 1945, com apenas quatro ambulatórios -- 3 no D. Federal e um em S. Paulo — espalha-se hoje, por todo o território nacional uma cadeia de ambulatórios e hospitais que abrange pràticamente tôdas as regiões demográficas do país. Possui assim, o I.A.P.C., 23 ambulatórios além de 4 hospitais próprios com 70j leitos e um em construção no Rio com 385 leitos. Mantém ainda, o Instituto, contratos com 31 hospitais para cirurgia, 17 sanatórios para tuberculosos e um para doenças nervosas. Por outro lado é significativo o número de consultas feitas até agora nos diversos ambulatórios, no período de 1947 a 1953, nada menos de: 3.960.061.

E' interessante assinalar a título de curiosidade, que é comum o Instituto despender com um doente a importância de Cr$ ..... 50.000,00 quando o tratamento é longo e carece de aparelhagem moderna, além de remédios que seriam inacessíveis para as economias do segurado. Como se verifica, a frieza dos algarismos, demonstra à sociedade, o esfôrço dos administradores do I.A.P.C. desde a gestão do dr. Joaquim Lionel de Rezende Alvim até a do atual e dinâmico presidente, sr. Rodrigo Barjas Filho, em atender a uma numerosa comunidade que em dias futuros poderá ainda receber maiores frutos. E' essa pelo menos, a progressão dos números que não mentem.

UM LIVRO INDISPENSÁVEL AOS RESPONSÁVEIS PELOS SERVIÇOS DE REFEIÇÕES COLETIVAS

● No momento em que o combate às causas da desnutrição congrega os homens de ciência do país, deve ser encarada como valiosa contribuição aos estudos que se processam naquele campo, tôda iniciativa que procure encaminhar o problema alimentar a uma solução prática. É o caso de «Planejamento Básico de Refeições para Coletividades», de autoria dos médicos-nutrólogos drs. Lindomar Bastos da Silva e Manoel Traverso e da nutricionista Mirza P. Monerat, livro que constitui um guia seguro para a melhoria dos serviços de refeições coletivas. É sabido que, se por um lado a legislação social favorece a criação de tais serviços, por outro lado a escassez de pessoal habilitado faz com que êles apenas «dêem de comer» aos seus empregados, em vez de «alimentá-los». Isso não significa ausência de compreensão dos dirigentes de emprêsas. Acontece, porém, que na falta de uma perfeita orientação técnica, os resultados não correspondem.

Não se deve ignorar que as considerações acima aplicam-se a numerosos estabelecimentos públicos e particulares — colégios de internato, núcleos de ensino profissional urbanos e rurais, grupos de fôrças armadas, hospitais, ministérios etc., uma quantidade incalculável de operários e servidores públicos favorecidos pelas disposições da lei, mas privados dos proveitos visados, pela carência de normas científicas. Tendo em vista essa situação, foi que a Direção do SAPS resolveu organizar e promover a publicação de «Planejamento Básico de Refeições para Coletividades», que a Divisão de Propaganda do SAPS acaba de lançar em 2ª edição.

B É L - H O R M O N

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente v o l u m o s o, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......

NOME.....................

RUA.............. Nº.....

CIDADE...................

ESTADO...................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA e PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Visc. de Maranguape, 15 — — Lapa — Rio — para remessa do programa e bases do Curso.

COMO APRENDER A DANÇAR



5ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas; em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

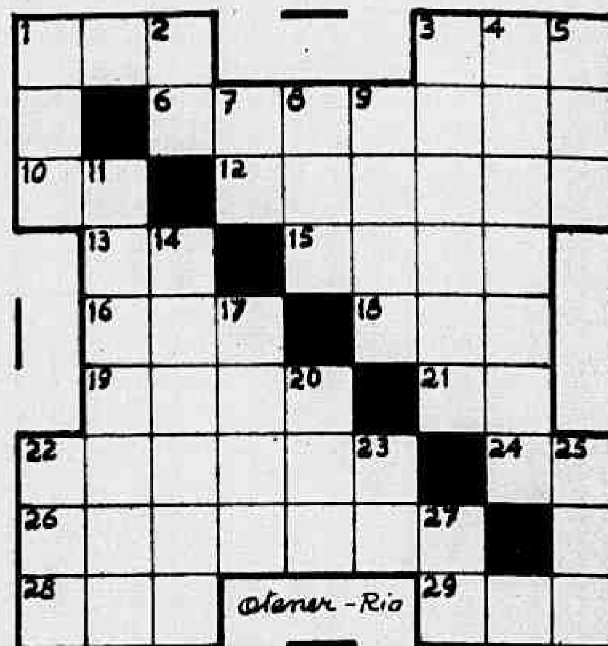
Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 —— São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo. À venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 21

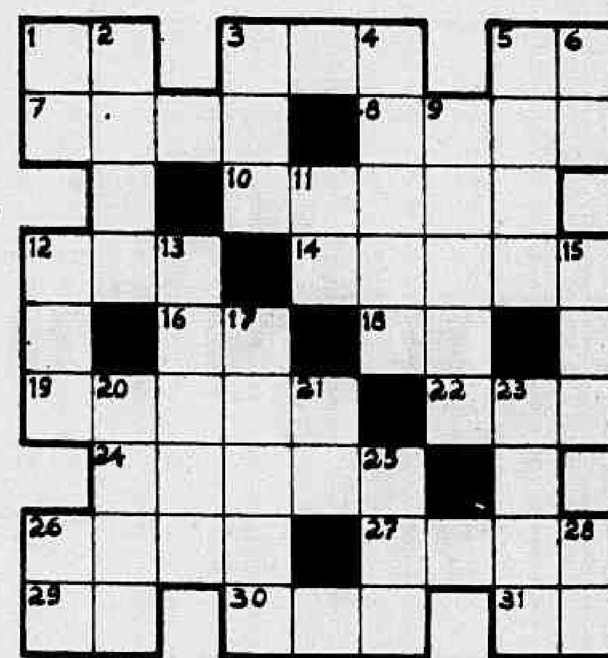
PARA VETERANOS



Horizontais: — 1. Ablução de uso entre os turcos — 3 Designação de prelado em certas igrejas orientais — 6. Relativo à moeda cunhada 10. Divindade greco-romana — 12. Suaviza — 13. Antes de Cristo — 15. Une. — 16. Cidade que coube à tribo de Judá, quando Josué repartiu as terras conquistadas — 18. Grupo de ilhas da Indonésia, entre Sumatra e a península de Malaca — 19. Nome científico do pato — 21. Prefixo que denota privação — 22. Musselina ou tecido de algodão fino e claro das Índias orientais — 24. Suspiro — 26. Árvore do Pará — 28. Membro de ave — 29. Rema para trás.

Verticais: — 1. Pimenta de Caiena — 2. Prefixo que denota negação — 3. Contra-senso — 4. Árvore cuja madeira duríssima é empregada em maquinismos e construções — 5. Constelação austral — 7. Árvore comum no Damão — 8. Em quantidade indeterminada — 9. Estabelecer comunicação — 11. Rasgos de eloqüência — 14. Alcachôfra comestível — 17. Faz murchar — 20. Certo — 22. Governanta de padre — 23. Símbolo de antimônio — 25. Cólera — 27. Prefixo que denota tendência, direção.

PARA NOVATOS



Horizontais: — 1. Perversa — 3. Antônimo de bem — 5. Brisa — 7. Cantiga — 8. Lajeamento onde se limpam cereais — 10. Estado governado por um rei — 12. Pedra do altar — 14. Planta, também chamada ituá — 16. Sorri — 18. Rio da Sibéria — 19. Pateta — 22. Única — 24. Querida com predileção — 26. Acreditar — 27. Presente; carinho — 29. Contração — 30. Fileira — 31. Pessoa exímia.

Verticais: — 1. Ruim — 2. Lavrar — 3. Oceano — 4. Cama — 5. Cultivou — 6. Símbolo do rádio — 9. O mesmo que inambu — 11. Interjeição de chamamento — 12. Camareira — 13. Fio metálico flexível — 15. Quer bem — 17. Papa-mel — 20. Pouco comum — 21. Prefixo que denota aproximação — 23. Suga — 25. Governanta — 26. Aqui — 28. Artigo plural.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 20

PARA VETERANOS

Horizontais: — **amã — ebó — an — dá — ramificar — analisara — arumarana — macularam — os — ut — asa — ler.**

Verticais: — **mamalucos — anil — edis — bacamarte — Ara — ira — an — final — ar— — ama — ra — musa — Raul — Na — ami.**

PARA NOVATOS

Horizontais: — **amarada — abam — moam — lo — olé — ta — ferrovias — it — ir — comerciar — er — cia — mó — salé — nuas — mortais.**

Verticais: — **aboé — má — amortecer — americana — dó — aatá — alfaces — mastros — lá — rim — iri — oram — ri — amas — ló — ui.**

AS QUATRO MÍSTICAS

OTTO SCHNEIDER



FUI DOS que animaram Ary da Matta a não deixar enterrada, nas páginas de um vespertino carioca, aquela emocionante série de reportagens sôbre os pioneiros do Correio Aéreo Nacional: «Memórias do Arco e Flecha» e que viriam a formar o livro «A Águia Cega» — contribuição essencial para um gênero literário até hoje paupérrimo no Brasil, para não dizer inexistente, e que, na literatura mundial, alcançou seu ponto mais alto em «Vol de Nuit» e «Terre des Hommes», de Antoine de Saint-Exupéry.

A excelente acolhida que teve «A Águia Cega» animou Ary da Matta a prosseguir no mesmo gênero. A esta altura já tem prontos os originais de um novo livro em que nos falará sôbre o 1º Grupo de Caça Brasileiro na Campanha da Itália.

Pergunto-lhe por que escolheu êste tema.

— Não escolhi o tema, pròpriamente — observa Ary da Matta. — Talvez tivesse sido apenas um encontro, a meio caminho. De resto, acredito que ninguém escolha o «seu tema». O que deve haver é uma integração total do escritor àquilo que passa a ser objeto da sua produção... Vejo, antes de mais nada, em nossa aviação militar, um mundo de gestos e comportamentos que vão dos grandes lances épicos às delicadas miniaturas da ternura humana. O brutal, o patético, o carinhoso, andam de mistura aproximando, no mesmo destino, homens, máquinas, terras, céus e emoções.

— Como escreveu «A Águia Cega»?

— «A Águia Cega» representa um esfôrço de reportagem. Uma reportagem conduzida pelos caminhos das recordações, das emoções de cada personagem. Fui obrigado a penetrar além dos relatórios, além da tradição oral do Correio Aéreo Militar para encontrar, dentro do coração de cada pilôto, o conteúdo humano de cada episódio realmente vivido. E' claro que eu sabia estar escrevendo uma história de mártires e heróis, prezando as melhores razões da vocação do bandeirantismo assistencialista do nosso Correio Aéreo Militar... Devo agradecer de público, rompendo o sigilo, a cooperação do coronel Aroaldo Azevedo, facilitando-me enormemente os contactos com os demais pioneiros do CAM.

— E como você resumiria as impressões que teve através de todos os contactos com a aviação militar?

— A compreensão que tenho da FAB baseia-se no que se poderia chamar a teoria das quatro místicas: a mística dos Afonsos, uma espécie de «alma mater» da aviação nacional; a mística do Correio Aéreo Militar, com seu bandeirantismo assistencialista; a mística de São José dos Campos, com sua ciência e sua técnica universitária; a mística do 1º Grupo de Caça, com sua agressividade beligerante. Pensei em escrever sob a forma de crônicas uma série cíclica que acompanhasse essas direções da FAB.

— Desta série fará parte o livro sôbre o 1º Grupo de Caça Brasileiro na campanha da Itália?

— Sim, e nêle procuro conservar o mesmo gênero e o mesmo estilo de «A Águia Cega», persistindo na mesma técnica de reportagens e entrevistas. Todo o livro está pontilhado de impactos emocionais, procurando retocar o contraste rembrantiano entre a desumanidade da guerra e o sentido essencialmente humano dos episódios ali vividos pelos componentes da turma do «Senta a Pua». Espero entregá-lo ao Ênio Silveira, meu amigo e meu editor, dentro de um mês, provàvelmente.

Fichário

● Quando há pouco um repórter lhe perguntou «que livros jamais deveriam ter sido escritos?», o sempre irreverente Oswald de Andrade respondeu: — «Muitos. Entre os quais «Os Lusíadas», de Camões. Nesse ponto, estou de pleno acôrdo com o Fernando Pessoa que acusa o poeta de ter imitido a «Musa Espartilhada» de Petrarca, em vez de dar curso à grande lírica livre de Portugal. No campo nacional, os livros analfabetos do teatrólogo Nelson Rodrigues e os da poetisa Cecília Meireles».

● Nas livrarias, a segunda edição de «Graciliano Ramos», ensaio crítico-psíquico escrito por H. Pereira da Silva (172 págs.). A primeira tiragem, feita ainda em vida do romancista alagoano, esgotara-se ràpidamente. Esta segunda, gràficamente muito superior àquela e com uma excelente capa desenhada por Armando Pacheco, com certeza despertará idêntico interêsse.

● O poeta Manuel Bandeira aparece agora com uma obra de caráter didático, em dois volumes: «Noções de História das Literaturas» (700 páginas, Editôra Nacional). Embora destinado pròpriamente aos estudantes, o livro encontrará ampla aceitação mesmo fora do ambiente escolar. Todo o segundo volume está dedicado às literaturas portuguêsa, brasileira, hispano e norte-americana.

● André Maurois, visitando Liège a convite de uma sociedade literária, encontrou a aguardá-lo na estação o presidente dessa sociedade, que não conhecia o escritor pessoalmente:

— Sabe o que aconteceu, monsieur Maurois? Perguntei a um senhor que descia do trem: «E' monsieur Maurois?» De cara fechada, o homem me respondeu: «Claro que não!» Fiz a mesma pergunta a outro indivíduo, e êle me disse muito gentilmente: «Quem me dera ser André Maurois!»

Fêz uma pausa:

— Como pode verificar, monsieur Maurois, pelo menos um dos dois conhece os seus livros.

E o escritor:

— Realmente, mas qual dos dois?

● Está sendo aguardado com vivo interêsse o livro em que o poeta-ensaísta Jamil Almansur Haddad reuniu as «Obras Primas da Poesia Religiosa», uma coletânea das melhores poesias de caráter místico-religioso produzidas na literatura brasileira. Tôdas as fases da poesia nacional estarão representadas no volume, desde os versos simples do padre Anchieta e dos poemas sacros de Gregório de Matos, até o romantismo e o parnasianismo, o simbolismo que carreou para a poesia brasileira uma vigorosa corrente de espiritualidade religiosa. Igualmente a época moderna comparece com a contribuição de poetas como Jorge de Lima, Cassiano Ricardo, Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade. A obra será um dos próximos lançamentos da Editôra Martins, de São Paulo.

● Alina Paim, uma das mais talentosas romancistas da nova geração, autora de «Simão Dias», já entregou à Editorial Vitória seu novo romance, «Ferroviários», de intenso fundo revolucionário, contando as lutas femininas no setor da greve de Cruzeiro. O livro será lançado na «Coleção Romances do Povo» que obedece à orientação de Jorge Amado.

● Escreve Helen Keller: — «Trago as janelas da alma abertas à ilusão. Como os santos de antigamente, ando sempre à cata de milagres. O inesperado pode vir a qualquer momento, e eu quero



sempre estar pronta para recebê-lo».

● «Manual de Redação e Estilo», pelos prof. J.F. Marques Leite e Geraldo de Ulhoa Cintra (190 págs. Editôra Nacional) merece especial menção como um dos melhores livros no gênero. Seu predicado didático fundamental: a clareza da exposição. Para muitos será de particular interêsse o capítulo sôbre a correspondência familiar, comercial e oficial. O volume apresenta um total de 720 assuntos para as várias espécies de redação.

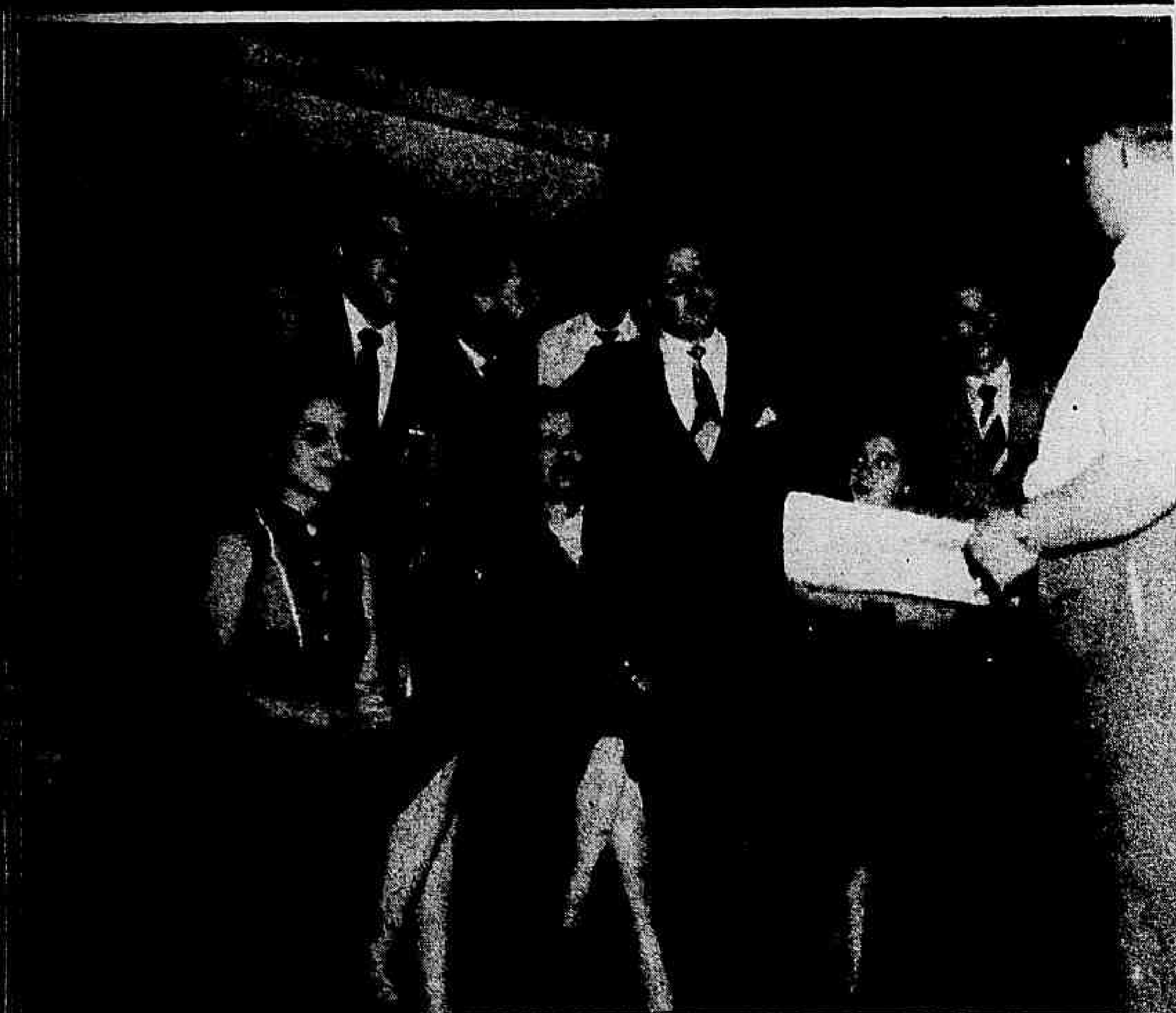
● «Sejamos gratos aos tolos. Se não fôssem êles, nós outros não venceríamos» — dizia Mark Twain.



Valentina D'Amato fêz o principal papel feminino.



Américo Ruggi foi o diretor, ensaiador e «ponto»



[illegible] Grupo Permanente de Teatro do SESC paulista



Líbia Ruggi transformando-se numa velhota vaidosa.



Francisco Ruggi fêz o papel do rapaz «fei[illegible]»



Antônio Joaquim — propagandista na vida diária

Nas "Aventuras de um rapaz feio"

PARECIAM VETERANOS CONSAGRADOS OS COMERCIÁRIOS DO GRUPO DE TEATRO DO SESC

CRIANDO UM AMBIENTE PROPÍCIO AO DESENVOLVIMENTO E APERFEIÇOAMENTO DOS COMERCIÁRIOS COM VOCAÇÃO ARTÍSTICA, CUMPRE O SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO DE SÃO PAULO UM DOS PONTOS ALTOS DO SEU PROGRAMA.

São Paulo, junho.

POUCO antes da representação das "Aventuras de um rapaz feio", os comerciários que iam encarnar os personagens criados por Paulo Magalhães, no palco do "Leopoldo Fróes", sentiam-se à vontade, não demonstravam a menor sombra de nervosismo. Quem andava de um lado para o outro, por todos os camarins, fazendo recomendações, lembrando detalhes, e suando, torcendo as mãos, era o diretor da peça, Américo Ruggi, comerciário também.

E explicava:

— "Uma coisa é a gente ensaiar, sòzinho, sem ter uma platéia pela frente. Outra coisa é ter que representar para um público que se acostumou a ver os melhores conjuntos, as companhias nacionais de maior nome, através dos espetáculos que o SESC proporciona."

As mãos continuavam se apertando, o rosto a suar, e Américo Ruggi protestava, num gemido:

— "E o pior é que não pára de entrar gente... A casa está cheia."

O ENCONTRO DA PLATÉIA COM OS ATORES

Sim, a casa estava cheia, ou melhor, lotada de comerciários, que iam ver outros comerciários — integrandes do Grupo Permanente de Teatro do SESC — representar para êles. A expectativa era grande, era intensa. Mas cinco minutos depois de levantado o pano, tudo estava normalizado. No palco, os comerciários representavam seus papéis com uma naturalidade, uma desenvoltura tão grande, que a platéia sentiu-se à vontade também, esqueceu-se que estava diante de amadores, e entregou-se, feliz, alegre, despreocupada, ao desenrolar bastante cômico da peça.

PREPARANDO-SE PARA O GRANDE DIA

Quando o SESC de São Paulo (Serviço Social do Comércio), por intermédio do seu Setor de Diversões, resolveu organizar um grupo de teatro, teve em mira dar corpo a uma das suas funções, aquela, justamente, que diz assim: "Estimular o comerciário com aptidões literárias e artísticas, mediante auxílio que facilite o seu desenvolvimento e aperfeiçoamento". E o trabalho que desenvolveu para isso parece que está dando bons frutos, pois mais de cinqüenta comerciários se inscreveram no Grupo Permanente de Teatro. Posteriormente foram feitos vários testes, os interessados submeteram-se a algumas provas, e os cinqüenta ficaram reduzidos à metade.

Para a estréia do Grupo, com as "Aventuras de um rapaz feio", foram escolhidos a dedo os oito que revelaram melhor aptidão para os papéis exigidos. Isto feito, foi a vez dos ensaios, realizados à noite, depois do trabalho diário. A dificuldade de local para os ensaios foi o empecilho principal, afinal vencido. E, com o apoio franco e decidido do Conselho Regional do SESC, os comerciários-artistas começaram a se preparar para o grande dia: o dia da estréia.

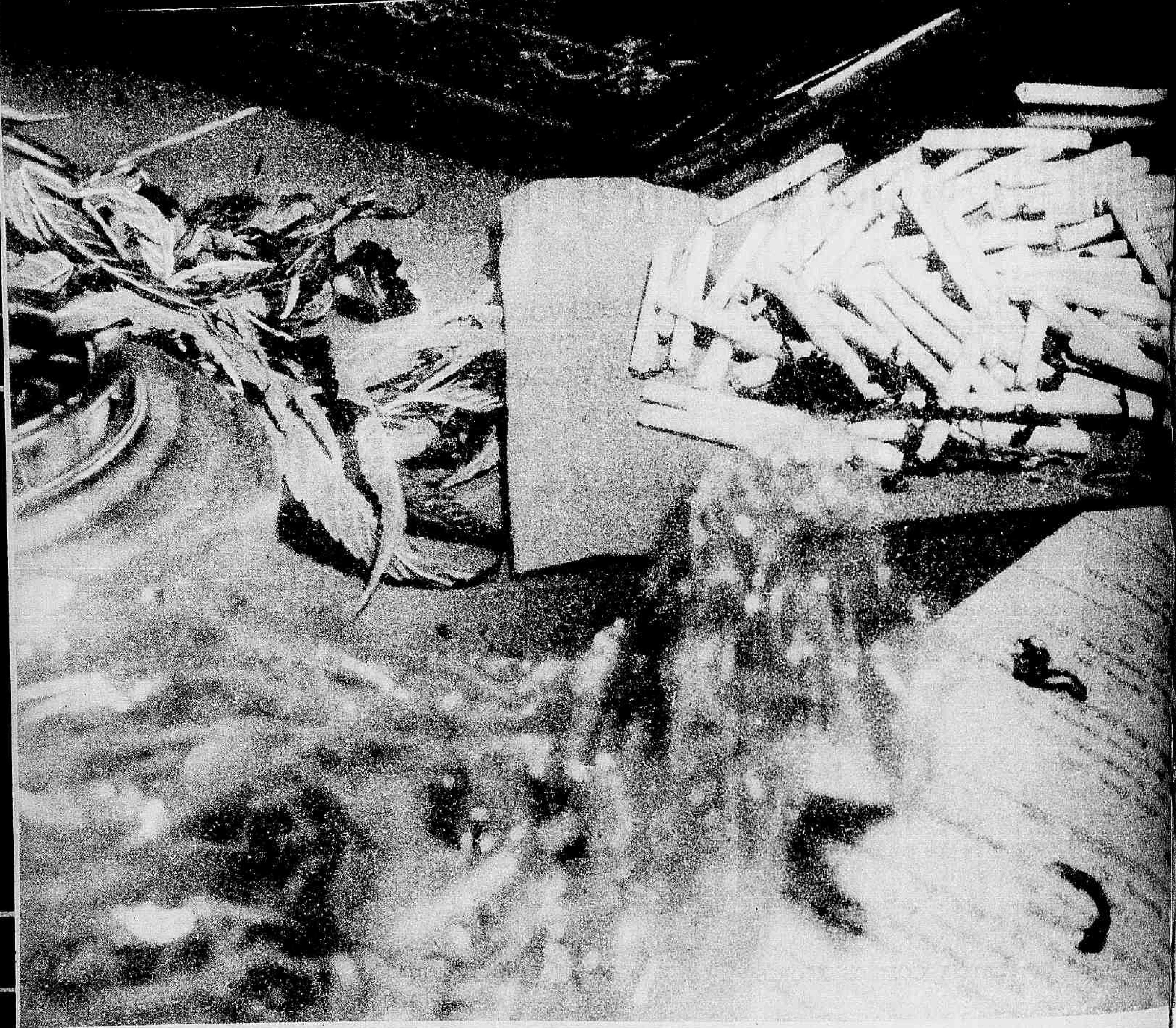
OS OITO BATUTAS

Na primeira apresentação do Grupo, oito comerciários — porque oito eram os personagens da comédia — foram escolhidos. Dêles, três já haviam participado de outros espetáculos de amadores: Armando de Oliveira Costa, Francisco Ruggi e Líbia Ruggi. Os outros cinco nunca haviam pisado num palco. Mas a vontade de representar era grande. E o amor pelo teatro, maior ainda. Com exceção de Antônio Joaquim, que é propagandista, os restantes trabalham em escritórios de firmas comerciais: Alcir Puerta, Vicentina D'Amato, Sebastião Guedes, Edna Della Nina. Vistos no palco, porém, davam a impressão de que nunca fizeram outra coisa senão teatro.

UMA OBRA SOCIAL EM MARCHA

Depois do espetáculo de estréia, ou melhor, depois do sucesso, os "oito batutas" e seu diretor estavam satisfeitíssimos. E satisfeitos ficaram também, os conselheiros do SESC, srs. Eddy de Freitas Crissiuma, Luís de Ulhoa Cintra, Jorge Monteiro, Valdemar Albien, Mário Pimenta de Moura e Rubens Leme Machado, que juntamente com o sr. Luís Roberto Vidigal, presidente do Serviço Social do Comércio em São Paulo, deram todo o apoio à iniciativa, por ela se interessando vivamente.

Prossegue, assim, o SESC paulista, em sua obra social entre os comerciários, estendendo suas atividades por vários setores, que incluem desde a assistência dentária à assistência jurídica, desde a recreação ao estímulo do gôsto pelas artes.



Êstes cigarros (aparentemente inofensivos) transmitem a degradação e a morte a milhares de pessoas no Rio de Janeiro. É que êles são a pura maconha.

OS drs. Beléns Pôrto e Rui Tenório, respectivamente delegado de Costumes e Diversões, e chefe do Serviço de Repressão a Tóxicos, estão dispostos a desencadear uma verdadeira guerra de morte contra os viciados e traficantes de maconha no Rio de Janeiro. Preparem-se, pois, os infratores do artigo 281 do Código Penal, porque a parada vai ser duríssima. Aquelas autoridades estão no firme propósito de acabar, de uma vez por tôdas, com êsse infame e degradante vício que faz do Distrito Federal um dos maiores focos de toxicômanos do mundo moderno. A maconha, também conhecida como «diamba», «marijuana», «dormideira», «liamba», «feno da Angola», «pango», «boi» e, cientìficamente, «cannabis sativa linneu» é nativa (no Brasil) em alguns Estados do Norte e Nordeste, principalmente Maranhão e Alagoas. O seu uso como entorpecente foi introduzido no Brasil há cêrca de 40 ou 50 anos. Notadamente depois da última guerra, quando se tornou difícil o contrabando de entorpecentes internacionais para o Brasil, o tráfico da maconha vem se intensificando de maneira assustadora. De 1951 a 1954 o Serviço de Repressão a Tóxicos registrou cêrca de 2.319 flagrantes de vendedores de maconha. Numa estimativa bastante benevolente, cêrca de 20 mil pessoas fumam essa erva na Capital do País.

FALTAM RECURSOS A POLÍCIA

«A repressão ao tráfico de entorpecentes no Brasil constitui problema que se agrava dia a dia, não estando as autoridades aparelhadas para um combate sistemático capaz de fazer cessar o infame comércio. A extensão das nossas fronteiras marítimas e terrestres, a par com um policiamento escasso e ineficiente, facilita a ação dos contraventores que agem com desembaraço e quase impunemente introduzindo no país a cocaína da Bolívia e do Peru; a heroína e o ópio da Ásia distante — com base em Hong Kong. O pôrto de Santos tem sido preferido para centro de operações do tráfico de entorpecentes, talvez devido ao movimento intenso de suas Docas, semelhante em tudo e por tudo ao pôrto de Marselha. De Santos partem os volantes distribuidores de tóxicos nos ávidos mercados de São Paulo e do Rio de Janeiro. A polícia carioca tem ciência disso mas, devido à ausência quase completa de materiais e de homens experimentados e especializados no assunto, limita-se a manter sob vigilância os viciados e colhêr, por intermédio dêstes, a identidade e conseqüente prisão de alguns vendedores. Todavia, a simples detenção de intermediários de maconha no Rio está longe de resolver o deprimente e mortificante problema. A repressão aos tóxicos deve ter caráter nacional, abrangendo de modo indistinto tôda a Nação, sem o que os esforços dispendidos por determinada polícia local se tornam inoperantes ante às barreiras administrativas, policiais e políticas existentes entre os Estados e a Federação. Não se compreende que, enquanto o traficante de maconha dispõe de liberdade para se locomover com rapidez em todo o território nacional, o policial se veja tolhido em sua ação perseguidora, bem como de liberdade suficiente para agir coercivamente quando se tornar necessário. As dificuldades encontradas quando a ação policial se faz mister em jurisdição diversa da sua, retarda a diligência com o tempo perdido em solicitações de praxe às autoridades locais dando ao contraventor tempo necessário para escapar para outro Estado ou, mesmo, para o Estrangeiro. Urge, pois, a criação de um Serviço de Repressão a Tóxicos de âmbito nacional, já existente em outros países, inclusive os EE. UU., onde os agentes especializados gozam de autonomia quase absoluta.»

Foram estas, ao repórter, as palavras do comissário Rui Tenório, chefe do Serviço de Repressão aos Tóxicos.

NECESSARIA A AMPLIAÇAO DO SERVIÇO

Continuou aquela autoridade:

«O Serviço de Repressão aos Tóxicos da Delegacia de Costumes e Diversões deve ser ampliado e constituir, mesmo, um Departamento Autônomo, apenas subordinado diretamente à Chefia de Polícia. O ideal seria seu desligamento do D.E.S.P. e sua dependência

Vai ser desfechada a guerra atômica contra os viciados

EXÉRCITO DA MACONHA NO RIO: VINTE MIL PESSOAS

MAS A POLÍCIA CONFESSA QUE NÃO DISPÕE DE RECURSOS PARA SOLUCIONAR O PROBLEMA ★ NECESSÁRIA A CRIAÇÃO DE UM SERVIÇO DE ÂMBITO NACIONAL PARA REPRESSÃO AOS TÓXICOS ★ 2.319 MACONHEIROS REGISTRADOS SÒMENTE NO D. FEDERAL.

Reportagem (primeira de uma série) de **ROGACIANO LEITE**

Nas praias de Ramos e Maria Angu, é comum o vício da maconha. Os pobres e descarnados pescadores de camarão escondem nos seus «jacás» a erva maldita que os traficantes atiram ao mar.



do Gabinete do Ministério da Justiça, dispondo de recursos próprios para desenvolver em todo o Brasil sua ação preventiva e repressora. Ficaria, assim, em condições de cumprir sua elevada missão sem os impecilhos naturais decorrentes da sua atual situação de ser simplesmente uma dependência policial dentre as muitas existentes em nosso Departamento.

Temos o exemplo da Comissão de Fiscalização de Entorpecentes, com sede no Ministério das Relações Exteriores e que mantém em cada Estado uma Sub-Comissão encarregada de controlar a entrada e saída de tóxicos. Vários fatôres contribuem para que a repressão aos entorpecentes nesta Capital seja deficiente e aquém do mínimo necessário para sustar o aumento cada vez maior dêsse tráfico. O referido Serviço, como está organizado atualmente, não dispõe de recursos próprios, lutando nas diligências mais importantes com a falta de transporte e de homens conhecedores do assunto. Nenhum dêsses agentes — inclusive o atual chefe do Serviço — tem curso especializado de tóxicos. Não há nenhum poliglota capaz de acompanhar uma diligência no Exterior ou, mesmo, manter contato no país com traficantes de outras nacionalidades. O esfôrço pessoal, por si só, não é suficiente para suprir conhecimentos específicos em matéria tão relevante. Assim sendo, o elemento humano é fator primordial para o êxito das diligências. Homens cuidadosamente escolhidos, preparados intelectual e física-



Como se fôsse um gênero de primeira necessidade, a maconha vem do Norte convenientemente embalada. Sua distribuição, porém, espalha o crime e a morte na Capital da República.



A maconha é cultivada em alta escala nos Estados de Alagoas e Maranhão. Trazida para o sul do país, é vendida (aos viciados) ao preço de Cr$ 5.000,00 por quilo.

mente para enfrentar situações perigosas; um chefe que, pelo seu valor técnico e conhecimentos profundos do assunto, seja uma garantia de autoridade e confiança não só para seus subordinados como para a própria sociedade.

Outro fator vital é o de transporte. Não dispondo o Serviço de viaturas próprias nem de autoridade para requisitá-los quando preciso, há um disperdício de tempo precioso. O traficante de tóxicos não é encontrado em ponto fixo nem em tempo determinado. Há necessidade de segui-lo em qualquer parte e a qualquer hora. E, quando localizado — proposital ou eventualmente — a ação policial não pode retardar. Portanto, para que se proceda no Rio de Janeiro a um perfeito serviço de repressão aos tóxicos, faz-se necessário um aparelhamento humano e material à altura do complexo e angustioso problema. Por que não se adotar uma organização idêntica à existente no Ministério das Relações Exteriores?» — perguntou o comissário Rui Tenório.

APESAR DE TUDO...

... as autoridades inicialmente citadas nesta reportagem farão, por êstes dias, o possível e o impossível para desfechar a mais atômica de tôdas as batalhas contra aquêles que fazem da maconha o seu rendoso (e criminoso) comércio e — os viciados — a falsa posição dos seus mais absurdos anseios no terreno das taras e das fantasias. Em nossa próxima reportagem denunciaremos ocorrências gravíssimas relativamente ao tráfico e ao vício da maconha, bem como os pontos e a lista nominal dos vendedores da maldita erva no Rio de Janeiro.

★ A SEMANA ACABOU ASSIM ★ A SEMANA ACABOU ASSIM ★ A SEMANA ACABOU ASSIM ★

Muito frio no Rio Grande, Carmen Miranda vai voltar, Eden garante paz mundial até o fim do ano, a banana está mais cara e Mangabeira afirma que "é preciso destruir Getúlio".


CLEOFAS
Falando só.


DUQUE DE EDIMBURGO
Paris, helas!


ADEMAR
«Estou com tudo».


WAINER
Casou-se mesmo.


SERGE SINGER
«Bateau mouche».


GAL. ANCORA
Não sai.


CARMEN MIRANDA
Vai sair.


MANGABEIRA
Quer entrar.

- «Ainda não sei o que vou falar com Eisenhower», afirma Churchill.
- Vai ser dissolvida a Dieta japonêsa.
- Chega ao fim, sem vitória, a batalha do «impeachment».
- Cleofas perde terreno em Pernambuco.
- Miss «Universo» visitará S. Paulo e possivelmente Pôrto Alegre.
- Zezé Moreira visitaria, em missão esportiva, países da «Cortina de Ferro».
- O Duque de Edimburgo está passando alguns dias em Paris.
- Todo o senado americano contra McCarthy.
- Vai ser dràsticamente reestruturada a Secretaria da Educação da Prefeitura.
- «Não me subestimem. Ainda estou com tudo» — afirma Ademar.
- Zsa Zsa Gabor vai mesmo casar com Rubirosa. (Em seguida virão ao Brasil, afirma-se).
- Vassourada nos Escritórios Comerciais do Brasil na Europa.
- Em ponto morto a guerra na Indochina.
- Novamente enfêrmo o Papa Pio XII.
- Eden: Tenho esperanças de que a paz mundial será definitivamente conquistada em 54».
- José da Rocha Padilha (o funcionário do Banco do Brasil que foi prêso): «Vou abrir a bôca e contar tudo o que sei».
- O Brasil começará a exportar papel de imprensa (das fábricas do Paraná).
- Confusão e nomes feios na política baiana.
- Novo aumento: o da banana.
- Desfalque de 500 mil cruzeiros na Caixa do Banco do Brasil.
- Samuel Wainer casou-se mesmo (em Petrópolis) com Danusa Leão.
- Sucesso de Serge Singer no «Beguin».
- A polícia procura inocentar «Coice de Mula», matador do jornalista Nestor Moreira.
- «Nunca pensei em deixar a Chefia de Polícia», declara o general Ancora.
- Ademar volta às boas com Getúlio.
- Frio e geada no Rio Grande do Sul.
- Cada vez maior a fila de navios no Cais do Pôrto.
- Aumento de vencimentos para os «barnabés» de Niterói.
- Churchill e Eden ficarão dez dias nos Estados Unidos.
- Carmen Miranda abandonará definitivamente o cinema; diz que virá morar no Brasil.
- Tremor de terra na fronteira do Brasil com o Peru.
- Iminente um golpe de Estado na Guatemala.
- «Lock-out» de feirantes em Copacabana.
- Mangabeira: «E' preciso destruir Vargas».
- Cyl Farney foi filmar na Alemanha prometendo casar com Fada Santoro assim que regresse.
- Balanço do último desastre de trem, em Aristides Lôbo: 2 mortos e 44 feridos.
- Charlie Chaplin Júnior anuncia o seu casamento com a atriz norte-americana Susan Cook para o próximo verão.
- Tremor de terra no Peru.
- França elege a rainha das flores.
- «Jornal das Letras» comemora seu sexto aniversário.

★ A SEMANA ACABOU ASSIM ★ A SEMANA ACABOU ASSIM ★ A SEMANA ACABOU ASSIM ★



Coquetel



Esporte



Passeio



Noite





Os fãs de Marlene encontram-na em qualquer lugar através do Correio. E ela não os deixa sem resposta.

A ELEGÂNCIA DE MARLENE

Texto de **GREGÓRIO MATOS** — Fotos de **ALEXANDRE MIRANDA**

MARLENE é indiscutìvelmente um dos maiores cartazes do nosso Rádio. É casada com Luís Delfino, mora num belo apartamento em Copacabana. Organizou com seu marido uma companhia de teatro, já fêz cinema e conquistou muitos fãs. Gesticula mais do que canta, e representa mais do que gesticula. De qualquer forma, vem fazendo sucesso e ganhando muito dinheiro. Quando entra no auditório da Rádio, o público suburbano quase vem abaixo. Mas Marlene também conquista o público de elite, com seu desembaraço espantoso. Tanto faz para ela cantar num tablado de Madureira como numa buate da Zona Sul: a platéia sempre bate palmas. Marlene é tida também como uma das mulheres mais elegantes do Rio (no setor radiofônico). Sabe usar um chapéu com elegância, sabe fumar, sabe como vestir um casaco de peles e uma "toilette" de "soirée" Responde, com a ajuda de sua secretária, a tôdas as cartas de seus fãs. Tem um cachorrinho de estimação que não a deixa em paz. Já foi "rainha do rádio" mas hoje Delfino diz muito orgulhoso que ela é a rainha do lar.

Flash Paulista

HÉLIO ABREU

AINDA É DE EXPECTATIVA a atitude das classes conservadoras de São Paulo, em face a medida governamental que determinou o novo salário mínimo. Os homens de negócios do Estado bandeirante estranharam o descaso do govêrno federal pelo importante problema, agora agravado pela atuação demagógica do ex-ministro Jango Goulart, que persiste no propósito de levar a intranqüilidade aos quatro cantos do país.

OS MEIOS DESPORTISTAS de São Paulo foram colhidos de surprêsa pelo convite da C.B.D. ao industrial Mário Fruguele, para que o dito senhor fôsse, por conta da Confederação, à Suíça. O sr. Frugiuele (que levou também a espôsa) já embarcou. Comenta-se que um homem tão rico bem que poderia ter pago, do próprio bôlso, esta viagem de recreio.

ANUNCIA-SE para breve o regresso do conde Francisco Matarazzo, que se encontra na Europa em viagem de repouso.

O INCIDENTE entre o representante do jornal «O Dia» de São Paulo e a Secretaria de Segurança foi esclarecido. Os fatos não se passaram como a princípio se pensou. Não houve cassação de credenciais. Onda, e nada mais, foi o que existiu.

O MINISTRO interino da Agricultura, sr. Osvaldo Aranha, endereçou ao sr. Fúlvio Morganti, agradecendo a uma mensagem de congratulações pela sua investidura na pasta, um telegrama no qual fixa a sua posição no caso do açúcar paulista. Segundo o titular da agricultura suas declarações à imprensa não foram fielmente reproduzidas, uma vez que êle, Aranha, não se opõe à indústria açucareira do Estado de São Paulo.

CONFORME ANUNCIAMOS, cerraram suas portas as indústrias «Firestone» e «Good-Year». E o govêrno federal, que fará? Na certa vai esperar que os pneus subam de preço, para depois entregar o caso a COFAP, ninho de parasitas e pésimos incompetentes.

POR TRÊS VOTOS contra dois a Comissão de inquérito que investiga o famigerado projeto 336, da Assembléia de S. Paulo, concluiu pela cassação dos mandatos dos deputados Conceição Santamaria e Asdrubal Cunha. Se bem que acertada, não acreditamos que o plenário confirme esta decisão de moralidade pública.

UM DOS ASSALTANTES do trem pagador da Central do Brasil (onde um valente ferroviário perdeu a vida) usava na lapela um trevo de quatro fôlhas.

TOLEDO PIZA foi feito candidato de Getúlio em São Paulo. Com êle, entretanto, não ficará uma ponderável ala do PTB, da qual fazem parte os senhores Menotti del Picchia e Paulo Marzagão.

CONFORME foi amplamente noticiado, a Real Transportes Aéreos acaba de adquirir o contrôle da Aerovias Brasil. Parabéns ao comandante Lineu Gomes e novas perspectivas para a aeronáutica civil em nossa terra.

O RATO BRANCO que o sr. Jânio Quadros exibe em seus comícios, dentro de uma gaiola especial foi, ao que dizem, um presente do sr. Toledo Piza, hoje candidato do PTB a governança paulista. Por falar em rato, consta que agora, ao invés de vassoura, é pensamento do prefeito de São Paulo utilizar um «roedorzinho» como símbolo da sua campanha . . .

NOTA INDISCRETA: O sr. M. V. S., da alta sociedade de piratininga, chegou recentemente da Europa trazendo como bagagem além de dois Citroens e muitas geladeiras também uma interessante filha da pátria de Edmond Rostand . . .

ÚLTIMO FLASH



Começa nas paredes o futuro do Brasil

Cinco anos antes das eleições, os políticos já começam a ambicionar postos de mando no govêrno. Mas é quando faltam apenas alguns meses para as eleições que as campanhas começam a tomar forma e as ambições ficam próximas de um triunfo ou de um fracasso. As tipografias começam a imprimir promessas, e as paredes começam a ser cobertas de «slogans». Os muros da cidade se transformam numa gigantesca arena onde os lutadores gritam bem alto na voz das tintas e das frases bem feitas. Os candidatos imprimem cédulas que decidirão nas urnas através do voto secreto. Os prognósticos nem sempre são exatos diante da vontade do povo, essa massa complexa que nem sempre se deixa sugestionar pela fôrça da propaganda

O NOIVO TÍMIDO PARA A NOIVA INSINUANTE: "ESTÁ BEM"



O GATUNO PARA A PRÓPRIA ESPÔSA: «Não, não vou lá em baixo saber que ruído é êsse porque se tiver alguém aqui dentro o problema depois é explicar à polícia quem é o gatuno».



Ilustrado por PIQUI'

NÃO COMPREENDO...

... porque só na hora de nos despedirmos é que nos lembramos que temos uma coisa muito importante a dizer.

A Dúvida



(Um conto duvidoso)



O marido já não acreditava mais naquela história de dentista. Primeiro era uma vez por semana, depois passou a três e agora era todo dia. A desculpa não variava nunca: "Querido, hoje vou ao dentista". Foi por isso que resolveu tirar tudo a limpo. Quando a espôsa se arrumou e saiu, êle resolveu segui-la. Meia hora depois, ela entrava num prédio, pegava o elevador e entrava num consultório de dentista. Foi aí que êle passou a dormir calmamente e a viver tranquilo. E foi aí que ela passou a ter mais liberdade de traí-lo com o dentista.

Estudou ballet pelo sistema braille. Foi uma grande **braillerina**.

O suíço teve vontade de morrer. **Suiçidou-se.**

Era uma moça histérica e tôda vez que via uma comédia em CinemaScope dava gargalhadas **histeriofônicas**.

PONTOS DE VISTA



RUAS são êsses caminhos que servem para dividir os quarteirões.

•

ARMARIO EMBUTIDO é um pedaço da nossa casa que entra pelas paredes.

•

CAMPAINHA é êsse botãozinho que irrita o que está de fora quando não funciona, e irrita o que está de dentro quando funciona.

Frases para Literatos

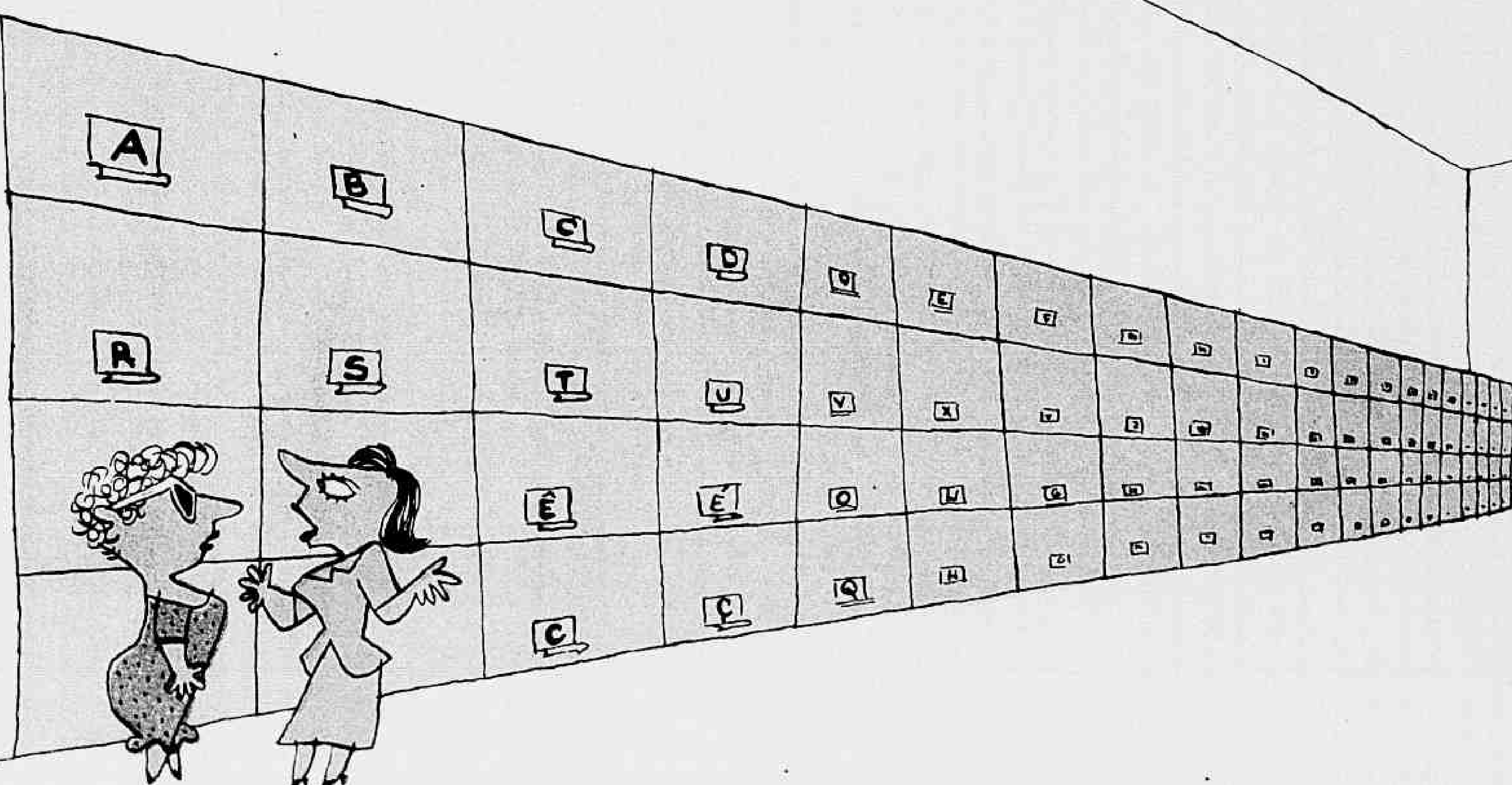
Mudou de expressão assim como quem acaba de conferir um bilhete de Loteria.

•

Não era bem branca nem pròpriamente morena. Tinha côr de escritório.

•

Êle tinha o poder de se renovar diàriamente como se fôra uma dívida.



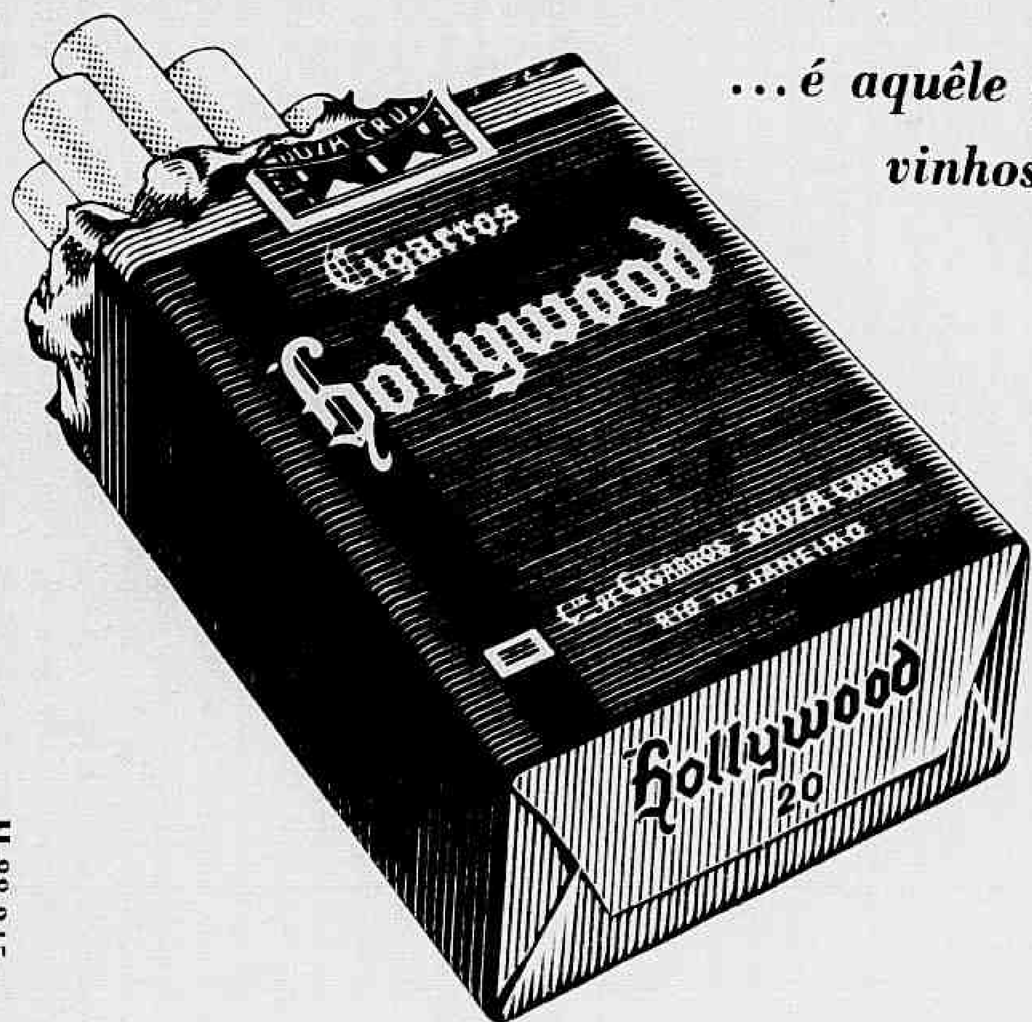
A ARQUIVISTA — Não sei o que fazer, o chefe da seção se meteu a engraçadinho e eu o tranquei dentro do arquivo, e agora perdi a chave.

A SECRETÁRIA — Mande fazer outra chave.

A ARQUIVISTA — Não é isso. O que me preocupa é a reação do patrão quando êle encontrar o Francisco arquivado na letra «J».



Um "connoisseur"...



...é aquêle que distingue entre os melhores vinhos — o mais fino, o de melhor paladar, o que mais caracteriza o bom gôsto da escolha.

E é também esta particularidade que leva os fumantes a preferir

hollywood

uma tradição de bom gôsto

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

11-88.245